UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

GLÁUCIA ANTONOVICZ LOPES

A semanticização do elemento *em:* dados do português paulista dos séculos XVIII e XIX segundo a abordagem multissistêmica e a linguística cognitiva

Versão revisada

São Paulo - SP

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

GLÁUCIA ANTONOVICZ LOPES

A semanticização do elemento *em:* dados do português paulista dos séculos XVIII e XIX segundo a abordagem multissistêmica e a linguística cognitiva

Versão revisada

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Verena Kewitz

"De acordo" (10/08/2017)

_____

São Paulo - SP

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L 864
s

Lopes, Gláucia
A semanticização do elemento em: dados do português paulista dos séculos XVIII e XIX segundo a abordagem multissistêmica e a linguística cognitiva / Gláucia Lopes ; orientadora Verena Kewitz. - São Paulo, 2017.
165 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Semântica. 2. Preposição. 3. Prefixo. I. Kewitz, Verena, orient. II. Título.

Nome: LOPES, Gláucia Antonovicz

Título: A semanticização do elemento *em*: dados do português paulista dos séculos XVIII e XIX segundo a abordagem multissistêmica e a linguística cognitiva

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Filologia e Língua portuguesa

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Janderson Lemos de Souza

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Maria Clara Paixão de Sousa

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Maria Lucia Leitão de Almeida

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Aos amores da minha vida: Roseli, Reinaldo,
Felipe, Anderson e Janaina.

Agradecimentos

Agradeço ao responsável por este trabalho: meu querido, amado, inspirador e eterno professor Janderson Lemos de Souza. Sua paixão e amor pela linguística fizeram de mim também amante dessa ciência. Suas aulas e orientações motivaram-me a continuar no mundo das Letras e a elaborar o presente trabalho. Sem você, nada disso teria acontecido, por isso, mais uma vez, muito obrigada!

Agradeço à minha orientadora professora Verena Kewitz pela paciência e dedicação na execução deste trabalho.

Agradeço à banca de qualificação, em especial, aos professores José Simões e Janderson Lemos de Souza, pela leitura crítica e contribuições concedidas a este trabalho.

Agradeço à banca de dissertação, em especial, às professoras Maria Clara Paixão e Maria Lúcia Leitão e ao professor Janderson Lemos de Souza pelas leituras minuciosas e detalhadas conferidas a esta dissertação, permitindo que a mesma fosse aprimorada.

Agradeço à minha querida amiga e companheira de trabalho Giovanna Feitosa, que através das incontáveis trocas de angústias e experiências, auxiliou-me a manter a força até os últimos dias.

Agradeço à minha família pelo incondicional apoio. Em especial, aos meus pais, que, nos mais diversos momentos de aflição, tiveram paciência para me ouvir e amparam-me no que foi preciso e impreciso. O apoio e amor deles são imprescindíveis. Sem vocês, nada disso teria sido feito, muito obrigada!

Agradeço ao meu irmão que desde a minha juventude incentiva meus estudos e à minha irmã de coração Janaina por acreditar na minha capacidade.

Agradeço a paciência e o apoio do meu amado Felipe Goes que ouviu inúmeras reflexões acerca deste trabalho e com muita admiração e zelo, acalmou minha alma nos momentos de dificuldade. Agradeço aos meus pais de coração, Eli Goes e Sérgio Goes que, com muita consideração, também dividiram comigo as aflições e felicidades deste trabalho.

Agradeço a todos docentes que desde a minha infância até à academia contribuíram direta ou indiretamente com a minha formação. Embora “individual”, este trabalho é o resultado do esforço que todas essas pessoas depositaram em mim.

Por fim, agradeço à Capes por financiar minha pesquisa. Este trabalho é também meu retorno à sociedade, que através de suas árduas e infindáveis contribuições, subsidiou toda a minha formação acadêmica.

Língua portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

RESUMO

Neste trabalho, com base na Abordagem multissistêmica (CASTILHO 2010) e na Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987, LANGACKER 1993), é estudado o processo de semanticização (CASTILHO, 2010) do elemento *em*.

Nos estudos direcionados a esse elemento, uma grande quantidade de categorias semânticas lhe é atribuída. Por isso, esta pesquisa buscou a redução desse número de categorias.

Na análise, foram usados o estudo de Kewitz et al. (no prelo) direcionado ao estudo das preposições e os sentidos históricos do elemento *em* (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955). Os dados usados em nossa análise, séculos XVIII e XIX, foram coletados nos *corpora* do projeto *Para História do Português Paulista* (PHPP), ou projeto Caipira II.

Segundo Kewitz et al. (no prelo), a heterossemia é responsável pela perspectivização de cenas promovida por preposições. As diferentes maneiras pelas quais uma preposição pode perspectivizar uma cena foram organizadas pelos autores (op. cit.) em três funções semântico-cognitivas. Na primeira, uma preposição pode exprimir um EI (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, DEWELL 2005); na segunda ela estabelece relações dentro de um MCI (LAKOFF 1990/1987, KEWITZ et al., no prelo), via metonímia (LAKOFF 1990/1987, LANGACKER 1993, SOARES DA SILVA 2006) e na terceira, relações entre MCI, via metáfora (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, LAKOFF 2006).

Quanto aos sentidos históricos, o elemento *em* é capaz de ativar sentidos como interioridade, limitação, direção/objetivo, modo/maneira e transformação (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955).

A partir dessas concepções, foi feita uma categorização prototípica dos dados (LAKOFF 1990/1987) - preposição e *chunk* (BYBEE 2010, p. 34). Foi constatado nessa análise que o elemento *em* desempenha as funções propostas por Kewitz et al. (no prelo) de acordo com o sentido histórico ativado em um certo contexto de uso.

Por meio deste estudo, nos foi possível reduzir a quantidade de categorias semânticas atribuídas ao elemento *em.* Comprovamos também que o elemento em é polissêmico, mostrando assim que sentido é ativado pelas palavras e não que estas os somam (LAKOFF 1990/1987, SOARES DA SILVA 2006).

Palavras-chave: semântica, semanticização, preposição, *chunk*, funções semântico-cognitivas, sentido histórico, polissemia.

ABSTRACT

In this work, according to *Abordagem mustissistêmica* (CASTILHO 2010) and concepts from cognitive linguistics (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987, LANGACKER 1993) the process of semantization of the element *em* is researched.

In the works about this element, multiple semantic categories are given to it. That is why this research aims at the redution of this categories number.

The analysis was based on the Kewitz et al. (no press) study about the meaning prepositions and the element *em*'s historic meaning (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955). The data used in the analysis, was from between the XVIII and XIX centuries, and were extracted from *corpora* of project *Para Historia do Portugues Paulista* (PHPP), also know project *Caipira II*.

Accoring to Kewtiz et al. (in press), the heterossemy is responsible for the perspectivization of scenes promoted by prepositions. The different ways prepositions perspectivize a scene were organized by authors in three cognitive-semantic functions. In the first, a preposition can express an EI (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, DEWEL 2005); in the second it establishes relations inside an MCI (LAKOFF 1990/1987, KEWITZ et al., in press), via metonymy (LAKOFF 1990/1987, LANGACKER 1993, SOARES DA SILVA 2006) and in the third, relations between MCI, via metaphor (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, LAKOFF 2006).

Relative to the historic meanings, it was noted that the element em is capable of activating meanings such as interiority, limitation, direction/objective, way/method and transformation (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955).

From this conception, was made a prototypical categorization of data (LAKOFF 1990/1987) - prepositions and *chunk* (BYBEE 2010, p. 34). It was noted in this analisys that the element *em* works the three cognitive-semantic functions proposed by Kewitz et al. (no press) according to the historic meanings activated in determined context.

By means of this study, it was possible to reduce the number of semantic categories given to element *em*. We also noted that the element *em* is polysemic, therefore, showing that the words themselves don't have meaning, but instead, activate meaning.

Key Words: semantics, semanticization, preposition, chunk, cognitive-semantic functions, meaning historic, polysemy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gramáticas consultadas para a revisão da literatura 22

Quadro 2: Síntese da preposição latina *in* e do prefixo latino *in-* quanto à origem, modalidade, função e sentido (FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955/1955) 27

Quadro 3: Comparação entre sentidos do elemento *em*: gramáticas latinas e gramáticas históricas do português 31

Quadro 4: Sentidos da preposição *em* adaptados de Bechara (2015, p. 332-333) 32

Quadro 5: Síntese dos sentidos latinos e históricos da preposição *em* 33

Quadro 6: Reorganização das categorias semânticas de Bechara (2015, p. 332-333) 34

Quadro 7: Sentidos da preposição *em* adaptados de Neves (2011, p. 670-674) 41

Quadro 8: Reorganização dos sentidos da preposição *em* propostos por Neves (2011, p. 670-674) 43

Quadro 9: Sentidos da preposição *em* adaptados de Castilho (2010, p. 596 - 607) 45

Quadro 10: Sentidos da preposição *em* adaptados de Ilari et al. (2015, p. 250-253) 49

Quadro 11: Reorganização dos exemplos de Ilari et al. (2015, p. 250-253) 51

Quadro 12: Sentidos da preposição *em* adaptados de Oliveira (2011, p. 49 - 55) 53

Quadro 13: Reorganização exemplos de Oliveira (2011, p. 49 - 55) 54

Quadro 14: Autores consultados para organização dos Pressupostos teóricos 60

Quadro 15: Documentos selecionados para a coleta 99

Quadro 16: Siglas dos dados 102

Quadro 17: Processos de semanticização 103

Quadro 18: Síntese dos sentidos latinos e históricos da preposição *em* 104

Quadro 19: A polissemia da preposição *em* 104

Quadro 20: Relações entre os sentidos e as funções sintático e semânticas 153

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Funcionamento da AM 65

Figura 2: EI CONTÊINER estudos linguísticos (DEWELL, 2005, p. 377) 76

Figura 3: EI CONTÊINER segundo Dewell (2005, p. 378) 78

Figura 4: Domínios e domínio-matriz 81

Figura 5: Preposição *em* exprime o EI CONTÊINER 88

Figura 6: Preposição *em* estabelece relações dentro de um MCI 90

Figura 7: Preposição *em* estabelece relações entre MCI 91

Figura 8: Fluxograma dos procedimentos de análise 105

SUMÁRIO

1. Introdução 15

1.1 Justificativa e objeto de estudo 16

1.2 Objetivos 19

1.3 Organização do trabalho 20

2. Revisão da literatura 22

2.1 Estudos do latim 23

2.2 Estudos históricos 28

2.3 Estudos normativos 31

2.4 Estudos descritivos 36

2.5 Estudos cognitivos 44

2.6 Considerações sobre o capítulo 55

3. Pressupostos teóricos 59

3.1 Abordagem multissistêmica 60

3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias 67

3.2.1 Modelo Cognitivo Idealizado 70

3.2.2 Esquema Imagético 74

3.2.3 A metáfora e a metonímia 80

3.3 O processo de semanticização 84

3.3.1 A primeira instância da heterossemia 86

3.3.2 A segunda instância da heterossemia 92

3.4 Considerações sobre o capítulo 94

4. Metodologia 98

4.1 Coleta de dados 98

4.2 Procedimento de análise 101

5. Análise 106

5.1 Elemento em atuando como preposição 107
5.1.1 O elemento em exprime o EI CONTÊINER 108
5.1.2 O elemento em promove uma relação dentro do MCI 111
5.1.2.1 Em limita o seu escopo: localização no espaço 112
5.1.2.2 Em limita o seu escopo: documentos são lugares 120
5.1.2.3 Em limita o seu escopo: pessoas são lugares 122
5.1.2.4 Em limita o seu escopo: tempo/datas são lugares 123
5.1.2.5 Em limita o seu escopo: unidades de medida são lugares 124
5.1.2.6 Em limita o seu escopo: trajetos são lugares 126
5.1.2.7 Em limita o seu escopo: eventos/circunstâncias são lugares 126
5.1.2.8 Em limita o seu escopo: tópicos discursivos são lugares 129
5.1.3 O elemento em estabelece relações entre MCI 130
5.1.3.1 Relação entre MCI: modo/maneira 132
5.1.3.2 Relação entre MCI: causa/consequência 135
5.2 O elemento em e a formação dos chunks 139
5.2.1 O processo de chunking 140
5.2.2 Os chunks e as palavras 147
5.3 Considerações sobre o capítulo 151
6. Considerações finais e horizontes da pesquisa 155
Referências Bibliográficas 159
Referências dos corpora 165

1. Introdução

Antes de apresentar a organização dessa introdução, é importante salientar que o presente trabalho está vinculado ao *Projeto Para História do Português Paulista II* (PHPPII)[1], pois nossa pesquisa utilizou dados dos séculos XVIII e XIX oriundos de seus *corpora* diacrônicos para analisar os processos de semanticização do elemento *em*.

Também denominado Projeto Caipira II, o PHPP II é a equipe paulista do projeto nacional *Para História do Português do Brasil* (PHPB), que, em razão de sua extensão, é organizado por Grupos de Trabalhos em diversas regiões do Brasil (CASTILHO, 2009, p. 15-17). O Projeto Caipira II, visa, dentre outras propostas, a coletar, organizar e disponibilizar *corpora* diacrônicos do Português Paulista, de modo a apoiar pesquisas sobre essa variedade (PROJETO PHPP II) em diversas frentes de trabalho.

Isso posto, nesta Introdução, explanaremos os motivos que conduziram à pesquisa da semanticização do elemento *em* na seção *1.1 Justificativa e objeto de estudo*. Na seção seguinte, *1.2 Objetivos*, com base na seção 1.1, apresentaremos os objetivos do nosso trabalho e, por fim, na seção *1.3 Organização do trabalho*, a maneira como estruturamos essa pesquisa como um todo.

---

[1] FAPESP (Processo nº 2011/51787–5).

1.1 Justificativa e objeto de estudo

Segundo Castilho (no prelo), há pelo menos duas maneiras de se fazer ciência: a partir da *ciência clássica* ou da *ciência dos sistemas complexos*. O autor (op. cit.) atenta que não se pode pontuar uma forma como sendo melhor do que a outra.

Teorias baseadas na *ciência clássica,* conforme Castilho (no prelo), fazem descrições da língua, visto analisarem-nas como sendo sistemas cristalizados, não prevendo dinamicidade[2]. Os estudos históricos, normativos, descritivos e até alguns cognitivos abordados neste trabalho ilustram esse modo de fazer ciência, porque trabalham descrevendo individualmente vários exemplos e usos em vez de buscarem padrões gerais de processamento capazes de explicar todas as ocorrências.

Sabe-se que as línguas naturais estão em constante transformação; do contrário, o PB ainda seria igual ao português arcaico. Por este motivo, Castilho (op. cit.) avalia que uma outra forma de analisar a língua é com base na *ciência dos sistemas complexos*[3], pois aquela é definida como um conjunto de produtos e também processos, os quais estão em constante transformação por serem dinâmicos, simultâneos e multilineares.[4]

Neste trabalho, a partir da descrição dos produtos apresentadas pelas teorias e estudos consultados no capítulo *2. Revisão da literatura*, nós buscamos processos gerais que expliquem o funcionamento semântico do elemento *em*.[5]

---

[2] Este sentido de dinâmico faz referência à Abordagem multissistêmica, que prevê, dentre outros pressupostos, que a língua está em constante transformação (CASTILHO 2010).
[3] Limitamos nossa explicação, pois detalhar cada uma destas orientações epistemológicas seria tratá-las como objetos de pesquisa, o que transcorreria o estudo da semanticização do elemento *em.*
[4] Cf. capítulo *3. Pressupostos teóricos.*
[5] Nos referimos ao *em* genericamente como “elemento” para demonstrar que não é possível categorizar de forma clássica um elemento que, assim como qualquer outro da língua, está em

Nosso interesse pelo estudo das preposições e dos prefixos teve como origem o projeto de iniciação científica[6] que por sua vez deu origem à presente pesquisa de mestrado. Nosso questionamento inicial dirigia-se à existência de pares de preposições-prefixos na língua; pretendíamos pesquisar se havia uma única motivação para que um mesmo elemento atuasse como preposição e como prefixo, justificando, portanto, o convívio.

A priori, mantivemos o estudo pelos pares de preposição-prefixo. Optamos pelo par de preposição-prefixo *em*[7], por ser o único capaz de acionar, dentre outros sentidos, o sentido de interioridade.[8] Contudo, no decorrer dos estudos, percebemos que um recorte deveria ser empreendido. Duas observações extraídas do capítulo *2. Revisão da literatura* explicam nossa seleção.

Por um lado, com base no que é discutido nesse capítulo, entendemos que os prefixos precisam de uma atenção especial e individual por serem pouco abordados nos estudos consultados.[9] Acreditamos que as ponderações oriundas deste trabalho se façam necessárias para o melhor entendimento do funcionamento dos prefixos, e também a sua relação com as preposições, além de abrir possibilidades e indagações para futuras pesquisas.

---

constante transformação (CASTILHO, 2010). Nesse sentido, priorizamos a categorização prototípica (LAKOFF 1990/1987) para observar o funcionamento dos dados sem excluir representantes radiais.

[6] *Os pares de preposição-prefixo no português brasileiro sob a ótica da Linguística Cognitiva.*

[7] E demais variações gráficas/fonéticas do prefixo *en-,* como por exemplo, *em-, en-, e-* e *in-*. É importante salientar que nosso objetivo se volta ao estudo do sentido desse elemento com base nas funções desempenhadas por ele, em especial, na condição de preposição.

[8] De maneiras diferenciadas e com uma taxionomia nem sempre convergente, estudos do latim, históricos, normativos, descritivos e cognitivos do elemento *em* apontam para esse sentido.

[9] Os prefixos e os sentidos ativados por *en-* são definidos de forma breve pelas pesquisas e obras consultadas e/ou até mesmo nem citados, como é o caso dos estudos descritivos (NEVES 2011, PERINI 2005, 2010) que por sua predileção à sintaxe, não o analisaram. Estudos cognitivos, como é caso do apresentado por Ilari et al. (2015), também não discutem a correspondência entre preposições e prefixos.

Por outro lado, ainda nesse capítulo, notamos certas dificuldades no estudo do sentido da preposição *em*.[10] Estudos normativos, descritivos e também cognitivos apresentaram listas consideráveis de possíveis sentidos assumidos pela preposição *em*, valendo-se muitas vezes da semântica composicional (CHIERCHIA, 2003). Essa aparente idiossincrasia justifica nossa pesquisa sobre a semanticização (CASTILHO, 2010), isto é, dos processos de criação de sentido da preposição *em*.

Do suposto "caos" observado nas listas de exemplos dos autores consultados, reparamos que ora os autores atribuíam à preposição *em* o sentido do verbo cuja grade argumental ela integrava, ora o sentido de seus escopos, ora o sentido geral do enunciado. Além disso, observando o sentido desses exemplos, (1) constatamos que as preposições focalizavam apenas seus escopos ou (2) promoviam uma relação entre os termos anteriores e sucessores a elas. Essas verificações nos motivaram a optar por um estudo do elemento *em* enquanto preposição.

Nos comprometemos, portanto, a estudar não a homonímia da preposição *em*, como parecia ser, mas os processos semânticos que geram a polissemia (LAKOFF 1990/1987, SOARES DA SILVA 2006) desse elemento, como já proposto por outros autores, Ilari et al. (2015) e Oliveira (2009, 2011).

[10] Embora analisemos apenas a preposição *em*, não deixamos de empreender comentários parciais acerca do prefixo *en-* no capítulo *2. Revisao da literatura*. Nosso intuito foi conceder caminhos para pesquisas futuras.

1.2 Objetivos

Com o intuito de entender a semanticização do elemento *em,* nos embasamos nos pressupostos teóricos da AM (CASTILHO, 2010), na proposta de Kewitz et al. (no prelo) para o estudo semântico das preposições, em determinados conceitos da LC para o estudo do sentido e nos sentidos históricos do elemento *em* (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955).

Kewitz et al. (no prelo) propõem que as preposições são capazes de perspectivizar cenas de modos diferentes. As preposições são, portanto, polissêmicas, pois possuem três funções semântico-cognitivas relacionadas às diferentes maneiras de perspectivizar essas cenas. As funções, originadas a partir dos estudos de Lakoff (1990/1987)[11], são: (1) exprimir um EI, (2) estabelecer relações dentro de um MCI e (3) estabelecer relações entre MCI (LAKOFF 1987). Isso posto, nossos objetivos são:

1. Analisar se o elemento *em* desempenha na língua em uso as três funções semântico-cognitivas propostas por Kewitz et al. (no prelo).
2. Os sentidos históricos da preposição *em* de alguma forma relacionam-se às funções desempenhadas pelo elemento *em*.

[11] Lakoff (1990/1987) propõem as funções apresentadas. Os autores (KEWITZ et al., no prelo) aplicaram-nas aos estudos das preposições. Neste trabalho, usamos estas funções para uma pesquisa de dados.

1.3 Organização do trabalho

O capítulo 2 deste trabalho é dedicado à *Revisão da literatura*. Nele abordamos estudos do latim, históricos, normativos, descritivos e cognitivos voltados ao elemento *em.* A partir dessa leitura, problematizamos questões e organizamos os objetivos que nortearam nossa pesquisa. Ainda nesse capítulo, nós determinamos, conforme os estudos consultados, os sentidos históricos desempenhados pelo elemento *em* (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955), os quais foram usados como guia em nossa análise.

Na sequência do trabalho, apresentamos o capítulo *3. Pressupostos teóricos,* que está dividido em três seções: *3.1 A Abordagem multissistêmica*, *3.2 A Linguística Cognitiva: um conjunto de teorias* e *3.3 Os processos de semanticização*. Na primeira seção, apresentamos a AM (CASTILHO 2010) e a sua concepção de língua, que é usada neste trabalho; na segunda, determinados pressupostos e conceitos da LC elaborados para o estudo do sentido que, por sua vez, também são usados no estudo da semanticização do elemento *em*; na terceira, a proposta de Kewitz et al. (no prelo) para o estudo da semanticização das preposições.

O diálogo entre a AM e a LC já foi elaborado em outros trabalhos (CASTILHO 2010, ILARI et al., 2015, KEWITZ et al., no prelo); assim como eles, aproximamos um conjunto de teorias, a LC, a uma abordagem teórica, a AM, para o estudo da semanticização do elemento *em*.[12]

---

[12] Elaborar um diálogo entre as teorias da LC e a AM seria tratá-las como objeto de estudo e não como perspectivas teórias para uma análise. Por esse motivo, longe de estabelecer relações, neste trabalho, usamos a concepção de língua da AM e os conceitos da LC para a análise da semanticização do elemento *em.*

No capítulo *4. Metodologia*, explicamos como empreendemos a coleta de dados nos *corpora* do PHPP II e como procedemos em nossa análise. Por fim, no capítulo *5. Análise,* nós apresentamos a análise dos dados. Ele está dividido em duas seções: na primeira, nós analisamos o elemento *em* atuando como preposição e, na segunda, o elemento *em* formando *chunks* (BYBEE 2010, p. 34).

A primeira seção da análise é subdivida de acordo com as três funções semântico-cognitivas desempenhadas pelas preposições (KEWITZ et al.). Todos os dados foram dispostos em uma categorização prototípica (LAKOFF 1990/1987), a qual seguiu a abstração do sentido (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987). Começamos dos sentidos mais concretos, experienciais, até os mais figurados, imaginados. [13]

Organizamos a segunda seção de análise, pois na coleta de dados nos *corpora* diacrônicos do PHPP II, séculos XVIII e XIX, observamos o elemento *em* na formação de *chunks* (BYBEE 2010, p. 34). Está seção é subdividida em duas seções em conformidade com o processo de formação de *chunks*. A primeira seção, *5.2.1 O processo de chunking,* apresentamos casos em que os *chunks* ainda estão sendo formados e na seção *5.2.2 Os chunks e as palavras*, dados em que os *chunks* já estão formados, inclusive no PB sincrônico.

Por fim, no capítulo *6. Considerações finais e horizontes da pesquisa,* apresentamos as constatações de todo este trabalho, bem como nossos próximos passos, elaborados a partir das reflexões aqui expostas.

---

[13] Entidades mais experienciais dizem respeito a existência concreta delas na realidade. Por exemplo, *casa* é uma entidade mais experiêncial do que a entidade *família*. *Família* é um conceito menos experiencial, e também figurativo, pois é um conceito abstrato, criado pela cognição humana.

2. Revisão da literatura

Neste capítulo, apresentamos as origens, definições, funções e sentidos do elemento *em*, seja na função de preposição, seja na de prefixo, a partir de diversas perspectivas teóricas. Seguindo uma ordenação cronológica, este capítulo está dividido nas seguintes seções: *2.1 Estudos do latim, 2.2 Estudos históricos, 2.3 Estudos normativos, 2.4 Estudos descritivos e 2.5 Estudos cognitivos.* Abaixo relacionamos as obras consultadas:

Quadro 1: Gramáticas consultadas para a revisão da literatura

Gramáticas latim clássico	Almeida NM (1983)	Cart et al. (1986/1955)	Faria (1958)	
Gramáticas latim vulgar	Maurer Jr. (1951)	Maurer Jr. (1959)		
Gramáticas históricas do PB	Câmara Jr. (1979/1975)	Nunes (1930)	Coutinho (1962/1938)	Said Ali (1964/1921)
Gramáticas normativas	Cunha & Cintra, (2013)	Rocha Lima (2013/1957)	Bechara (2015)	
Gramáticas descritivas[14]	Câmara Jr. (1970)	Neves (2011/2000)	Alves (2015)	
Estudos de base cognitiva	Oliveira (2009, 2011)	Castilho (2009, 2010, 2012, no prelo)	Ilari et al. (2015/2008)	

[14] Consultamos Perini (2005, 2010), mas não o explicitamos, pois o autor focaliza seus estudos apenas em funções sintáticas desempenhadas pelas preposições.

2.1 Estudos do latim

As gramáticas do latim clássico (FARIA 1958, CART et al. 1986/1955/1955) consideram que as *preposições latinas* são oriundas de *advérbios* ou, conforme Faria (1958, p. 255), de *partículas independentes*. Elas eram usadas com dois casos, o *ablativo* e o *acusativo* (ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955/1955, FARIA 1958). Algumas preposições antecediam um ou outro caso e outras marcavam os dois casos. Em relação à função desempenhada pelas preposições, ainda no latim clássico,

> A princípio, sua função era trazer mais ênfase à expressão, sendo também empregadas por uma necessidade **maior de clareza**, uma vez que as relações que mais tarde passariam a indicar, os casos já exprimiam por si mesmos. **Depois, entretanto, havendo um enfraquecimento do valor significativo dos casos, o emprego desses advérbios e partículas se tornou uma necessidade absoluta de clareza, sendo por esse motivo frequentemente usados, o que determinou o aparecimento de uma nova classificação gramatical, a das preposições.** (FARIA, 1958, p. 255).

No mesmo direcionamento da citação acima, Câmara Jr. (1979/1975, p. 175) afirma que as preposições promoviam a relação de dependência entre o *verbo* e seu *complemento,* pois além da desinência de caso, *partículas adverbiais, ou seja, preposições,* eram antepostas aos complementos verbais e delimitavam melhor as condições de dependência:

> É um traço característico da tipologia das línguas românicas, em geral, face do latim, o desenvolvimento de um sistema de preposições para estabelecer relações de subordinação entre os constituintes de uma oração.
>
> O latim já possuía um princípio deste sistema, a fim de subordinar certos complementos ao verbo respectivo. O nome complemento vinha no caso acusativo ou ablativo, já indicadores da subordinação ao verbo, mas a partícula adverbial que se lhe antepunha, e por isso se chamava 'preposição' na terminologia gramatica, insistia no elo subordinativo e **delimitava melhor as condições de dependência**. (op. cit., p. 175, grifo nosso)

A “delimitação” de que trata Câmara Jr. (1979/1975) e a “maior clareza” exposta por (FARIA, 1958) no que tange à relação de subordinação entre preposições e complementos foram mantidas no latim vulgar, pois, segundo Maurer Jr. (1959, p. 190), elas eram uma espécie de “partícula de realce”. Tal fato é considerado pelo autor como um

> Fenômeno interessante do latim vulgar é o reforço de grande número de advérbios de tempo e de lugar e de certas preposições pela anteposição a uma preposição de uma preposição, sem que lhe modifique o sentido fundamental dos mesmos. (op cit., p. 167)

Especificamente, a preposição latina *in*, no latim clássico, era usada para reger tanto o caso acusativo quanto o ablativo (ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955, FARIA 1958). “O acusativo indica o lugar para onde se vai; o ablativo, o lugar em que se está” (CART et al. 1986/1955, p. 84).

Dessa forma, quando a preposição latina *in* era anteposta ao caso acusativo*,* poderia ser traduzida para o português através das preposições *a, para* ou *contra,* ativando, portanto, um sentido que envolve movimento. Quando alocada antes do caso ablativo*,* poderia ser traduzida para o português através das preposições *em* ou *sobre*, ativando um sentido estático, sem movimentação. (ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955/1955, FARIA 1958).

Maurer Jr. (1959, p. 190) destaca que as preposições no latim vulgar regiam apenas o caso acusativo; a preposição *in,* segundo ele (op. cit., p. 206 - 211), era empregada para introduzir complementos circunstanciais de lugar (*in Roma, in Marsilia*); de direção (fato que generalizou as preposições latinas *ad* e *in*, pois, nessa

modalidade do latim, “perdem a distinção primitiva”); de tempo (*in senectute*) e de fim/atribuição (*in rem militarem*). [15]

O autor afirma também que a preposição *in*, no latim vulgar, “tornou-se mais comum do que na língua clássica” (op. cit., p. 206), porque, por exemplo, segundo ele, o latim vulgar admite complemento circunstancial de tempo sem preposição, enquanto que no português, e em outras línguas românicas, tal fato não é possível, havendo, portanto, a necessidade da preposição: (*no verão, na tarde, em agosto, etc*).[16]

Quanto aos prefixos, as gramáticas do latim clássico (ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955/1955, FARIA, 1958) os consideram como oriundos de preposições ou partículas.

O prefixo latino *in*- possuía dois sentidos em razão de duas origens. Cart et al. (1986/1955, p 91) afirma que os prefixos latinos são ao mesmo tempo preposições. Sendo assim, o prefixo *in,* assim grafado pelo autor, era ao mesmo tempo uma preposição. Enquanto que o prefixo *in*-, também grafado dessa maneira pelo autor, era empregado unicamente como prefixo.

O prefixo *in,* de origem preposicional, é traduzido pelo autor para o português através das preposições *em*, *para* e *sobre* (*ineo*: entro); enquanto que o prefixo *in*- possui o sentido de negação (*intrepidus*: sem temer).

Seguem nesse mesmo direcionamento os autores Faria (1958) e Almeida NM (1983). Em especial, conforme os estudos de Faria (1958), havia também dois

---

[15] É interessante observar que a distinção entre os sentidos evocados pela preposição *in* com cada caso no latim vulgar parece não ser tão nítida como o era no latim clássico. Esse fator pode explicar porque na língua portuguesa a preposição *em* é polissêmica, visto ter herdado os dois sentidos que no latim clássico eram diferenciados pelos casos. Isso é provavelmente decorrente da simplificação dos casos do latim clássico ao latim vulgar (MAURER Jr. 1951, 1959).

[16] Os exemplos entre parênteses ao longo da seção foram concedidos pelos próprios autores.

prefixos latinos *in-;* o primeiro, oriundo de prevérbios e partículas prepositivas, podendo ser traduzido para o português pelas preposições *em* ou *sobre,* possuía os sentidos de *penetração* e *movimento contra* (*ingrediar*: ingressar, *imprecor*: fazer imprecações contra, *impono*: por em ou sobre). O segundo *in-* era uma partícula negativa que formava compostos nominais[17] (*incognitus*: desconhecido, *incredulus*: incrédulo).

No que tange ao latim vulgar, segundo Maurer Jr. (1951, 1959), havia também dois prefixos. O de sentido negativo, assim como no latim clássico, segundo o autor era nominal e era usado principalmente com adjetivos e advérbios (*improbus, improbe, etc*). Não era usado com verbo; com verbos, era o usado o prefixo *ne(c)*: (*nescire, neglegere*).

Nessa modalidade da língua, o autor afirma que o prefixo *in-* (negativo) não era muito usado, sobreviveram "formas populares (...) termos isolados, em que já não se tinha a consciência da composição" (MAURER Jr., 1951, p. 128)[18]. Os exemplos são: *insipidus, integer, invitus, immundus*. Entretanto, na Romênia ocidental, segundo o autor, esse prefixo de negação é abundante, principalmente com adjetivos (*impossível, inexplicável, intolerante, invisível, irreal, inexplicável*).

Em relação ao outro prefixo *in-,* no latim vulgar, segundo o autor (op. cit.) era "um prevérbio muito empregado exprimindo posição e depois passagem a um estado diferente. (...) É comum na formação de parassintéticos" (*imbracare, impenhare, impromutuare, indurare, ingeneculare, ingluttire, ingrassiare*).

---

[17] As gramáticas latinas tratam a prefixação como um processo de composição, por este motivo usam a terminologia "composto". Adotamos a mesma terminologia a fim de não abordar a discussão, mantendo a mesma concepção em relação às preposições e aos prefixos propostas pelos autores. As gramáticas históricas também consideram a prefixação como um processo de composição, com exceção de Said Ali (1964/1921) que considera a prefixação como processo derivacional.

[18] O autor considera que a prefixação é um processo de composição, embora reconheça que tal distinção é arbitrária (MAURER Jr. 1959, p. 239).

Abaixo há um quadro em que é possível encontrar uma síntese dos sentidos apresentados:

Quadro 2: Síntese da preposição latina *in* e do prefixo latino *in-* quanto à origem, modalidade, função e sentido (FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955/1955)

Preposição latina *in*					
Origem	**Modalidade**	**Funções (sintática e semântica)**	**Tradução/Sentido**		
Advérbios latinos e partículas independentes	Latim clássico	Marcar subordinação do complemento ao verbo. Tornar enunciado mais claro.	**Estrutura**	**Tradução para o português**	**Sentido**
			In + caso ablativo	Preposições *em* ou *sobre*	Permanência, sem movimento.
			In + caso acusativo	Preposições *a*, *para* ou *contra*	Movimento diretivo
	Latim vulgar	Partícula de realce.	*In* + caso acusativo		Lugar, tempo, direção, fim/atribuição.

Prefixo latino *in-*			
Modalidade	**Correspondente/ origem[19]**	**Tradução/Sentido**	
Latim clássico	Prevérbio, partículas prepositivas e preposições	**Estrutura**	**Tradução para o português**
		In- + verbos	Preposições: *Sobre, em, para*.
		In- + nomes (adjetivos)	Negação/privação
Latim vulgar	Partícula de negação/privação Prefixo	*In-* + verbos	Posição ou passagem de um estado diferente
		In- + nomes (adjetivos e advérbios)	Negação/privação

Através desse panorama, constata-se que as preposições eram oriundas de advérbios e partículas independentes. No latim clássico, elas podiam estabelecer uma relação de subordinação entre um verbo e o respectivo complemento, tornando o enunciado mais claro. No latim vulgar, devido à redução de casos, as preposições

[19] Não há nas gramáticas do latim clássico nem do latim vulgar, explanações acerca das funções semântica ou morfológica desempenhada pelos prefixos.

passaram a ser obrigatórias e eram usadas reforçar termos ou expressões no sentido de tempo e lugar.

A preposição latina *in*, tanto no latim vulgar quanto no clássico possuí acepções próximas (movimento circunscrito, diretivo, resultado a que se chega, permanência).

Sobre os prefixos, verificou-se que são oriundos de preposições ou de partículas que se alocavam antes de verbos e nomes. Os chamados *prevérbios*, em razão da posição que ocupavam, passaram a se unir aos verbos e também a nomes, criando assim um sistema de formação de prefixos que se iniciou no indo-europeu. Observamos essa formação também no latim clássico e vulgar.

O prefixo latino *in-*, segundo os estudos, possuía duas origens e, portanto, dois sentidos - *sobre, em, para, movimento contra* e *negação/privação,* respectivamente. Tais sentidos, segundo os estudos, foram mantidos no latim vulgar.

2.2 Estudos históricos

As gramáticas históricas da língua portuguesa (NUNES 1930, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921) consideram que as preposições e os prefixos portugueses são oriundos de advérbios e preposições latinos.

No latim, vimos que havia dois prefixos *in-*. Um que correspondia a preposição latina *in* e outro que, embora a grafia fosse a mesma, a semântica era de negação e sempre foi usado como prefixo. Tais semânticas mantiveram-se no português, havendo apenas alterações na grafia deles.

Segundo Coutinho (COUTINHO 1962/1938, p. 206), o prefixo português *en-*, conforme o autor também grafado como *em-* ou *e-,* possui a "ideia de movimento para dentro ou para algum lugar, tendência, revestimento" (*empilhar, empobrecer, empalmar, embarcar, emplumar, engarrafa*). Já o prefixo *im-*, conforme o autor também grafado como *in-* ou *i-,* possui a "ideia de negação/privação" (*impávido, imberbe, imbecil, infeliz*). Said Ali (SAID ALI 1964/1921, p. 249), atenta que

> qualquer que seja o seu valor semântico, pronuncia-se *ĩ* e está sujeito às seguintes alterações fonéticas. (...) *i* antes de *l* e *r* (*ilegível, ilegal, irresponsável*); (...) *in-* se se combina o prefixo com palavra iniciada por *vogal* (ou *h*) (*inevitável, inexistente, inesperado*); (...) se em lugar de *ĩ* usa-se *ẽ* (grafia *en-*, *em-*), dá-se o desdobramento antes de *vogal* ou *h* (*enaltecer*), mas a nasalidade se conserva antes de *r* e *l* (*enrijar, enrolar, enraivar, enlutar, enrugar, enroupar, enroscar, enlodar, enlamear*).

Essa breve explicação do autor a respeito da fonética do prefixo português cujo som é *ĩ,* nos mostra que, o prefixo cujo sentido é de negação não sofreu alteração gráfica, manteve assim a mesma grafia latina, podendo ser escrito como *in-*, *im-* ou *i-* . Said Ali (1964/1921, p. 249) inclusive faz referência a esse como "prefixo negativo" (*incompleto, inútil, impossível*).

Já o prefixo latino *in-* que possuía correspondência com a preposição latina *in,* no português, sofreu alteração gráfica e fonética, podendo ser escrito como *en-, em-* , *e-* e também como *in-* (*inundar, implantar, inscrever, inspirar, insurgir, incorrer, imigrante, etc.*).

No que tange às preposições vernáculas, diferentemente de Nunes (1930) e Coutinho (1962/1938)[20], Said Ali (1964/1921, p. 203), além de ponderar que são herdadas de preposições e advérbios latinos como os demais autores, considera que essas palavras são "antepostas a substantivos e pronomes (e também ao

[20] Os sentidos apresentados por esses autores estão organizados no quadro 3.

infinitivo como forma nominal) para lhes acrescentar de lugar, instrumento, meio, posse, etc.”

Maurer Jr. (1951, 1959), Faria (1958) e Said Ali (1964/1921) apontam para a função semântica das preposições. Se, no latim, mais no vulgar do que no clássico, elas tinham a função de tornar o enunciado mais claro, no PB, tal função foi perpetuada ao ponto de Said Ali (1964/1921) considerar que elas não têm uma função apenas passiva enfática, mas ativa de atribuir sentidos aos seus escopos.

Essa análise nos conduz à possível concepção de que as preposições assumiram a função semântica dos casos nas línguas românicas. Por isso, os sentidos do elemento preposicional *em* oriundos do latim podem ter sido ressemanticizados, ou seja, reativados no português.

Diante do que foi exposto e sabendo que a língua segundo a AM é pancrônica, (CASTILHO, 2010)[21], elaboramos um quadro que promove a comparação dos sentidos latinos (FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955/1955) com os sentidos vernáculos/históricos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955) do par de preposição-prefixo *em* para compreender a evolução semântica do elemento *em*:

[21] Cf. seção *3.1 Abordagem multissistêmica.*

Quadro 3: Comparação entre sentidos do elemento *em*: gramáticas latinas e gramáticas históricas do português

Sentido latino (preposição *in*)		**Sentido histórico vernáculo (preposição *em*)**
In + caso ablativo (latim clássico)	Permanência, movimento circunscrito, lugar onde se está	Interioridade, tempo, direção: lugar para onde, destino, ponto de ação, modo, instrumento.
In + caso acusativo (latim clássico e vulgar)	Movimento diretivo, contra, resultado a que se chega	
Sentido latino (prefixo *in*-)		**Sentido histórico vernáculo (prefixo *in*- e as respectivas variações gráficas/fonéticas)**
In- + verbos	Posição ou passagem de um estado diferente	*En-, em-*, *e-, in-*: movimento para dentro ou algum lugar, tendência, revestimento.
In- + nomes (adjetivos e advérbios)	Negação/privação	*In*-, *im*- ou *i-:* negação

O quadro acima, organizado a partir dos estudos do latim e históricos sobre o elemento *em* (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM1983, CART et al. 1986/1955), ilustra que tanto a preposição *em* quanto o prefixo *in*- do PB, e as demais variações gráficas/fonéticas, assumiram na língua vernácula os sentidos do latim clássico/vulgar.

2.3 Estudos normativos

Embora as gramáticas normativas apresentem diversos sentidos às preposições, essa classe de palavras é definida pela tradição exclusivamente pela função sintática: ligar termos, estabelecendo entre eles uma relação de subordinação na qual o segundo termo completa o primeiro (CUNHA & CINTRA 2013, ROCHA LIMA 2013/1957, BECHARA, 2015).

À preposição *em* são atribuídos diversos sentidos pela tradição, que, por vezes, são estabelecidos pela via composicional (CHIERCHIA, 2003), considerando assim não somente a preposição, mas outros termos presentes no enunciado para determinar seus sentidos.[22]

Dentre os autores consultados, Bechara (2015) apresenta a maior quantidade de sentidos e exemplos da preposição *em*. Por este motivo, foi selecionado para ilustrar o tratamento semântico da tradição oferecido às preposições:

Quadro 4: Sentidos da preposição *em* adaptados de Bechara (2015, p. 332-333)

Sentido	Exemplos
(1) Formam-se mais tempestades **em** nós mesmos que no ar, na terra e nos mares.	Lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado.
(2) Os homens **em** todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam.	Temo, duração, prazo.
(3) Foi **em** pessoa receber os convidados. (4) Pagava **em** cheque tudo o que comprava.	Modo, meio.
(5) O homem de juízo converte a desgraça **em** ventura, o tolo muda a fortuna **em** miséria. (6) Dar **em** doido.	A nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide.
(7) A casa foi avaliada **em** milhares de reais.	Preço, avaliação.
(8) Vir **em** auxílio. (9) Tomar **em** penhor. (10) Pedir **em** casamento.	Fim, destinação.
(11) General **em** chefe. (12) Ferro **em** brasa.	Estado, qualidade ou matéria.
(13) Há povos que são felizes **em** não ter mais que um só tirano.	Causa, motivo (geralmente antes do infinitivo).
(14) Salta **em** terra. (15) Entrar **em** casa.	Lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado.
(16) Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos **em** talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando...	Forma, semelhança, significação de um gesto ou ação.

[22] Ao falar de sentido composicional neste trabalho, remete-se a um conceito clássico em de semântica (CHIERCHIA, 2003, p. 270): "O objeto da semântica composicional (...) são as operações mediantes as quais os significados das palavras se combinam entre si (...)". Em outas palavras, na semântica composicional, os sentidos dos termos relacionam-se entre si e são determinados um com base no outro.

Por conta da quantidade de sentidos, em uma primeira análise, parece que não há nenhuma relação entre as acepções de (1) a (16). Essa percepção é ocasionada porque alguns dos sentidos atribuídos à preposição *em* referem-se às palavras presentes nos exemplos. Bechara (2015) usa a composição para definir os sentidos, pois, nos exemplos (2), (5), (6), (7), (8), (9), (10), (14), (15) e (16), as palavras sublinhadas (*tempo*, *converte*, *dar, avaliada*, *vir*, *tomar*, *pedir*, *saltar*, *entrar* e *juntando*) possuem uma estreita relação com a semântica dada à preposição *em*.

Entretanto, uma releitura dos exemplos, com base nos sentidos latinos e históricos da preposição *em* (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955), revela uma diminuição na quantidade de categorias semânticas. Para tal, reorganizamos os sentidos da preposição latina *in* no quadro abaixo a fim de utilizá-los como guia para a análise:

Quadro 5: Síntese dos sentidos latinos e históricos da preposição *em*:

In + caso ablativo	In + caso acusativo
Interioridade	Direção/objetivo
Limitar um lugar	Modo/maneira
	Resultado a que se chega (transformação)

Com base nas acepções do quadro 5, dispondo de uma ordenação que se inicia por sentidos concretos e desenvolve-se a sentidos mais abstratos, reorganizamos o quadro 4 e chegamos ao seguinte resultado:

Quadro 6: Reorganização das categorias semânticas de Bechara (2015, p. 332-333)

Exemplos	Sentidos da preposição *em*
(17) Salta **em** terra. (18) Entrar **em** casa. (19) Formam-se mais tempestades **em** nós mesmos que no ar, na terra e nos mares. (20) Os homens **em** todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam.	Limitação de um local
(21) Dar **em** doido.	Transformação
(22) Vir **em** auxílio. (23) Tomar **em** penhor. (24) Pedir **em** casamento.	Direção/objetivo
(25) Foi **em** pessoa receber os convidados. (26) Pagava **em** cheque tudo o que comprava. (27) A casa foi avaliada **em** milhares de reais. (28) Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos **em** talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando... (29) O homem de juízo converte a desgraça **em** ventura, o tolo muda a fortuna **em** miséria. (30) General **em** chefe. (31) Ferro **em** brasa.	Modo/maneira
(32) Há povos que são felizes **em** não ter mais que um só tirano	Causa e consequência[23]

Através da reorganização exposta no quadro acima, é possível observar as relações estabelecidas pela preposição *em.* A depender do sentido, ora focaliza em seu escopo – exemplos (17) a (20) – ora relaciona dois termos – exemplos (21) a (32).[24]

Em relação aos prefixos, estes são definidos pela tradição (CUNHA & CINTRA 2013, ROCHA LIMA 2013/1957, BECHARA 2015) como morfemas, menores unidades de significação de uma língua, que se unem à frente dos radicais, atribuindo lhes um outro sentido. É unânime entre os autores a concepção de que o sentido do prefixo *en-,* tanto o latino quanto o grego*,* é de *movimento para*

[23] A semântica de causa e consequência, já proposta por Bechara (2015), parece estar relacionada ao sentido de transformação estabelecido pelas gramáticas do latim e históricas do PB.
[24] Sublinhamos as palavras a fim de tornar mais visíveis essas relações. No capítulo *3. Pressupostos teóricos* apresentamos como a AM e a LC tratam dessas relações, que, como visto, não são abordadas pela tradição.

dentro/interioridade. Apenas Rocha Lima (2013/1957, p. 254) expressa a existência do prefixo *in*- latino indicando negação.

Assim como os estudos do latim e históricos relativos ao prefixo *in*-, e demais variações gráficas e fonéticas, (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955), os autores afirmam que os prefixos possuem uma relação com as preposições (CUNHA & CINTRA 2013, ROCHA LIMA 2013/1957, BECHARA 2015) e com os advérbios (ROCHA LIMA 2013/1957, CUNHA & CINTRA 2013). Por este motivo, Rocha Lima (2013/1957, p. 252) determina que os prefixos “têm um sentido mais ou menos preciso, com qual modificam a palavra primitiva” e Cunha & Cintra afirma (2013) que eles “são mais independentes que os sufixos”.

Diferentemente, Bechara (2015, p. 355) frisa que os prefixos “têm mais força significativa” pela origem preposicional. Eles “empresta[m] ao[s] radicai[s] uma nova significação”, contudo “não formam uma nova categoria gramatical” (op. cit., grifo nosso) e, em geral, agregam-se a verbos e adjetivos sendo menos frequentes com substantivos.

Em relação ao sentido, a tradição (CUNHA & CINTRA 2013, ROCHA LIMA 2013/1957, BECHARA 2015) também assume que há dois prefixos *in*-. Um deles possui o sentido de movimento para dentro, mudança de estado (BECHARA 2015), e pode ser grafado das seguintes formas: *em*-, *en*-, *e*- ou *in*- (*embeber, enterrar, enevoar, ingerir, importar, incorrer*) ; já o outro, possui um sentido de negação e pode ser grafado da seguinte maneira: *in*-, *im*- ou *i*- (*incorrigível, ilegal, ignorância, indecente, incômodo, inútil, etc*).

2.4 Estudos descritivos

Em continuidade com a cronologia proposta a este capítulo, primeiramente, observaremos o tratamento de Câmara Jr. (1970, 1979/1975) sobre o elemento *em,* pois o autor (op. cit.) faz um retorno à história da língua portuguesa a fim de oferecer explicações para o convívio sincrônico de prefixos e preposições. Na sequência, analisaremos o comportamento da preposição *em* nos estudos de Neves (2011).

De acordo Câmara Jr. (1970, p. 93), os *vocábulos* são combinações de *formas mínimas*. Essas, por sua vez, são consideradas como "elementos últimos de significação" (op. cit., p. 91). As *formas mínima*s subdividem-se em (1) *livres*, que ocorrem isoladamente na língua, (2) *dependentes*, que não ocorrem isoladas, pois precisam de outros vocábulos e (3) *presas*, que se concatenam em outros vocábulos.

Isto posto, Câmara Jr. (op. cit.) define as preposições como *formas mínimas dependentes*, porque, embora coincidam com *vocábulos*, na frase elas "se disjungem facilmente do nome [ou verbo] que a[s] rege[m]" (op. cit., 1970, p. 88, grifo nosso).

Quanto aos prefixos, esses são definidos pelo autor (op. cit., p. 102) como "variantes das preposições sob o aspecto de formas presas". Como vimos, são formas mínimas presas, pois unem-se a outros vocábulos. Essa correspondência entre as preposições e os prefixos é explicada por Câmara Jr. (1979/1975) através de um retorno que o autor faz à história da formação dos sistemas de preposições e prefixos.

Segundo Câmara Jr. (op. cit., 116), a formação dos prefixos teve início no indo-europeu, no qual as partículas adverbiais - *prevérbios* - eram colocadas antes dos verbos. O processo teve continuidade no latim, dos *prevérbios* formaram-se os prefixos e também as preposições, pois, de acordo com os estudos do autor (op. cit., p. 175), partículas adverbiais eram antepostas aos complementos para também indicarem a relação de subordinação ao verbo.

A aproximação funcional entre as preposições e advérbios gerou uma confusão na definição de critérios distintivos entre as preposições e os advérbios nas gramáticas latinas (ALMEIDA NM, 1983). Tal dificuldade é ilustrada pelo fato de não haver definição e distinção efetiva entre as categorias de *prevérbios*, *partículas adverbiais* e *partículas independentes*, que, segundo os gramáticos latinos, originaram as preposições. Em outras palavras, essas palavras receberem uma nomenclatura genérica – partículas.

A fim de organizar a taxionomia, com base nos estudos históricos discutidos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955), consideramos que, se os *prevérbios* são partículas adverbiais (CÂMARA Jr., 1979/1975, p. 175), essas são, portanto, as partículas independentes citadas nas gramática latinas, que, por conta da nomenclatura “independentes” e também dos sentidos observados na seção anterior, possuíam, em prática, um comportamento adverbial.

Os *prevérbios*, *partículas adverbiais e independentes* - genericamente “partículas” - em um determinado momento passaram desempenhar uma função semântica obrigatória, a de atribuir mais clareza ao enunciado, situação que as fixou

em uma posição específica, conduzindo os gramáticos a nomearem-nas como preposições.

Parece que, por conta do posicionamento fixo e da função semântica de tornar o enunciado mais claro, as preposições deram origem a prefixos, pois começaram a ser grafadas junto a nomes e verbos.[25] Desta forma, é possível elucidar por que Câmara Jr. (op. cit., p. 227) afirma que havia um paralelismo entre as preposições e os prefixos no latim, bem como a definição direcionada aos prefixos - "variantes das preposições sob o aspecto de formas presas" (CÂMARA Jr., 1970, p. 102). O autor ressalta o fato de essa correspondência não ter perdurado no latim vulgar nem no português:

> O sistema de prefixos latino era paralelo ao sistema das preposições. Em princípio, **uma mesma partícula aparecia tanto autonomamente, como preposição diante de um nome funcionando como complemento verbal, como integrada a um verbo ou um nome para criar uma nova palavra.**
>
> Sabemos, entretanto, que **o sistema de preposições sofreu grande redução em latim vulgar e consequentemente em português.** Com isso se rompeu o paralelismo entre preposição e prefixo, que era nítida na estrutura do latim. (CÂMARA Jr., 1979/1975, p. 227, grifo nosso)

Pelo que foi exposto, é possível compreender por que Câmara Jr. (1970, 1979/1975) assume que há um convívio entre preposições e prefixos no PB. Por isso, o autor (op. cit.) propõe que o sistema dos prefixos na língua vernácula seja subdivido em três grupos: (1) os que funcionam como preposições, (2) os que são variantes (em forma erudita) das preposições e (3) os que são exclusivamente prefixos.

---

[25] Segundo Kewitz et al. (no prelo), esse fenômeno é explicado por meio da concepção de rotinização, em que duas palavras ou mais ganham *status* de unidade (LANGACKER 1987) e passam a ser grafadas como uma única palavra, é o caso de *derepente*, *encima*, *denovo*, *oque*, etc.

Em relação ao Português, podemos notar que o prefixo *in*- cujo sentido é de negação, sempre foi prefixo, inclusive no latim. Enquanto que o prefixo português *en*-, e outras variações gráficas/fonéticas, cujo sentido é de movimento circunscrito e diretivo, possui como correspondente a preposição *em;* isso porque, já no latim, havia também o convívio entre a preposição latina *in* e o prefixo latino *in*-.

Dando continuidade à revisão, em um outro estudo relativo aos prefixos, Alves (2015, p. 19), através de um retorno às gramáticas da língua portuguesa, conclui que os prefixos têm uma função semântica, visto modicarem o sentido do radical, atribuindo ou uma "ideia acessória" (COUTINHO,1962/1938, p. 189; PEREIRA E. C., 1958, p. 193 *apud* Alves 2015 p. 19) ou uma "uma relação" (RIBEIRO, 1919, p. 87 *apud* ALVES, 2015, p. 19) ou uma "circunstancia adicional de tempo, negação e posição" (BUENO, 1963, p. 72 *apud* Alves 2015 p. 19).

Esse panorama apresentado por Alves (2015)[26] nos mostra que os prefixos, por serem originados de preposições, com exceção do prefixo *in*- cujo sentido é de negação, provavelmente herdaram também a função semântica das preposições, reforçar a semântica dos seus escopos, que, no caso deles, são as bases. [27]

Dando prosseguimento à revisão da literatura, Neves (2011, p. 601) numa perspectiva sintática e discursiva, afirma que as preposições têm uma função

---

[26] Apesar de apresentar este quadro de definições, neste estudo, a autora tece considerações exclusivas ao *in*- prefixo de sentido negativo/opositivo (exemplos da autora: *inculto, inadequado, independente, inexistente, impossível, insuportável, infindável, irreversível, incapacidade, insegurança, irregularidade, inadequado, irreal, etc*) deixando de lado, por exemplo, o sentido de interioridade apresentado pelos estudos históricos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986) e normativos (CUNHA & CINTRA 2013, ROCHA LIMA 2013/1957, BECHARA 2015).

[27] Esse estudo fomenta a ideia de que os prefixos são oriundos das preposições, pois as funções semânticas dos prefixos são parecidas com as das preposições. As preposições, com base no que foi estudado, no latim clássico/vulgar faziam com que os sentidos dos enunciados ficassem mais claros (FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959) e na história no PB, passaram a atribuir um novo sentido aos seus escopos (SAID ALI, 1964/1921). Em outras palavras, no PB as preposições, assim como os prefixos, tornaram-se capazes de projetar um novo sentido a outro elemento lexical (CASTILHO 2009, 2010, 2012) - cf. capítulo *3. Pressupostos teóricos*.

relacional na língua, pois “atuam especificamente na **junção** dos elementos no **discurso** (...) indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem.” Ela ressalta ainda que as relações de complementação e adjunção são desempenhadas pelas preposições. Tais relações,

> dentro da visão de uma gramática de usos (...), permeiam e governam todo o texto, independente do nível das unidades (micro ou macroestruturais) envolvidas (sintagmas, orações, enunciados, parágrafos, capítulos etc.), penetrando nas suas subpartes, como reflexo e consequência da **organização geral** a que estão subordinadas. (op. cit., p. 601, grifo nosso)

Conforme as citações, Neves (op. cit.) descreve os diversos usos da preposição *em* com base na semântica composicional, pois considera a “organização geral” e não realiza especificamente uma análise isolada da preposição *em*. Em outras palavras, a autora toma como base a composicionalidade, que considera a combinação de sentidos dos elementos que compõem o enunciado (CHIERCHIA, 2003), gerando assim diversas acepções relacionadas à preposição *em* no discurso.

Organizamos um quatro no qual reproduzimos os sentidos e usos da preposição *em* propostos por Neves (2011) na relação de complementação. Para cada uso foi reproduzido um exemplo fornecido pela autora (op. cit.):

Quadro 7: Sentidos da preposição *em* adaptados de Neves (2011, p. 670-674):

Complemento de verbo	
Exemplo	**Sentido**
(33) Davi quer ir ao Snobar, não sai de minha mesa, mexe **nos** papéis.	O complemento indica o alvo da intervenção ou do toque
(34) João reparou **no** volume da barriga e deixou cair a arma.	O complemento indica o alvo da sensação, da percepção ou da atividade intelectual
(35) Mas também não creio mais **em** Padre Justino.	O complemento indica o objeto da crença/descrença
(36) A polícia foi severa: consentir apenas **na** saída de Sampaio.	O complemento indica o objeto do consentimento
(37) Realmente o Brasil vai encostar **na** América daqui a quarenta anos.	O complemento indica o ponto de contato
(38) Eis porque um plano racional de ensino deve apoiar-se **na** consideração de circunstâncias particulares que, a seu modo, alteram as linhas do plano ideal.	O complemento indica ponto de apoio
(39) Há muito que descontar **nas** pretensões de grandeza do português.	O complemento indica o alvo do desconto
(40) Sinhozinho desandou **em** bravatismos.	O complemento especifica o novo estado
(41) Garotos subiram **nos** postes e árvores.	O complemento indica o lugar a que alguém ou algo chega
(42) Deu a louca **em** todos.	O complemento se refere ao indivíduo em que surge o novo estado
(43) Demorava-me ainda **na** contagem.	O complemento indica a atividade
(44) O território pode construir-se **em** províncias.	O complemento se refere ao objeto transformado, ao resultado
(45) Que mania de falar **em** Deus.	O complemento indica o alvo da alusão
(46) Você foi escolhido, a sorte caiu **em** cima de você.	O complemento indica alvo atingido
(47) O capitão caiu **na** caatinga não faz suas semanas.	O complemento indica o objeto da imersão
(48) Mais de um sujeito correu **na** salvação de pescoço-pelado.	O complemento indica a finalidade
(49) Não admito envolverem alguém **nisso**.	O complemento indica o processo, atividade ou situação em que há o envolvimento
(50) Novamente ele me colocava **numa** posição falsa.	O complemento indica a posição em que algo ou alguém é colocado
(51) Descia a brocha **em** Totonho que só vendo.	O complemento indica o alvo do ataque
(52) Assenta bem esta arrogância **num** Macedo que se dirige a mulheres.	O complemento indica o objeto de referência
(53) A Revolução Francesa baseava toda a sua filosofia **no** Individualismo.	O complemento indica o objeto de referência

Este tipo de classificação é criticada por outros autores (CASTILHO, 2009; KEWITZ, 2007) devido ao alto índice de categorias semânticas geradas pelo sentido ser proposto com base na composicionalidade. Como sintetiza Castilho (2009, p. 285, grifo nosso):

> Neves não deixa claro **se essa extraordinária multiplicação de categorias semânticas se deve ao item lexical que seleciona a preposição (...) ou se se deve à composicionalidade**, caso em que os sentidos provavelmente rarefeitos das preposições se combinariam com aqueles das palavras à sua volta.

A observação de Castilho (2010) é pertinente, pois, embora Neves (2011) explique, na descrição das funções desempenhadas pelas preposições, que, em uma gramática de usos, deve se considerar a "organização geral" (op. cit., p. 601) para estabelecer o sentido do enunciado, tal critério de análise não é totalmente confirmado em prática.

Se observarmos atentamente o quadro 7, a autora usa o significado dos verbos sublinhados nos exemplos (33) a (39); o sentido dos complementos sublinhados nos exemplos (40) a (43); e o significado oriundo da relação verbo e complemento, também sublinhados, nos exemplos (44) a (53), para determinar o sentido final da preposição *em*.

A grande quantidade de categorias semânticas apresentadas pela autora nos auxilia a observar a potencialidade de criação e manutenção de sentidos, ou seja, semanticização da preposição *em* na língua. Ademais, nosso trabalho está comprometido com um quadro teórico cognitivista, no qual se preza a não modularidade da cognição. Nesse sentido, é fato que tudo o que está apresentado no enunciado contribui para seu sentido final do mesmo.

Contudo, dentro deste mesmo quadro teórico cognitivista, aceitar que, para cada uso da preposição *em*, haveria um novo sentido, sugere-se a ideia de que a cognição humana simplesmente pulverize sentidos da preposição *em* sem, por exemplo, estabelecer uma relação entre eles.

Seguindo o mesmo exercício realizado com os exemplos apresentados por Bechara (2015)[28], foi feita uma releitura dos exemplos de Neves (2011) com a intenção de reduzir as categorias semânticas da preposição *em* com base nos sentidos históricos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955):

Quadro 8: Reorganização dos sentidos da preposição *em* propostos por Neves (2011, p. 670-674)

Exemplo	Sentido
(54) Realmente o Brasil vai encostar **na** América daqui a quarenta anos. (55) O capitão caiu **na** caatinga não faz suas semanas. (56) Garotos subiram **nos** postes e árvores. (57) Davi quer ir ao *Snobar*, não sai de minha mesa, mexe **nos** papéis. (58) Assenta bem esta arrogância **num** Macedo que se dirige a mulheres. (59) Mas também não creio mais **em** Padre Justino. (60) Descia a brocha **em** Totonho que só vendo. (61) Você foi escolhido, a sorte caiu **em** cima de você. (62) João reparou **no** volume da barriga e deixou cair a arma. (63) Que mania de falar **em** Deus. (64) Não admito envolverem alguém **n**isso. (65) Novamente ele me colocava **numa** posição falsa. (66) Demorava-me ainda **na** contagem. (67) A polícia foi severa: consentir apenas **na** saída de Sampaio. (68) A Revolução Francesa baseava toda a sua filosofia **no** Individualismo. (69) Há muito que descontar **nas** pretensões de grandeza do português. (70) Eis porque um plano racional de ensino deve apoiar-se **na** consideração de circunstâncias particulares que, a seu modo, alteram as linhas do plano ideal.	**Limitar um lugar/espaço/entidade**

[28] Cf. Quadro 6.

Exemplo	Sentido
(71) Mais de um sujeito correu **na** salvação de pescoço-pelado.	**Direção/Objetivo**
(72) Sinhozinho desandou **em** bravatismos. (73) O território pode construir-se **em** províncias.	**Modo/maneira**
(74) Deu a louca **em** todos.	**Transformação**

Nesta reorganização, assim como nos exemplos de Bechara (2015), a depender dos sentidos, notamos que a preposição *em* focaliza seu escopo, exemplos de (54) a (70); nos demais exemplos, (71) a (74), o elemento *em* relaciona dois termos.

2.5 Estudos cognitivos

Segundo a AM, as preposições são definidas como palavras invariáveis que desempenham três funções: sintática, semântica e discursiva[29] (CASTILHO, 2010, p. 583). Essa classe de palavras, diferentemente do que foi estudado até o momento, é entendida como predicadora por atribuir propriedades semânticas aos seus escopos por conta do princípio de projeção.

Segundo Castilho (2012), o princípio de projeção é “um respeitável conceito gramátical que se aplica, na verdade, a todos os sistemas linguísticos”; o sentido de projetar usado neste trabalho é o mesmo proposto pelo autor (op. cit.): “ato ou efeito de arremessar, jogar algo para algum lugar”. Especificamente, o princípio de projeção aplicado ao sistema da semântica “resulta a criação dos sentidos”.

Por essa razão que as preposições têm a função semântica de “atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização” (CASTILHO 2010, p. 583), criando assim um novo sentido em seu escopo.

[29] Focaremos nossos estudos somente na função semântica em razão dos objetivos deste trabalho.

Castilho (2010, p. 586) atenta ao fato de as preposições não serem as únicas palavras que localizam objetos no espaço, os prefixos também representam a categoria de ESPAÇO na morfologia. Além disso, em relação ao elemento *em,* o autor (CASTILHO, 2010, p. 586) considera que enquanto prefixo é capaz de localizar um objeto no espaço no eixo continente/conteúdo, ou seja, tem um sentido de dentro/fora, como no exemplo *enterrar*. Enquanto preposição, Castilho (2010, p. 596 - 607) afirma que o elemento *em* pode projetar os sentidos de meta e interioridade. Abaixo reproduzimos os exemplos propostos pelo autor:

Quadro 9: Sentidos da preposição *em* adaptados de Castilho (2010, p. 596 - 607):

Exemplo	Sentido
(75) (...) que manda entradas para a gente e a gente não pode às vezes se negar então a gente vai **no** chá né?	Ponto final do percurso: meta
(76) Eu não vou chegar **em** Belo Horizonte no mesmo dia...	
(77) Entregaram o prédio mas sempre falta alguma coisa e essas coisa vai entrando **no** dinheiro da gente.	
(78) Tanto é que eu não moro **em** Recife eu moro **em** Olinda...	Localidade como ponto de referência
(79) Quase todo mundo **em** São José do Egito é poeta...	
(80) Morar bem é morar **num** apartamento de luxo...é morar **no** centro da cidade...	
(81) Fica **em** dúvida? são iguais exato...olha...é mais fácil (...)	Entidade abstrata como ponto de referência
(82) Aquela em que por exemplo atinge o homem **em** qualquer fase...qualquer idade...	
(83) Se limita a atuar **em** outros casos...	

Ainda que Castilho (2009, 2010) assuma que as preposições são palavras predicadoras, pois transferem propriedades aos seus escopos, na classificação elaborada pelo autor (CASTILHO, 2010) apresentada acima, com exceção dos exemplos (78) a (83), ele usa a composicionalidade para determinar o sentido da preposição *em*.

Nota-se que, nos exemplos (75) a (77), a semântica de *meta* está relacionada aos verbos sublinhados *vai*, *chegar* e *entrando*, que de fato evocam uma entidade para *final*/*meta*, complementos também sublinhados, mas tal sentido não poderia ser atribuído à preposição *em.* Nesses exemplos, a preposição *em* projeta o sentido de interioridade ao evento *chá,* à cidade *Belo Horizonte* e ao *dinheiro da gente* e não de meta. Em outros termos, Castilho (2010) atribui o sentido do verbo à preposição usando também a semântica composicional (CHIERCHIA, 2003).

Nos demais exemplos, (78) a (85), a preposição *em* parece de fato localizar uma entidade como ponto de referência; podendo estas serem mais experienciais, ou seja, reais, (78) a (80) ou menos experienciais, figuradas, (81) a (83).

Nesse mesmo direcionamento, com base na definição de preposição da AM (CASTILHO, 2010) e em certas teorias da LC, Ilari et al. (2015) propõem um estudo da polissemia das preposições. Conforme os autores (op. cit., p. 165), as preposições possuem uma variada atuação semântica.

De acordo com os pressupostos da LC, considerar que para cada um dos usos haveria uma nova forma e um novo significado seria afirmar que nossa cognição não

é dinâmica[30] e, por consequência, a aquisição da linguagem seria muito mais lenta e árdua do que de fato é. Contrapondo essa noção, com base no cognitivismo,

> a linguagem, busca recursos nas percepções características da espécie (...), nas experiências motoras básicas de que somos capazes (por exemplo, de deslocamento no espaço, de transferência e aproximação de objetos, de superação de obstáculos etc.) e nas experiências culturais (ILARI et al., 2015: 184).

Da mesma forma que estamos investigando a polissemia do elemento *em*, Ilari et al. (2015) desenvolvem um estudo da polissemia de algumas preposições com o objetivo de relacionar os sentidos, visando a reduzir as categorias semânticas atribuídas a essa classe de palavras. Ressaltamos o fato de Ilari et al. (2015) não serem os primeiros a propor um estudo polissêmico das preposições. Apesar de não aprofundar sua assertiva, Câmara Jr. (1979/1975, p. 177) divide o sistema de sentido do português, e consequentemente das preposições, em dois planos,

> Um primeiro, mais concreto, é o das localizações no espaço, e, por extensão, no tempo. Daí decorre um segundo plano de empregos modais, com conceptualizações, metaforicamente deduzidas, de estado, origem, posse, finalidade, meio, causa, objetivo e assim por diante. Desta sorte, o pequeno grupo de preposições essenciais portuguesas, todas de proveniência latina, opera em dois sentidos, e, na base da sua aplicação locativa, cada partícula desenvolve um conjunto de noções abstratas, complexo e sutil.

Ilari et al. (2015) determinam que a polissemia das preposições é ocasionada pelo processo denominado “Transposição de esquemas”, desenvolvido a partir dos conceitos de Esquema Imagético[31], Modelo Cognitivo Idealizado[32] e metáfora[33].

---

[30] O conceito de dinâmico refere-se à cognição humana, a qual é construída a partir das interações sensório-motoras do homem com a realidade, por isso é dinâmica (LAKOFF 1990/1987; Lakoff & Johnson 1985/1980). Por exemplo, há a noção de alto e baixo, porque ao longo do nosso crescimento, sabemos o que é o alto e o baixo, pois uma maçã pode cair do alto e atingir o baixo, dentre outras situações do cotidiano. Na abordagem multissitêmica (CASTILHO 2010), que será explanada no próximo capítulo, o conceito de dinâmico assume outra significação.

[31] Doravante EI

[32] Doravante MCI.

[33] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*

Para a AM, como visto anteriormente, as preposições são a classe de palavras que na língua representam a categoria cognitiva de ESPAÇO. Sendo assim, o sentido concreto das preposições é a localização. O uso metafórico desse sentido é gerado pela "Transposição de esquemas":

> A organização espacial trazida pela preposição para o domínio temporal é uma das tantas operações sobre esquemas imagéticos que chamaremos aqui de **transposição de esquemas. Outro rótulo que se poderia dar a tudo isso é 'uso metafórico de preposições',** porque a metáfora é, do ponto de vista cognitivo, uma operação que permite conceitualizar objetos e situações de um determinado tipo em termos de outros objetos e situações. (ILARI et al., 2015, p. 191, grifo nosso)

Em relação à citação, quando ocorre a transposição de esquemas, isto é, uma mudança de esquemas imagéticos[34], a metáfora é o processo que "permite conceitualizar objetos e situações e um determinado tipo em termos de outros objetos ou situações", fazendo com que as preposições ativem outros sentidos além do prototípico.

Quanto aos MCI, estes são usados nesse estudo para explicarem os diferentes sentidos, radiais e prototípicos, que são ativados pelas preposições no processo de categorização da realidade:[35]

> **Assim, o MCI permite que circulemos imperceptivelmente entre esses valores da palavra [sentido prototípico ou radial]**. Ora, a história das preposições é uma história de mudanças de sentido motivadas por MCI, **e a polissemia que as preposições apresentam é explicada pela possibilidade de valorizar um ou outro aspecto dentre vários** que, em condições normais, estão simultaneamente presentes numa mesma experiência e captados pelo mesmo MCI. (ILARI et al., 2015, p. 191, grifo nosso)

A partir da consideração da AM (CASTILHO, 2010) de que a língua é pancrônica[36], os autores (op. cit., p. 205) determinam, com base na categoria

---

[34] Cf. seção 3.2.2 Esquema imagético.
[35] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*
[36] Cf. seção *3.1 Abordagem multissistêmica.*

cognitiva de ESPAÇO, no EI CONTÊINER e em sentidos históricos[37], que a preposição *em* pode apresentar os sentidos concretos de *interioridade* e *meta.* A partir desses, sentidos figurados, menos experienciais, são criados via transposição de esquemas.

No quadro abaixo, organizamos as acepções abstratas historicamente criadas pela *Transposição de esquemas* da preposição *em* propostas por Ilari et al. (2015):

Quadro 10: Sentidos da preposição *em* adaptados de Ilari et al. (2015, p. 250-253)

Exemplos	Sentido preposição *em*
(84) Sempre que passo por lá perto, vou **na** igreja do Rosário.	Direção
(85) Raramente eu pego sol **em** Petrópolis.	Interioridade
(86) Tinham os bailes **em** todas as localidades onde íamos.	
(87) Então sai brigas **em** família.	
(88) Eu entrei **numa** escola e só saí para a universidade.	Tempo dinâmico: durativo
(89) O fato de, **em** um segundo, morrer duas mil, ahn, duzentas mil pessoas, apavora, né?	
(90) Geraldo volta **em** dois meses.	
(91) Agora roupa, o uruguaio, era **no** Brasil, vinha no Brasil comprar.	Tempo estático: pontual
(92) Fui a Salvador **na** época que era solteiro.	
(93) Nos formamos **no** dia dezenove de setembro de mil novecentos e trinta e cinco.	
(94) Poderíamos pensar **em** outro transporte.	Ligação
(95) Ele tinha uma coisa que, para mim, é uma das coisas mais extraordinárias **num** homem: um grande coração.	Parte-todo

Ainda que os autores tenham proposto uma análise polissêmica da preposição *em* visando à redução de categorias semânticas, observa-se o uso da semântica composicional, que considera termos presentes no enunciado. Com exceção dos

[37] Revisão dos autores e não a nossa.

exemplos (85), (86) e (87)[38], nos demais exemplos, parece haver o uso da composicionalidade para determinar o sentido da preposição *em*.[39]

Fazendo uma leitura detalhada destes exemplos, é notável que os sentidos de *direção,* no exemplo (84), e de *tempo* nos exemplos (89), (90), (91), (92) e (93) estão relacionados, respectivamente, ao verbo *ir* e aos substantivos que indicam tempo *segundo, dois meses, agora, época* e *dia/setembro.* O mesmo ocorre no exemplo (95), no qual a expressão *umas das coisas* se relaciona ao sentido *parte-todo* atribuído à preposição *em*.

O exemplo (88) ilustra por inteiro como os autores usaram a semântica composicional, pois não há termos que remetam ao tempo, todavia, o sentido geral do enunciado é de percurso durativo, pois o conceptualizador conta um breve percurso de sua vida acadêmica, *entrar na escola e só sair na faculdade*.

Sobre o sentido de ligação, que não está claro no exemplo (94), os próprios autores (ILARI et al., 2015, p. 253) atentam para o fato de o mesmo poder estar relacionado ao verbo *pensar*. Reorganizando o quadro 10 a partir dos sentidos históricos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955), obtivemos o seguinte resultado:

[38] Nesses exemplos, a preposição *em* parece de fato projetar a noção de interioridade/limite aos escopos, mesmo estes sendo menos experienciais, ou seja, mais figurativos, como é o caso do exemplo (87).
[39] Nos exemplos, sublinhamos as palavras cujas semânticas influenciam na classificação.

Quadro 11: Reorganização dos exemplos de Ilari et al. (2015, p. 250-253)

Exemplos	Sentido preposição *em*
(96) Sempre que passo por lá perto, vou **na** igreja do Rosário. (97) Raramente eu pego sol **em** Petrópolis. (98) Tinham os bailes **em** todas as localidades onde íamos. (99) Agora roupa, o uruguaio, era **no** Brasil, vinha **no** Brasil comprar. (100) Eu entrei **numa** escola e só saí para a universidade. (101) Poderíamos pensar **em** outro transporte.	Limitação: lugar concreto
(102) Ele tinha uma coisa que, para mim, é uma das coisas mais extraordinárias **num** homem: um grande coração. (103) Então sai brigas **em** família.	Limitação: pessoas são lugares
(104) O fato de, **em** um segundo, morrer duas mil, ahn, duzentas mil pessoas, apavora, né? (105) Geraldo volta **em** dois meses. (106) Fui a Salvador **na** época que era solteiro. (107) Nos formamos **no** dia dezenove de setembro de mil novecentos e trinta e cinco.	Limitação: tempos são lugares

Através da leitura do quadro acima, é possível perceber que a preposição *em*, ao focalizar seus escopos, parece limitá-los, independentemente de serem mais experienciais (reais), exemplos (96) a (103), ou menos experienciais (figurados, imaginados), (104) a (107).

Dando continuidade à revisão, em um outro estudo, com base nos pressupostos da LC (JOHNSON 1987, LANGACKER 1987) e determinadas teorias dessa orientação epistemológica[40], Oliveira (2009) propõe um estudo semântico-cognitivo e sincrônico da preposição *em*. Para tal, a autora analisou 2813

[40] Oliveira (2009) usa as teorias de metáforas conceituais (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980), a proposta da linguagem corporificada e esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987), semântica de classes fechadas (TALMY, 2000) e funções relacionais envolvidas na semântica de preposições espaciais (VANDELOISE, 1991) para descrever os sentidos da preposição *em* em diferentes situações.

ocorrências da preposição *em* oriundas de textos jornalísticos a fim de estudar a polissemia deste elemento.

Detalhadamente, a autora descreveu as extensões de sentido da preposição *em* sancionadas pelos Esquemas Imagéticos CONTÊINER, CONTATO e TRAJETO[41], obtendo um total de 22 categorias e subcategorias semânticas que explicam o funcionamento da preposição *em*. [42]

A autora une as definições de preposição e localização espacial: "as preposições designam relações atemporais entre duas entidades denominadas marco e trajeto" (LANGACKER 1987), "um objeto se localiza no espaço em relação a outro" (TALMY 2000 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 43), "assimetria conceitual na relação trajetor-marco" (TALMY 2000 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 52) para defender o posicionamento de Vandeloise (1991, 1994 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 55) de que a investigação semântica das preposições "deveria se basear no conhecimento enciclopédico sobre o tipo de relações que realmente se estabelecem entre entidades no espaço."

Desta forma, ela analisa seus dados propondo uma rede esquemática de sentidos, ou seja, a organização da polissemia[43] da preposição *em,* a partir da observação não somente dos processos cognitivos envolvidos na construção do conhecimento, mas também do contexto lexical que "contribui para a escolha da preposição mais adequada em cada evento de uso e para a distinção entre sentidos alternativos de uma mesma preposição" (OLIVEIRA, 2009, p. 87).

---

[41] Cf. seção *3.2 Linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*

[42] Apresentar cada uma das categorias e subcategorias estudadas pela autora ultrapassaria os objetivos deste trabalho, por esse motivo, na sequência apresentamos um quadro com alguns exemplos analisados pela autora a fim de ilustrar seu trabalho.

[43] Cf. seção *3.2 Linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*

A fim de ilustrar o tratamento feito por Oliveira (2009, 2011), abaixo selecionamos alguns dos exemplos estudados pela autora e os sentidos atribuídos à preposição *em*:

Quadro 12: Sentidos da preposição *em* adaptados de Oliveira (2011, p. 49 - 55)[44]

Exemplos	Sentidos
(108) A seleção masculina de vôlei do Brasil viverá nos Jogos de Pequim o fim de uma geração "surreal", **nas** palavras de seu comandante.)	Palavras como contentores
(109) ...características técnicas que sempre funcionaram **em** seus 11 anos de existência. (110) O helicóptero foi entregue ao Governo do Estado **no** dia 1º de outubro.	Localização no tempo (durativa e pontual)
(111) "Quando eu entrei **na** seleção, cobravam porque não convocava o Mineiro e o Josué..."	Localização em grupo
(112) Com um dos maiores atacantes de sua história no comando, os mexicanos não conseguiram vaga **nos** Jogos Olímpicos de Pequim e ainda foram derrotados pelos Estados Unidos na decisão da Copa Ouro.	Atividades e eventos
(113) Com isso, a tradição de dar notas e conceitos aos alunos caiu **em** desuso.	Estados e situações
(114) O jornal espanhol El Mundo saiu **em** defesa da brasileira Janaína Agostinho.	Finalidade

O quadro acima nos mostra como Oliveira (2009, 2011) atentou à importância da leitura cognitiva da situação empreendida pelo falante para a escolha da preposição *em*. Embora o objetivo da autora (OLIVEIRA 2009, 2011) seja estudar cada aspecto da cena que envolve a preposição *em*, os sentidos apresentados são, por vezes, mais uma vez determinados pela semântica composicional que usa palavras presentes no contexto do exemplos, as quais estão sublinhadas. Esse fato que gera novamente uma alta quantidades de categorias semânticas atribuídas à preposição *em*.

No exemplos (108), (111), (112), (113) e (114), o sentido é determinado pelas palavras sublinhadas. Nos exemplos (109) e (110), o sentido de tempo, sendo

[44] Em negrito, grifos da autora. Palavras sublinhadas, grifo nosso.

durativo ou pontual, também é determinado pelos escopos *11 anos* e *1º de outubro*. Sendo 11 anos entendido como um tempo durativo e um dia como pontual. Tal classificação é relativa, pois a própria percepção temporal é; se formos pensar em um dia, ele também possui 24 horas, 1440 minutos e 86400 segundo, fatores que também conduzem-no a um entendimento de durativo.

Assim como nos estudos anteriores, nós fizemos uma releitura dos exemplos de Oliveira (2011, p. 49 - 55) com base nos sentidos históricos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955) e obtivemos o seguinte resultado:

Quadro 13: Reorganização exemplos de Oliveira (2011, p. 49 - 55):

Exemplo	Sentido
(115) A seleção masculina de vôlei do Brasil viverá nos Jogos de Pequim o fim de uma geração "surreal", **nas** palavras de seu comandante.	Limitação de um lugar: palavras são lugares
(116) características técnicas que sempre funcionaram **em** seus 11 anos de existência. (117) O helicóptero foi entregue ao Governo do Estado **no** dia 1º de outubro.	Limitação de um lugar: tempos são lugares
(118) "Quando eu entrei **na** seleção, cobravam porque não convocava o Mineiro e o Josué..."	Limitação de um lugar: pessoas são lugares
(119) Com um dos maiores atacantes de sua história no comando, os mexicanos não conseguiram vaga **nos** Jogos Olímpicos de Pequim e ainda foram derrotados pelos Estados Unidos na decisão da Copa Ouro.	Limitação de um lugar: circunstâncias são lugares
(120) Com isso, a tradição de dar notas e conceitos aos alunos caiu **em** desuso.	
(121) O jornal espanhol El Mundo saiu **em** defesa da brasileira Janaína Agostinho.	Modo/maneira

Assim como na reorganização dos exemplos de Ilari et al. (2015), quadro 11, o quadro acima ilustra que, pela única semântica de limitar uma localidade, a preposição *em,* ao focalizar em seu escopo – palavra sublinhada - parece ser capaz

de limitar *palavras*, exemplo (115), *tempo*, exemplos (116) e (117), *pessoas,* (118), *circunstâncias,* exemplos (119) e (120). Além disso, observa-se como a preposição *em* relaciona termos e lhes atribui o sentido de modo/maneira, exemplo (121).

2.6 Considerações sobre o capítulo

Nesta revisão, notou-se que todas as perspectivas teóricas ao longo da história, em maior ou menor grau e com taxionomias diferenciadas, determinaram que as preposições estabelecem uma relação semântica e sintática entre duas palavras ou focaliza apenas uma.

No latim, foram destacadas as funções sintática e semântica das preposições, pois estas subordinavam o complemento ao verbo (ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955, FARIA (1958) e demarcavam melhor a semântica do enunciado (FARIA 1958, MAURER 1951, 1959). Nas gramáticas históricas, além da função sintática (NUNES 1930, COUTINHO 1962/1938), atentamos ao fato de Said Ali (1964/1921) determinar que as preposições acrescentam sentido ao escopo. Nas gramáticas normativas (CUNHA & CINTRA 2013, ROCHA LIMA 2013/1957, BECHARA 2015), as preposições são definidas como uma classe de palavras que subordina duas palavras, sendo que o segundo termo completa o sentido do primeiro.

Nas gramáticas descritivas, além da função relacional das preposições (NEVES 2011), a função semântica foi mais uma vez discutida (CÂMARA Jr. 1970). Nos estudos cognitivos, sobre a função semântica, as preposições foram definidas como predicadoras (CASTILHO 2010, ILARI et al. 2015), pois projetam sentido de

localização aos seus escopos e também como palavras que estabelecem a relação entre um *trajetor* e um *marco* em uma determinada cena (LANGACKER 1987).

Ainda nessa revisão, usamos os sentidos do elemento *em* coletados em estudos do latim e históricos do PB (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955) para reduzir o número de categorias semânticas atribuídas à preposição *em* pelos estudos normativos, descritivos e cognitivos. Por meio desse exercício, também notamos uma funcionalidade específica das preposições, que ora relaciona-se apenas ao escopo ora relaciona o termo precedente e o seu escopo.[45]

Além dessas ponderações, esses estudos nos mostraram que os sentidos históricos das preposições (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955) foram herdados pelo português. A polissemia da preposição *em* teve início no latim vulgar, quando todos os sentidos foram absorvidos pelo uso com o caso acusativo e tal processamento transpassou ao português. A preposição *em* do PB, por conta da extinção de casos, assumiu tanto o sentido da preposição latina *in* usada com o caso ablativo quanto com o caso acusativo.

Embora nosso estudo esteja direcionado ao elemento *em* enquanto preposição, no que tange ao prefixo *en-*, e demais variações gráficas e fonéticas apresentadas anteriormente, a revisão das gramaticas latinas nos mostrou que havia dois prefixos *in-* latinos. Um que correspondia a preposição latina *in* e outro que,

[45] Essa questão será discutida no próximo capítulo a partir dos estudos de Kewitz et al. (no prelo).

embora a grafia fosse a mesma, a semântica era de negação e sempre foi usado como prefixo.

Na revisão das gramáticas históricas do português, e também normativas, vimos que houve mudanças gráficas e fonéticas nos prefixos latinos. O prefixo latino *in-* cuja origem era também a preposição latina *in*, transformou-se, no português, no prefixo *en-*, que pode ser gráfado e fonetizado como: *en-, em-*, *e-* e como *in-.* Enquanto que o prefixo latino *in-* cuja semântica é de negação, manteve-se no português o sentido e também e a grafia/fonética sofreu poucas alterações: *in-*, *im-* ou *i-.*

Quanto ao prefixo *en-*, e demais variações, cujo sentido é de interioridade, com base nos estudos de Câmara Jr. (1970, 1979/1975), questionamos a nomenclatura oriunda das gramáticas latinas de *prevérbios* e partículas independentes que deram origem às preposições no latim. Nomeamo-las de forma genérica como “partículas” cujo comportamento inicial era adverbial, mas que, por conta de uma necessidade semântica – tornar o enunciado mais claro - passaram a posicionar-se em locais específicos - antes de verbos e nomes - fazendo com que as gramáticas as nomeassem de preposições.

Em razão desse posicionamento ter-se tornado comum, as preposições passaram a ser grafadas junto aos seus escopos formando um sistema de prefixos no latim. Seguindo os pressupostos de que (1) as preposições e os prefixos são palavras predicadoras, pois atribuem propriedades aos seus escopos (CASTILHO, 2010), e o (2) levantamento histórico promovido por Alves (2015) em relação à função dos prefixos da língua vernácula, que também apontam à função predicativa dos prefixos igual às das preposições, somos conduzidos ao entendimento de que no português os prefixos, assim como no latim, podem manter correspondências

com as preposições.[46] É por esse motivo que certos prefixos possuem um correspondente preposicional, como é o caso do elemento *em*. Esse fenômeno é explicado a partir dos conceitos de heterossemia e de *chunking* (KEWITZ et al., no prelo).[47]

[46] Os estudos de Amiot (1997, 2004) e Nunes (2015) confirmam esse processamento. A autora fez um estudo de prefixos de origem preposicional no francês e Nunes (2015), a partir de Amiot (1997), apresentou um estudo acerca de prefixos portugueses que têm como origem preposições. Nesse estudo, Nunes (2015) não contemplou o elemento *em*.

[47] Na seção *3.1 Abordagem multissistêmica* desenvolvemos a questão e explicamos os processos citados.

3. Pressupostos teóricos

Este capítulo é dedicado à apresentação (1) da AM (CASTILHO 2010), (2) dos pressupostos e conceitos para o estudo do sentido elaborados pela LC e (3) do estudo semântico das preposições proposto por Kewitz et al. (no prelo).

Dividimos este capítulo em três seções: *3.1 Abordagem multissistêmica, 3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias* e *3.3 A semanticização*. A primeira seção apresenta a concepção de língua segundo a AM (CASTILHO, 2010) usada neste trabalho. A segunda seção discute os conceitos desenvolvidos por certas teorias da LC para o estudo do sentido. Por isso, essa seção está subdividida em: *3.2.1 Modelo Cognitivo Idealizado, 3.2.2 Esquema Imagético* e *3.2.3 A metáfora e a metonímia.*

A seção *3.3 O processo de semanticização* está ao final do capítulo, pois nela apresentamos o estudo de Kewitz et al. (no prelo) o qual usa tanto a AM – seção 3.1 - quanto os conceitos da LC - seção 3.2 - para o estudo da semântica das preposições. A estruturação do capítulo tem essa configuração porque para compreender a proposta de Kewitz et al. (no prelo) é preciso conhecer tanto a AM quanto os conceitos da LC.

No quadro seguinte, relacionamos os conceitos e os autores consultados. Ressaltamos que as definições de cada conceito usadas neste trabalho dizem respeito às fontes abaixo expostas:

Quadro 14: Autores consultados para organização dos *Pressupostos teóricos*

Abordagem multissistêmica	Castilho (2009, 2010, 2012, no prelo)		
Semanticização	Castilho (2010)		
Pressupostos da LC	Lakoff & Johnson (1985/1980)	Johnson (1987)	Lakoff (1990/1987)
MCI	Lakoff (1990/1987)		
EI	Lakoff & Johnson (1985/1980)	Johnson (1987)	Dewell (2005)
Metáfora	Lakoff & Johnson (1985/1980)	Lakoff (2006)	
Metonímia	Lakoff (1990)	Soares da Silva (2006)	

3.1 Abordagem multissistêmica

Elaborada por Castilho (2010), a AM é a primeira e única teoria de análise linguística brasileira que, diferentemente das outras teorias estrangeiras disponíveis, não elege um sistema linguístico dominante em relação aos outros, como faz, por exemplo, o Gerativismo com a sintaxe e a LC com a semântica. Isso porque a AM estuda a língua com base na *ciência dos sistemas complexos*.

A partir dessa opção epistemológica, Castilho (2010) fundamentou a AM em estudos funcionalistas e cognitivos da linguagem[48]. Conforme o autor (op. cit., p. 69), o primeiro postulado dessa teoria determina que “a língua se fundamenta em um aparato cognitivo”, pois as línguas naturais são representações linguísticas das categorias cognitivas de PESSOA, TEMPO, MOVIMENTO, VISÃO, QUALIDADE, etc.

Em outras palavras, o cognitivismo propõe que a cognição humana não é modular e a linguagem, por integrar o sistema e ser comandada por padrões

[48] É preciso destacar que Castilho (2010) retoma determinados pressupostos destas teorias e contraria outros. Essas escolhas serão explanadas ao longo da seção.

cognitivos gerais, é uma representação das categorias cognitivas e, ao ser investigada, pode oferecer pistas do funcionamento cerebral (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, LAKOFF 1990/1987). Por outro lado, é interessante estudar a linguagem a partir do cognitivismo pois:

> A representação linguística dessas categorias muda de língua para língua, ou no interior de uma mesma língua, ao longo de seu percurso histórico. Mas as categorias cognitivas permanecem, pois integram os atributos da raça humana. (CASTILHO, 2010, p. 69)

Conforme a citação, o estudo da língua pela categorias cognitivas pode ser aplicado a qualquer língua, por serem “atributos da raça humana”. Fundamentado no funcionalismo, Castilho (op. cit., p. 73) propõe que “a língua é uma competência comunicativa” como segundo postulado da AM. A língua é então estudada com base em seu uso real, em processo comunicativo. Trata-se de um modelo baseado no uso, e não na intuição, como é o caso da teoria gerativista (NEVES, 1997).

A partir dos primeiro e segundo postulados, Castilho (op. cit., p. 73) estabelece que “as estruturas linguísticas não são objetos autônomos” como terceiro postulado da AM, pois as línguas naturais sofrem pressões oriundas do uso e da própria cognição humana.

Com base na concepção não modular da linguagem proposta pelo cognitivismo, a língua não é um sistema à parte na cognição, ela recebe influências de outros sistemas, pois é personificada, e não é independente de sua função comunicativa, é, em verdade, estruturada também a partir do uso (LAKOFF &

JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987, GEERAERTS 2006, GEERAERTS & CUYCKENS 2007).[49]

No quarto postulado, Castilho (2010, p. 77) assume que "a língua é pancrônica", pois se a mesma é construída com base no uso - concepção funcionalista assumida pelo autor, ela será elaborada pelos usos socialmente configurados. Por este motivo, estruturas do passado convivem com estruturas do presente.

Esse postulado é ilustrado pelo segundo capítulo deste trabalho – *2. Revisão da literatura* - no qual utilizamos sentidos do elemento *em* históricos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955) para a análise das categorias semânticas de estudos normativos, descritivos e cognitivos.

Os próximos postulados dizem respeito à definição e ao funcionamento das línguas naturais para AM. Castilho (2010, p. 76), em consequência da adoção epistemológica pela *ciências dos sistemas complexos,* estipula que "as estruturas linguísticas são multissistêmicas". Desta forma, a língua é definida pela AM como "um conjunto de processos e produtos" (op. cit., p. 77). Em que, conforme o autor,

> Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.
> (...)
> Do ângulo dos processos, as línguas serão definíveis como um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizáveis em um multissistema operacional. (op. cit., p. 77)

[49] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias*.

Os sistemas (categorias) das línguas são (1) léxico, (2) semântica, (3) discurso e (4) gramática. Esse último é subdividido em: fonética/fonologia, morfologia e sintaxe. Segundo Castilho (2010, p. 77):

> Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, ou seja, não se admitirá que um sistema deriva do outro, nem se proporá hierarquia entre eles, rejeitando-se que haja relações de determinação entre eles. Não se postulará a existência de sistemas centrais e de sistemas periféricos, (...) Qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais.

Enquanto que os processos convivem com os sistemas e são denominados: (1) lexicalização, (2) semanticização, (3) discursivização e (4) gramaticalização (fonologização, morfologização e sintaticização). Esses processos "operam (i) simultaneamente, não sequencialmente; (ii) dinamicamente[50], não são entidades estáticas); (iii) multilinearmente, não são entidades unilineares" (CASTILHO, 2010, p. 77).

Como último postulado, Castilho (op. cit., p. 78) determina que há um dispositivo que organiza o multissistema língua. Ele é denominado Dispositivo Sociocognitivo[51] e opera com base nos princípios de ativação, desativação e reativação de propriedades nos sistemas das línguas.

Os princípios de ativação, reativação e desativação são embasados a partir da análise da conversação (CASTILHO, 2010, p. 79-80, grifo nosso). Por isso "o princípio da ativação se fundamenta no princípio de projeção conversacional. (...)

---

[50] O conceito de dinâmico para a Abordagem Multissistêmica, diferentemente da LC, diz respeito à língua e quer dizer que ela está em constante transformação, por este motivo é dinâmica e não estatizada.

[51] Castilho (2010) determina por meio dos primeiro e segundo postulados que a língua é operada a partir de categorias cognitivas e funções comunicativas. Sendo assim, este dispositivo coordena o funcionamento da língua com base em uma dimensão social, uso, e em uma dimensão cognitiva, o funcionamento da cognição humana.

[ele] é responsável pela ativação de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais." Por outro lado, o princípio da reativação "se fundamenta na estratégia de correção pragmática"; ele é capaz de "reativar propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais." Por fim, "o princípio de desativação, ou da elipse, se fundamenta na estratégia conversacional de despreferência" que são "movimentos de abandono ou desativação de uma estratégia em curso"; por corolário, esse princípio é "o movimento que ocasiona o abandono de propriedades que estavam sendo ativadas."

Esses princípios são comandados pelo DSC que ativa, reativa ou desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais nas expressões linguísticas. Em consequência disso, os processos podem ser ativados, reativados ou desativados. Na sequência, explicamos esse funcionamento através dos processos semânticos.[52]

Pelo princípio de ativação, o DSC promove a "criação dos sentidos" (CASTILHO, 2010, p. 133) através do processo de semanticização. Isso pode ocorrer via metáfora, por exemplo, como em *O jornal espanhol El Mundo saiu* ***em defesa da brasileira Janaína Agostinho***[53]*.* Nesse exemplo, via metáfora – relação entre dois MCI – o sentido modo/maneira foi semanticizado.[54]

Pelo princípio de reativação, o DSC promove a ressemanticização dos sentidos, ocorrida quando altera-se "a adequação à representação dos OBJETOS e EVENTOS." (op. cit., p. 133) Para ilustrar esse processo, a preposição latina *in* foi

---

[52] É importante frisar que "qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais" (CASTILHO, 2010), contudo, por uma questão metológica, iremos explorar apenas as características semânticas dado o nosso objetivo neste trabalho. Para compreensão dos demais processos envolvidos no funcionamento da língua, sugerimos a leitura de Castilho (2010, p. 109 – 168).
[53] Oliveira (2011, p. 48)
[54] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*

ressemanticizada ao PB, ou seja, houve uma adequação dos sentidos do latim à preposição vernácula *em.*

E, pelo princípio de desativação, sentidos são “silenciados” por “alterações de sentido provocadas pelas metáforas, pelas metonímias, pela especialização e pela generalização” (op. cit., p. 133). Por exemplo, quando o elemento *em* assume o sentido de modo/maneira via metáfora - como em *O jornal espanhol El Mundo saiu* ***em*** *defesa da brasileira Janaína Agostinho* – o sentido de interioridade está silenciado, isto é, foi dessemanticizado.

Sintetizando tudo o que foi explanado anteriormente, Castilho (no prelo) propõe a seguinte representação do funcionamento da linguagem a partir da AM:

Figura 1: Funcionamento da AM

Dentre todos os processos que atuam na língua, por uma questão metodológica proposta pelo próprio autor (CASTILHO, 2010), os trabalhos realizados sob a luz da AM precisam ser coletivos, uma vez que descrever todos os processos de um determinado fenômeno linguístico em uma única pesquisa é inviável. No que tange à preposição *em* investigada neste trabalho, notamos no capítulo *2. Revisão da literatura* uma grande quantidade de categorias semânticas que lhes são atribuídas. Tal fato nos conduziu a propor uma redução de sentidos a partir de acepções históricas.

Na redução das categorias semânticas através dos sentidos históricos do elemento *em* (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955), percebemos uma regularidade no processamento semântico desempenhado pela preposição *em*, que ora relacionava termos ora focava apenas em seu escopo. Por este motivo, decidimos investigar a semanticização desse elemento, mas tendo a consciência de que outros processos também são ativados, desativados ou reativados no uso da língua.

Para a investigação da semanticização do elemento *em*, é usado neste trabalho a proposta de Kewitz et al. (no prelo). Nesse estudo, os autores (op. cit.) tomam como fundamentação a AM e certos conceitos da LC. Por essa razão, para compreender essa proposta, é importante conhecer os conceitos desenvolvidos pela LC.

Nesse sentido, a próxima seção é dedicada à explanação dos conceitos da LC: EI, MCI, metáfora e metonímia. Isso posto, na seção *3.3 O processo de semanticização*, explicamos a proposta de Kewitz et al. (no prelo) direcionado ao estudo semântico das preposições.

3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias

A LC não é uma teoria única e uniforme, em realidade, é um conjunto de abordagens desenvolvidas por diversos autores para o entendimento do fenômeno do sentido nas línguas naturais (GEERAERTS 2006, GEERAERTS & CUYCKENS 2007, CASTILHO 2010).

Essas abordagens, além de terem em comum a orientação cognitiva, que entende a língua como um fenômeno mental (LAKOFF 1985/1980, 1990/1987), propõem também que a linguagem não constitui um módulo cognitivo separado dos demais, como por exemplo, do sistema sensório-motor, mas como integrante de um sistema conceptual que é conduzido por processos cognitivos gerais:

> A Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. **As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autónomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.** (SOARES DA SILVA, 1997, p.59, grifo nosso)

Em uma concepção não-modular da linguagem, a cognição é entendida como enraizada nas experiências sensório-motoras e corporais humanas (LAKOFF 1985/1980, 1990/1987) e a linguagem é o meio pelo qual esses processos podem ser entrevistos, uma vez que a língua é uma atividade mental.[55]

[55] A Abordagem multissistêmica segue essa concepção cognitivista da linguagem (CASTILHO, 2010).

A linguagem na LC é semanticamente motivada e a categorização[56] é a principal função da cognição na produção do sentido (GEERAERTS 2006, GEERAERTS & CUYCKENS 2007). Embasados na função de categorizar, quatro princípios orientam as teorias desenvolvidas na LC (op. cit.).

Por a língua ser entendida como uma atividade cognitiva e poder fornecer pistas de como o homem categoriza o mundo, o primeiro princípio prevê que (1) o sentido é naturalmente perspectivizado (GEERAERTS 2006, GEERAERTS & CUYCKENS 2007), pois a língua não reflete diretamente e objetivamente a realidade. Neste direcionamento, a cognição é uma lupa que lê a realidade e a língua reflete esta leitura interpretada. Em outras palavras, a mente não é um espelho direto da realidade (LAKOFF, 1990/1987, p. 162).

Contrariando a semântica formal baseada na lógica de condições de verdade, em que o real é denotado pela linguagem, em uma relação direta entre palavra e mundo, a semântica cognitiva enfoca o real tal qual experienciado (KEWITZ et al., no prelo), observável na linguagem:

> Se existe tal coisa como o real como ele é, não é esse real que se revela no funcionamento da linguagem, mas sim o real tal como experienciado por um conceptualizador que não tem um corpo, é um corpo, por sua vez, situado no tempo, no espaço, na cultura e na história. Assim, não há uma relação direta entre as palavras e seus sentidos [...] (KEWITZ et al., no prelo)

Em razão da realidade ser relativizada a perspectivas, o segundo princípio diz respeito ao fato do (2) sentido também ser flexível e dinâmico, alterando-se de acordo cirscuntâncias da comunicação. Tal encaminhamento também prediz o fato do (3) sentido ser enciclopédico, ou seja, dependente do conhecimento de mundo

[56] A categorização é um dos processos mais básicos para o pensamento, ação e percepção humanos (LAKOFF, 1990/1987, p. 5). É um processo que organiza a realidade com base na semelhança a partir de propriedades comuns, tomadas como essenciais.

que um conceptualizador possui de determinada realidade para ser compreendido (GEERAERTS 2006, GEERAERTS & CUYCKENS 2007).

A LC entende que o conhecimento humano é construído a partir das interações sensório-motoras do homem com a realidade, isto é, o conhecimento é corporificado (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987, GEERAERTS 2006, GEERAERTS & CUYCKENS 2007) e, por consequência, a linguagem também o é por ser produto cognitivo. Logo, (4) o sentido para a LC é formado a partir do uso e com base na experiência corpórea humana com a realidade (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987, GEERAERTS 2006, GEERAERTS & CUYCKENS 2007).

Alicerçada nos quatro pressupostos relativos ao sentido, a LC elaborou conceitos que explicam o funcionamento da cognição a partir do funcionamento das línguas naturais.

Por fim, como dissemos no início na desta seção, a LC é um conjunto de teorias. Nesta dissertação, mobilizamos conceitos propostos por um dos ramos da LC, em que George Lakoff é o nome proeminente.

3.2.1 Modelo Cognitivo Idealizado

Com base no que foi exposto, o primeiro conceito da LC que será explanado denomina-se Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) e foi definido por Lakoff (1990/1987, p. 68) como “estruturas cognitivas complexas” que são responsáveis pela organização do conhecimento. Lakoff (op. cit., p. 153-154) atenta ao fato dos MCI caracterizarem o pensamento e serem personificados, ou seja, criados a partir da relação corpórea do homem com o meio.

Em uma aplicação mais recente, Ilari et al. (2015, p. 188) enfatizam o conceito no que tange à sua condição de base de conhecimento:

> Construções conceituais destinadas a enquadrar situações, um recurso mediante o qual formulamos nossa compreensão do mundo, consolidando as categorias que descrevem e fixando o semantismo das expressões da língua. [...] os MCI enquadram situações de maneira holística, global, e utilizam critérios com um forte lastro na experiência física e social das pessoas [...]

Ilari et al. (op. cit.) referem-se à categorização ao dizer que os MCI “enquadram situações”, ademais, esse enquadramento é feito “de maneira holística, global, e utilizam critérios com um forte lastro na experiência física e social das pessoas”, pois a cognição é formada a partir da relação corpórea do homem com a realidade, logo os MCI terão uma base social e corporificada para o uso da língua.

> Vale ressaltar que o termo ‘idealizado’ não é sinônimo de “imaginado”, “sonhado” nem “projetado”. **A idealização equivale a ser o produto de abstrações feitas sobre conceitos a partir de um conjunto de experiências.** Esse conceito contribuiu para caracterizar a organização do conhecimento como radial (categorização da realidade através de um *continuum*) e enciclopédica. (KEWITZ et al., no prelo, grifo nosso)

Dessa forma, uma palavra do tipo que a semântica formal considera como denotadora de uma referência é considerada pela semântica cognitiva como indicativa de um MCI, que, assim, é

> **o conceito que as palavras ativam. Ao categorizar significados, a cognição elege os mais representativos de uma dada categoria, e esses significados tomados como protótipos correspondem ao que Lakoff (1987: 68) define como MCI.** Para ilustrar ainda mais, o MCI de festa é a festa prototípica, o MCI de universidade é a universidade prototípica, e assim por diante, o que equivale a dizer que o ser humano experiencia as mais diversas festas e universidades, porém a cognição retém das experiências somente o que é recorrente na sociedade e na cultura em que se situa a cognição. (KEWITZ et al., no prelo, grifo nosso)

O conceito de MCI guarda, portanto, estreita relação com o de categorização na LC. Por este motivo, a LC propõem um modelo radial de categorização em termos de protipicidade - estabelecendo um *continuum* entre os elementos mais representativos e os menos representativos da categoria a partir de uma relação de gradiência (1990/1987) - em detrimento de uma categorização rígida e tradicional[57].

> O fenômeno prototípico mais fundamental são as categorias radiais. Elas não podem ser representadas por modelos únicos de princípios mais gerais. Elas envolvem muitos modelos organizados e conectados a um centro. As conexões são caracterizadas por modelos cognitivos em um sistema conceptual ou por relação de similaridade. Os modelos radiais não são previsíveis a partir do modelo central, aqueles são motivados por estes e outros modelos que caracterizam as ligações com o centro.[58] (LAKOFF, 1990/1987, p. 153)

---

[57] Conforme Ferrari (2011, p. 33) o modelo clássico de categorização prevê que para um membro fazer parte de uma certa categoria, ele deve apresentar todos os atributos definidores dela. "Por exemplo, os membros da categoria ave devem 'ter bico', 'ter duas asas', 'ter dois pés', 'ter pernas', 'poder voar', 'colocar ovos'." Enquanto que na categorização prototípica, um elemento pode ser mais ou menos próximo a um protótipo, evitando, por exemplo, o ornitorrinco seja inclassificável.

[58] "*The most radical prototype phenomena are radial categories. They cannot be represented by single model plus general principles. They involve many models organized around a center, with links to the center. The links are characterized by other cognitive models in the conceptual system or by a similarity relation. The noncentral models are not predictable from the central model, but they are motivated by the central models and other models that characterize the links to the center.*" (Tradução livre)

De acordo com a citação, as categorias radiais são conectadas e criadas a partir de um modelo central. Tal relação não é previsível, o que exige a análise das conexões estabelecidas por processos cognitivos. Na construção do sentido, ou seja, semanticização uma palavra, ao ser usada, pode evocar um sentido prototípico ou menos prototípico:

> Assim, não há uma **relação direta entre as palavras e seus sentidos**, mas remissões pelas palavras a molduras compartilhadas entre os interlocutores e **indicações de como os sentidos ativados pelas palavras destacam certos elementos** (KEWITZ et al., no prelo, grifo nosso)

Conforme a citação acima, a LC propõe a noção de que as palavras ativam sentidos, questionando assim a premissa de que as palavras possuem sentidos, como em teorias linguísticas diversas e no próprio senso comum.

É em razão da categorização que diferentes sentidos ativados por uma palavra. A polissemia é comprovada quando uma palavra ativa mais de um sentido, que embora sejam distintos são relacionados (LAKOFF 1990/1987, p. 316) ou a origem histórico-diacrônica é única (SOARES DA SILVA, 2006, p. 46-47). Para ilustrar como o elemento *em* é capaz de ativar diferentes sentidos em seus escopos (CASTILHO 2009, 2010, 2012), reproduzimos os exemplos de Bechara (2015):

I. Elemento *em* projeta o sentido de interioridade ao escopo

(122) Entrar **em** casa.

II. Elemento *em* projeta o sentido de limite ao escopo

(123) Salta **em** terra.
(124) Formam-se mais tempestades **em** nós mesmos que **no** ar, **na** terra e **nos** mares.
(125) Os homens **em** todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam.

III. Elemento *em* projeta o sentido de modo/maneira ao enunciado

(126) Foi **em** pessoa receber os convidados.
(127) Pagava **em** cheque tudo o que comprava.
(128) A casa foi avaliada **em** milhares de reais.
(129) Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos **em** talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando...
(130) O homem de juízo converte a desgraça **em** ventura, o tolo muda a fortuna **em** miséria.
(131) General **em** chefe.
(132) Ferro **em** brasa.

Os MCI são um caminho para a pesquisa semântica das palavras (LAKOFF, 1990/1987, p. 118; Ilari et al., 2015, p. 188) por fornecerem "um tratamento natural e intuitivo" (Ilari et al. 2015, p. 188) para a "longa variedade do sentido" (LAKOFF 1990/1987, p. 118), uma vez que os sentidos figurados são sancionados pelos concretos, ou mais experienciais.

Segundo Lakoff (1990/1987), cada MCI é uma estrutura complexa que toma como uso quatro processos estruturantes: *frame*, esquema imagético, metáfora e metonímia. A atuação dos três últimos processos é o que gera a polissemia das palavras, por esse motivo, eles serão discutidos a seguir.

3.2.2 Esquema Imagético

Johnson (1987, p. 29) propõe que as interações sensório-motoras humanas com o mundo, tais como as movimentações no espaço e manipulações de objetos, geram padrões experienciais que coordenam as ações e pensamentos humanos. O autor (op. cit., p. 29) denominou esses padrões como esquemas imagéticos (EI) e os caracterizou como dinâmicos e desprovidos de proposição.

Eles são considerados *dinâmicos*, porque são gerados com base no desempenho do corpo humano com o espaço, isto é, na interação com a realidade, que é inerentemente dinâmica. Por exemplo, a noção de alto/baixo é também percebida pela movimentação de uma maçã ao cair da árvore, dentre outras situações.

Sem *proposição*, visto ser um conceito que explica a estruturação da cognição humana, formada a partir da primeira percepção sensório-motora que é imagética e serve de base para a organização do pensamento e ações humanas (LAKOFF, 1990/1987, p. 30, 271).

Ilari et al. (2015, p. 185, grifo nosso) resumem estas características do EI ao defini-los como “esquemas muito gerais, desprovidos de conteúdo proposicional [sentido] e de formulação linguística [língua], vinculados diretamente à percepção de si próprio e do ambiente”.

Estudos da LC sugerem que mais de vinte e quatro EI são diariamente evocados pela racionalização do homem, pois diversos tipos de domínios abstratos do conhecimento são conceptualizados a partir dos EI (GIBBS Jr. e COLSTON, 2006, p. 239-241).

Johnson (1987, p. 126) apresenta uma lista com vinte e sete EI usados na estruturação dos pensamentos e ações. Em razão de estarmos operando com o conceito de EI, e não o considerando como objeto, selecionamos da lista apenas alguns exemplos a fim de trata nosso objeto: CONTÊINER, BLOQUEIO, CONTATO, COLEÇÃO, CONEXÃO, PARTE-TODO, SUPERFÍCIE, etc.

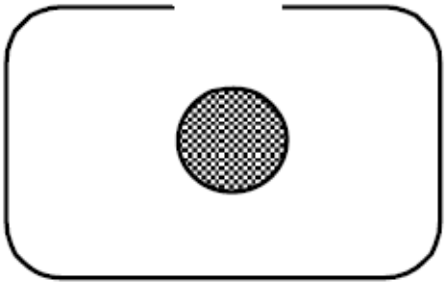
Estudos vistos anteriormente (CASTILHO 2010, ILARI et al. 2015, ARAÚJO OLIVEIRA 2009, 2011) reconhecem que o EI CONTÊINER sanciona o funcionamento semântico da preposição *em*, pelo fato de, na língua, essa palavra evocar como sentido mais concreto uma localização no interior de um espaço.

Isso ocorre, conforme Lakoff & Johnson (1985/1980, p. 38-39), pois o EI CONTÊINER é estruturado cognitivamente a partir da consciência corpórea humana que é dotada de um conteúdo e é separada do meio pela superfície da pele. A concepção de continente/conteúdo pode ser usada para a compreensão de qualquer outra entidade.

Uma entidade concreta, como uma casa, pode ser entendida como um continente que pode ser dotado de um conteúdo. O mesmo ocorre com uma conversa, entendida como um continente que pode ser composto por um conteúdo, como por exemplo, pessoas, temas, etc. Em outros termos, as diversas situações comunicativas são experienciadas pelos conceptualizadores a partir de processos cognitivos, o EI junto à metáfora, gera o entendimento de que é possível estar dentro de casa ou dentro de uma conversa.

Dewell (2005) também propõe que o EI contêiner representa a noção de continente/conteúdo, como é possível notar pela imagem a seguir:

Figura 2: EI CONTÊINER estudos linguísticos (DEWELL, 2005, p. 377)



Dewell (2005) critica a representação acima do EI CONTÊINER devido à sua caracterização estática:

> Eu defenderei que o [EI] CONTÊINER não pode ser uma estrutura estática igual às que tipicamente são propostas. Mesmo quando elas representam relações de localização estáticas, esquemas imagéticos são por si próprios processos de escaneamento, **vias cognitivas fundamentadas na percepção do movimento.**[59] (DEWELL, 2005, p. 370, grifo nosso)

Nessa citação, é possível perceber que Dewell (2005) utiliza o conceito de escaneamento, oriundo de Langacker (1987), cujos estudos dizem respeito a um outro conjunto teórico da linguística cognitiva. Como explicitamos no início deste capítulo, a linguística cognitiva é um conjunto de teorias linguísticas, dentre as quais optamos por aquelas desenvolvidas principalmente por George Lakoff.

Nesse sentido, não iremos abordar a discussão promovida por Dewell (2005) em relação à crítica feita por ele ao conceito de EI, mas apenas mostrar que a partir dele é possível entender que há uma transposição esquemática que pode gerar a polissemia.

---

[59] *"I will argue that CONTAINMENT cannot be a static structure like the ones typically proposed. Even when they represent static locational relations, image schemas are themselves active scanning processes, cognitive pathways that are grounded in the perception of motion."* (Tradução livre)

Além de uma entidade poder ser focalizada em sua dimensão estática, ou seja, a questão dentro/fora própria do EI CONTÊINER, O EI TRAJETO também pode ser utilizado para a compreensão da realidade:

> Para compreender as sequências complexas de localização, usa-se a noção de trajeto, composto de um início, meio e fim, pois reflete um trajeto-objetivo comum às análises. Por exemplo, CONTÊINER define uma localização básica, e a partir dela podem ser estruturados os trajetos de entrar e de sair.[60] (DEWELL, 2005, p. 373)

Dewell (2005) propõem que o TRAJETO faz parte de qualquer EI, contudo, sem a transposição de esquemas, isto é, a troca de um esquema imagético por outro esquema, não é possível explicar a polissemia das palavras, nem a própria dinamicidade da cognição[61], a qual é construída e transformada a partir do real experienciado pelo conceptualizador.

Neste trabalho, além do EI CONTÊINER representado pela figura 2, adotamos também o EI TRAJETO, como é ilustrado pela seta pontilhada na figura proposta por Dewell (2005, p. 378):[62]

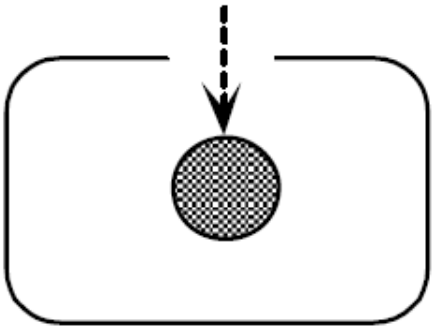
---

[60] *Paths are taken to consist of complex sequences of locations structured in terms of starting locations, medial locations and ending locations as reflected in the common SOURCEPATH-GOAL analysis. For example, CONTAINMENT defines a location, and paths can then be structured to go into, out of or through that basic location.* (Tradução livre)

[61] O sentido de dinâmico faz referência à LC, que prevê um entendimento de que a cognição é dinâmica pois é formada a partir da interação sensório-motora do homem com a realidade. Logo, toda movimentação no espaço é absorvida pela cognição, criando padrões gerais que serão usados para a compreensão de toda a realidade, inclusive, para a construção da própria língua (LAKOFF 1990/1987; Lakoff & Johnson 1985/1980).

[62] *basic schema for stative inclusion that is thoroughly grounded in the experience of realistic containment events, and which is also fundamentally a dynamic pattern with an active role for the conceptualizer.* (Tradução livre)

Figura 3: El CONTÊINER segundo Dewell (2005, p. 378)



Uma localização, no que diz respeito ao El CONTÊINER, pode ser (1) estática, como é o caso dos fetos e das sementes, que não envolvem um TRAJETO para estarem localizadas em um determinado continente; ou (2) dinâmica, na qual uma movimentação foi empreendida até está localização, como é o caso de estar dentro de casa. Abaixo são retomados os exemplos de Neves (2011) para ilustrar a discussão:

(133) Novamente ele me colocava **numa** posição falsa.
(134) Demorava-me ainda **na** contagem.
(135) O capitão caiu **na** caatinga não faz suas semanas.
(136) A Revolução Francesa baseava toda a sua filosofia **no** Individualismo.

Seguindo a definição de que o El CONTÊINER sanciona o sentido de localização no interior de algo e de que as preposições projetam um sentido locacional aos seus escopos (CASTILHO 2009, 2010, 2012), não há dificuldades em se analisar os exemplos expostos.

Sabendo que a preposição *em* evoca o sentido de interioridade a partir do El CONTÊINER, os conceptualizadores, através da metáfora (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, LAKOFF 2006), entendem todos os escopos como lugares (continentes) - *posição falsa, contagem, caatinga e Individualismo* - que podem ser dotados de um

conteúdo - *sujeito (eu), capitão e revolução francesa* - todos separados por um limite, que nesses casos, é imagético.

Mas se seguirmos utilizarmos apenas o EI CONTÊINER para estudar a preposição *em*, não é possível explicar os sentidos de *direção*/*objetivo*, *modo*/*maneira*, *transformação* e *causa/consequência* também evocados pela preposição *em* pois não há uma ideia de limitação das entidades:

I. DIREÇÃO/OBJETIVO

(137) Mais de um sujeito correu **na** salvação de pescoço pelado.

II. MODO/MANEIRA

(138) O território pode construir-se **em** províncias.

III. TRANSFORMAÇÃO

(139) Deu a louca **em** todos. [63]

IV. CAUSA/CONSEQUÊNCIA

(140) Há povos que são felizes **em** não ter mais que um só tirano.[64]

Por essa razão é que Oliveira (2009,2011) recorreu a outros EI a fim de poder explicar o funcionamento de outros sentidos da preposição *em.* Se entendermos que a preposição *em* pode representar uma localização no interior de um espaço ou um TRAJETO, no qual está pressuposta a ideia de início-fim, é possível entrever que nos exemplos, duas entidades estabelecem uma correspondência entre si via metáfora.

A preposição *em* projeta aos escopos os sentidos de interioridade/limite, mais concretos e também direção/objetivo, modo/maneira, transformação e

[63] Os exemplos (137) a (139) são de Neves (2011).
[64] Exemplo de Bechara (2015).

causa/consequência, mais figurados a partir dos EI CONTÊINER e TRAJETO. Tal fato gera a polissemia da preposição *em*, visto ter ocorrido a troca de esquemas, ativando assim outro sentido em um determinado contexto de uso.

Na sequência explicaremos os conceitos de metáfora e metonímia, pois, a partir da experiência corporificada e dinâmica dos EI, os sentidos figurados são criados por meio dos processos estabelecidos entre dois domínios (processo metafórico) ou dentro de um mesmo domínio (processo metonímico) gerando uma rede polissêmica de acepções.

3.2.3 A metáfora e a metonímia

A metáfora e a metonímia são compreendidas pelos estudos tradicionais como recursos da construção da linguagem, sendo ornamentos retóricos para a linguagem literária (LAKOFF & JOHNSON, 1985/1980, p. 13). Negando a tradicional nomenclatura “figura de linguagens”, Lakoff & Johnson (op. cit.) ampliam o entendimento da metáfora e da metonímia, considerando os como recursos cognitivos que estruturam pensamentos e ações humanas. Sendo a linguagem uma ação humana, é fato que na literatura, e em qualquer outro uso da língua, é possível reconhecer o processamento da metáfora e da metonímia.

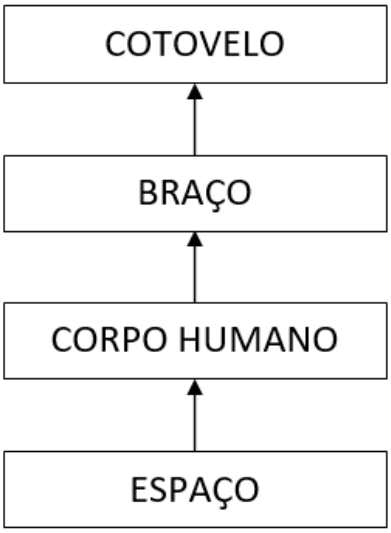
Lakoff & Johnson (1985/1980) apresentam a definição de metáfora como sendo “um recurso pelo qual se compreende alguma coisa em termos de outra coisa”. Atualmente, sabe-se que essa dinâmica de entender algo por outro só é possível, pois a metáfora é vista como um mapa relacional construído entre dois domínios do

conhecimento, cuja motivação são as experiências sensório-motoras do homem com o mundo (LAKOFF, 2006, p. 186-227).

Em relação aos domínios, a LC rejeita a ideia da semântica de traços para a explanação das estruturas semânticas (KATZ & FODOR, 1963). Nessa perspectiva teórica, as estruturas semânticas passaram a ser estudadas como *predicações* e "caracterizadas em termos de domínios" (op. cit.). Por domínio entende-se "experiências perceptuais, conceitos, complexos conceptuais e sistemas elaborados do conhecimento" (op. cit.).

As predicações formam domínios que por sua vez podem ser caracterizados por outros domínios mais complexos que são organizados hierarquicamente e denominados como domínio-matriz (op. cit.). Abaixo apresentamos o exemplo de Ferrari (2011, p. 60) para ilustrar a questão:

Figura 4: Domínios e domínio-matriz



Nessa figura, é possível notar a estrutura semântica da predicação *cotovelo*, pois ela envolve diferentes domínios (BRAÇO, CORPO HUMANO ESPAÇO) organizados hierarquicamente em um único domínio-matriz (COTOVELO). Nesse encaminhamento, a metáfora é a relação estabelecida entre dois domínios de diferentes domínios matriz Lakoff & Turner (1989) e Croft (1993). Essa relação entre domínios forma um mapa relacional criando assim os sentidos via metáfora.

Lakoff (2006, p. 192) reconhece que algumas teorias da metáfora ao se referirem ao conceito, em verdade, estão se referindo ao mapa conceitual construído pelo recurso cognitivo metáfora; por este motivo, o autor propõe uma terminologia na qual, ao falar do conceito de metáfora, engloba-se a ideia de mapa conceitual estabelecido entre domínios diversos do conhecimento e também a expressão linguística individual da metáfora. Ademais, na linguagem, aparecem as expressões metafóricas e na forma de pensar e agir há atuação da metáfora, pois generalizações conceptuais maiores é que geram metáforas e não a língua (LAKOFF, 2006, p. 185).

Para ilustrar o funcionamento da metáfora na língua, retomamos alguns exemplos de Oliveira (2011) a fim de demonstrar como o tempo e circunstâncias são metaforizados como lugares:

I. TEMPO/DATAS SÃO LUGARES

(141) ...características técnicas que sempre funcionaram **em** <u>seus 11 anos de existência.</u>

(142) O helicóptero foi entregue ao Governo do Estado **no** <u>dia 1º de outubro.</u>

II. CIRCUNSTÂNCIAS SÃO LUGARES

(129) Com um dos maiores atacantes de sua história no comando, os mexicanos não conseguiram vaga **nos** Jogos Olímpicos de Pequim e ainda foram derrotados pelos Estados Unidos na decisão da Copa Ouro.

(143) Com isso, a tradição de dar notas e conceitos aos alunos caiu **em** desuso.

Em relação à primeira metáfora, o domínio conceptual ESPAÇO não faz parte dos domínios que estruturam as predicações *seus 11 anos de existência* e *dia 1º de outubro,* que têm como domínio o TEMPO. O mesmo acontece com as predicações *Jogos Olímpicos* e *desuso,* que, envolve domínios como CIRCUNSTÂNCIAS e AÇÕES. Por isso essas expressões foram construídas a partir do processamento metafórico que envolvem a relação entre dois domínios que não fazem parte de um mesmo domínio-matriz (Lakoff & Turner 1989, Croft 1993).

A metonímia é também considerada por Lakoff & Johnson (1985/1980) como um mapa mental, todavia, dentro de apenas um domínio matriz, uma vez que este processo é referencial e permite que parte de uma categoria a represente como um todo por meio da contiguidade. A metonímia, portanto, evidencia uma informação de um determinado domínio matriz Lakoff & Turner (1989) e Croft (1993).

Nesse mesmo direcionamento, seguindo os estudos de Langacker (1993), Soares da Silva (2006, p. 137-138) propõe a metonímia como sendo uma saliência cognitiva, visto uma parte apenas ser evidenciada. Esta circunstância promovida pela metonímia facilita a compreensão da intenção do conceptualizador, pois, ao destacar algo, ele apresenta seus julgamentos e categorizações da realidade. Além da noção que remete à saliência cognitiva, a metonímia também foi definida em termos de contiguidade, em que há a “transferência de significados dentro de um mesmo domínio conceptual ou domínio-matriz” (TAVARES DA SILVA, 2011 p. 83).

3.3 O processo de semanticização

No capítulo *2. Revisão da literatura*, através da reorganização dos exemplos concedidos pelos autores a partir dos sentidos históricos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955), notamos que havia uma regularidade funcional e semântica desempenhada pela preposição *em.* Ora ela focalizada seu escopo, ora relacionava dois termos.

Segundo Kewitz et al (no prelo), essa funcionalidade ocorre por conta da atuação da heterossemia. De acordo os autores (op. cit.), esse conceito foi inicialmente elaborado na teoria da Gramaticalização por Lichtenberk (1991, p. 476)[65], mas posteriormente foi lido sob a ótica da LC para explicar porque um mesmo elemento, como é o caso do *em*, pode atuar em diferentes categorias da língua. Nessa perspectiva teórica, em razão uma única motivação semântica - a perspectivização de cenas - um mesmo elemento pode atuar em diferentes categorias da língua (KEWITZ et al., no prelo).

Segundo Kewitz et al. (no prelo) a heterossemia, e, portanto, a perspectivização das cenas, ocorre em duas instâncias. Uma delas explica porque um mesmo elemento atua em diferentes categorias; a outra explica a polissemia das preposições, pois essas são capazes de perspectivar cenas de diferentes maneiras:

---

[65] *(…) cases (within a single language) where two or more meanings or functions that are historically related, in the sense of deriving from the same ultimate source, are borne by reflexes of the common source element that belong in different morphosyntactic categories.* (1991, p. 476 *apud* Kewitz et al., no prelo)

> Estamos, portanto, longe da ideia de variação no uso das preposições, da mesma forma que estamos longe da mera listagem dos possíveis sentidos de uma preposição. Temos, sim, instâncias da heterossemia: **uma em que a mesma função semântico-cognitiva de perspectivizar se distribui em diferentes categorias formais (presa, dependente e livres) e outra em que a perspectiva determinada pela mesma preposição é ajustada a diferentes EIs e MCIs (...).** (KEWITZ et al., no prelo, grifo nosso)

Relendo o conceito na ótica teórica deste trabalho, vimos que a AM (CASTILHO, 2010) considera que os processos da língua são comandados pelo DSC, ou seja, a cognição e o uso determinam o funcionamento da língua. Desta forma, a heterossemia explica por que um determinado elemento atua nas diferentes categorias da língua, uma vez que o processo de perspectivização pode ser acionado pelo DSC em diferentes categorias da língua e de acordo com o contexto em que são usadas.

Com base na AM (CASTILHO, 2010), eliminamos a hierarquia imposta pela LC que considera a linguagem como semanticamente motivada e explicamos porque em cada contexto de uso uma perspectiva é acionada. Amparados pela AM, consideramos que a perspectivização não é uma motivação semântica, mas uma capacidade cognitiva humana, a qual pode ser observada em qualquer categoria da língua. Explicaremos na sequência as duas instâncias nas quais a perspectivização atua.

3.3.1 A primeira instância da heterossemia

As diferentes formas de perspectivar uma cena foram organizadas por Kewitz et al. (no prelo) em três funções semântico-cognitivas desempenhadas pelas preposições e responsáveis pela polissemia[66]: (1) exprimir o EI envolvido na experiência quando o conceptualizador se projeta como *trajetor* ou *marco*[67] na cena, (2) estabelecer relações dentro de um MCI e (3) estabelecer relações entre MCI.[68]

Segundo Castilho (2010, p. 123 - 131), a semanticização é o processo de criação de sentido através de categorias semânticas. As preposições criam sentido através da categoria de predicação, pois é quando "um operador [a preposição e também os prefixos] toma um termo por seu escopo, transferindo-lhe propriedades de que o escopo não dispunha antes." (op. cit. p. 123 - 131). Nesse sentido, a perspectivização explica porque a projeção do sentido da preposição ora é direcionada ao escopo, ora às palavras que sucedem e antecedem as preposições.

Parece que tanto na função semântico-cognitiva (1) quanto na (2), a preposição transfere propriedades aos seus escopos via princípio de projeção porque, via metonímia (LAKOFF 1990/1987, LANGACKER 1993, SOARES DA SILVA 2006), ou seja, pela perspectivização, eles foram focalizados. As funções semântico-cognitivas diferem, portanto, em relação ao sentido, pois quando a preposição *em* projeta (CASTILHO 2009, 2010, 2012) ao seu escopo o sentido prototípico de localização no interior do espaço concreto, ela está desempenhando a primeira função semântico-cognitiva proposta por Kewitz et al. (no prelo). Por outro lado, quando a

---

[66] A articulação dos processos foi elaborada por Lakoff (1990/1987); Kewitz et al (no prelo) usaram-na para o estudo da polissemia das preposições.

[67] Definição de preposição segundo Langacker (1987). *Trajetor* é a palavra que antecede a preposição, *marco* é o escopo da preposição, ou seja, a palavra que a sucede.

[68] Modelo Cognitivo Idealizado (LAKOFF 1990/1987, KEWITZ et al., no prelo). Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*

preposição *em* desempenha a segunda função semântico-cognitiva (op. cit.), ela também transfere propriedades a um MCI (CASTILHO 2009, 2010, 2012), mas os sentidos são mais figurados.

Sobre a última função semântico-cognitiva, caso a preposição estabeleça a relação entre dois MCI, outra perspectivização é sancionada, mas pelo processo metafórico. Nesse caso ainda há a projeção de sentidos por parte da preposição, mas será diferente, pois há a correspondência entre duas entidades, ambas receberam propriedades semânticas novas.

Essas funções semântico-cognitivas explicam, por exemplo, o porquê de os estudos anteriormente analisados atribuírem à preposição ora o sentido do verbo, ora o sentido do escopo, ora o sentido geral do enunciado; tal fator gerou uma alta quantidade de categorias semânticas atribuídas à preposição *em*, revelando assim uma certa dificuldade na investigação semântica das preposições.

Reproduzimos os exemplos dos autores anteriormente consultados para observar a atuação dessas três funções semântico-cognitivas e também ilustramos como ocorre a perspectivação:

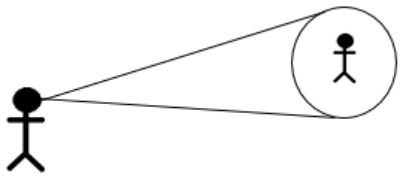
I. Preposição *em* exprime o EI CONTÊINER:

(144) Sempre que passo por lá perto, vou **na** igreja do Rosário.
(145) Eu entrei **numa** escola e só saí para a universidade. [69]

[69] Exemplos de Ilari et al. (2015).

Nesse primeiro conjunto de exemplos, o sentido da preposição *em* é prototípico, pois ela projeta (CASTILHO 2009, 2010, 2012) aos escopos a semântica de interioridade, exprimindo assim o EI CONTÊINER (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, DEWELL 2005). Nos termos de Kewitz et al. (no prelo), o conceptualizador se projeta como *trajeto* no interior dos *marcos*, que são *igreja do Rosário* e *escola*. Este fenômeno ocorreu, pois ambas as entidades são concretas:

Figura 5: Preposição *em* exprime o EI CONTÊINER



A *Figura 5* ilustra a perspectivação da cena, o círculo é uma entidade concreta que limita e, no caso, representa os escopos concretos *igreja* e *escola.* Na língua, como vimos nos exemplos, essa perspectivação do conceptualizador é expressa pelo elemento *em* que pode projetar aos escopos o sentido de interioridade (CASTILHO 2009, 2010, 2012). [70] Os próximos exemplos embora apresentem sentidos da preposição *em* mais figurados, mantêm a perspectivação da cena:

[70] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*

II. Preposição *em* estabelece relações dentro de um MCI:

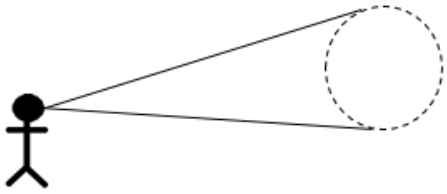
(146) ...características técnicas que sempre funcionaram **em** seus 11 anos de existência.
(147) O helicóptero foi entregue ao Governo do Estado **no** dia 1º de outubro.
(148) A seleção masculina de vôlei do Brasil viverá **nos** Jogos de Pequim o fim de uma geração "surreal", **nas** palavras de seu comandante.
(149) Com um dos maiores atacantes de sua história no comando, os mexicanos não conseguiram vaga **nos** Jogos Olímpicos de Pequim e ainda foram derrotados pelos Estados Unidos na decisão da Copa Ouro.
(150) Com isso, a tradição de dar notas e conceitos aos alunos caiu **em** desuso.[71]

Nesses exemplos, a preposição *em* projeta (CASTILHO 2009, 2010, 2012) uma limitação aos escopos e os focaliza via metonímia (LAKOFF 1990/1987, LANGACKER 1993, SOARES DA SILVA 2006). Essa limitação é proveniente do EI CONTÊINER (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, DEWELL 2005) cujo processamento mais básico é limitar um conteúdo em um continente.[72]

Entretanto, a limitação projetada (CASTILHO 2009, 2010, 2012) pela preposição *em* é abstrata e ocorre com entidades abstratas que são, por sua vez, compreendidas como locais. Por essa razão, há a incidência das metáforas (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, LAKOFF 2006): o tempo é um local: (146) e (147), eventos são lugares: (148) e (149), palavras são lugares: (148) e circunstâncias são lugares: (150). Na cognição, a perspectivização ocorre da seguinte maneira:

[71] Exemplos de Oliveira (2011).
[72] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*

Figura 6: Preposição *em* estabelece relações dentro de um MCI



A *Figura 6* ilustra também a perspectivização da cena empreendida pelo conceptualizador, todavia, o marco é figurado, por esta razão o círculo está pontilhado. Não representamos imagéticamente os *trajetores,* visto tratar-se também de entidades abstratas. *Palavras*, *tempo*, *eventos* e *circunstâncias* são entendidos como lugares via metáfora (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, LAKOFF 2006)[73], o conceptualizador limita essas entidades, tanto na cognição quanto na língua, pois nesta dimensão o processo é representado pelo elemento *em*.

No último conjunto de exemplos, há a projeção por parte da preposição *em* de sentidos mais figurado, menos experiencial. Isso ocorre, pois ela promove a correspondência entre dois MCI.[74] Essa função semântico-cognitiva parece contribuir para a abstração do enunciado e evidência o posicionamento de Oliveira (2009, 2011) em relação à importância do contexto lexical para estudar o sentido projetado (CASTILHO 2009, 2010, 2012) pela preposição *em*:

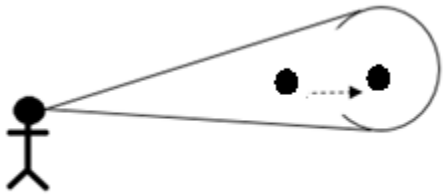
[73] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*
[74] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*

III. Preposição *em* estabelece relações entre dois MCI:

(151) Sinhozinho desandou **em** bravatismos.
(152) O território pode construir-se **em** províncias. [75]

Nos exemplos (151) e (152), a preposição *em* promove a correspondência entre dois MCI (*desandou/bravatismos* e *construir-se/províncias*) via metáfora (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, LAKOFF 2006) e projeta para o enunciado o sentido de modo/maneira que ocorreu a ação. Tal sentido não seria possível de ser visualizado sem observar a articulação entre os MCI, isto é, a perspectivização da cena.[76] Na cognição, há uma perspectivação de duas entidades que estão relacionadas entre si:

Figura 7: Preposição *em* estabelece relações entre MCI



A *Figura 7* representa a prespectivização do conceptualizador que focaliza via metonímia (LAKOFF 1990/1987, LANGACKER 1993, SOARES DA SILVA 2006)[77] não somente o marco final da cena, como vimos nas figuras anteriores, mas o EI TRAJETO de entrar em algo que necessariamente envolverá dois momentos de uma mesma cena, representados pelas duas bolinhas e a seta pontilhada. As duas

[75] Exemplos de Neves (2011).
[76] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias.*
[77] Cf. seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias*.

bolinhas representam por sua vez os dois MCI envolvidos na cena do enunciado e a seta o trajeto.

As diversas formas de perspectivizar uma cena são sancionadas pelos EI CONTÊINER e TRAJETO (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, DEWELL 2005). Nas duas primeiras funções semântico-cognitivas, é possível entender o sentido do elemento *em* a partir do EI CONTÊINER, uma vez que a preposição *em* ativa o sentido de continente/conteúdo ao escopo focalizado.

Na terceira função semântico-cognitiva, o sentido de continente/conteúdo já não é ativado pela preposição *em* uma vez que houve a transposição de esquemas – CONTÊINER para TRAJETO. O EI TRAJETO por sua vez sanciona a correspondência entre dois MCI ativando no enunciado de modo/maneira.

3.3.2 A segunda instância da heterossemia

Notou-se nos dados coletados dos *corpora* diacrônicos do PHPP[78] que não há uma nítida separação entre as categorias de preposição e prefixo relativas ao elemento *em*. Isso pode ser explicado pela atuação da heterossemia, em que "a mesma função semântico-cognitiva de perspectivizar se distribui em diferentes categorias formais (presa, dependente e livres)" (Kewitz et al. , no prelo).

Os autores relacionam o conceito de heterossemia ao de *chunking*, definido por Bybee (2010, p. 34) como:

> processo de formação de *chunks*, que, por sua vez, são unidades que se definem, não por alguma propriedade estrutural, mas pelo fato de serem rotinizadas pelo uso, ou seja, pela repetição.

[78] Cf. capítulo *4. Metodologia.*

Por ter um caráter histórico, o processo cognitivo *chunking* gera “unidades que se definem, não por alguma propriedade estrutural, mas pelo fato de serem rotinizadas pelo uso, ou seja, pela repetição” (KEWITZ et al., no prelo), em outros termos, são estruturas que se cristalizam pelo uso ao longo do tempo, como é o caso de *com certeza, de repente*, etc; ganhando assim *status* de unidade, nos termos de Langacker (1987).

Ao se cristalizarem, essas expressões fixam-se fazendo com que preposições sejam usadas também como prefixos: *concerteza*, *derrepente* e mantêm a mesma função de perspectivizar, mas em outra categoria da língua.

A *heterossemia* explica porque o elemento *em* atua como preposição e como prefixo, pois independente da categoria linguística, as funções de perspectivizar uma cena (op. cit.) e projetar aos escopos um outro sentido (CASTILHO, 2009, 2010, 2012 ALVES, 2015) são mantidas.

Nos termos da AM (CASTILHO, 2010), o *chunking* é o processo de morfologização: “formação de morfemas flexionais e derivacionais de uma língua” (op. cit., p. 147). A morfologização do prefixo *en-,* já iniciada no latim, foi mantida na língua vernácula. Através da rotinização, cristalizam-se as expressões formando os prefixos.[79] Além disso, os *chunks* são denominados pela AM (op. cit.) como sendo *preposições complexas*, visto não possuírem “estatuto categorial próprio, [pois] não representam outra classe morfossintática”, em outras palavras, ainda não possuem *status* de unidade nos termos de Langacker (1987).

[79] Ambos os conceitos, heterossemia e *chunking* nos alicerçaram a não organizar de forma clássica nossos dados diacrônicos, separando-os por preposições e prefixos. Nossa pesquisa é direcionada ao estudo das preposições, mas como vimos, essa classe de palavras tem uma relação com o prefixos que ficou explícita na análise dos dados. Por esta razão, embora não nos foquemos no estudo do prefixo *en-* neste trabalho, pretendemos dar continuidade à análise dos prefixos e a atuação da heterossemia em estudos futuros.

3.4 Considerações sobre o capítulo

Nesse capítulo apresentamos os postulados que fundamentam a AM – seção *3.1 Abordagem multissistêmica* - os conceitos elaborados pela LC – seção *3.2 A linguística cognitiva: um conjunto de teorias* - e a forma pela qual estudaremos a semanticização do elemento *em* –seção *3.3 O processo de semanticização*.[80]

Sob a ótica da *ciência dos sistemas complexos*[81], a AM (CASTILHO 2010, p. 69-79) determina que (1) "a língua se fundamenta num aparato cognitivo; (2) "a língua é uma competência comunicativa; (3) "as estruturas linguísticas não são objetos autônomos", atuam de acordo com o uso e a cognição humana; (4) "a língua é pancrônica"; (5) "do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas em um multissistema operacional"; (6) "do ângulo dos processos, as línguas serão definíveis como um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizadas em um multissistema operacional"; (7) "um dispositivo sociocognitivo ordena os sistemas linguísticos".

Os postulados dessa opção teórica nos permitem observar um sistema da língua isoladamente, pois, para a AM, os sistemas são autônomos, isto é, não há hierarquia entre eles (CASTILHO, 2010, p. 77). Nesse sentido, ainda que "qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais" (op. cit., p. 77), pelo fato de não haver a hierarquia entre os sistemas, é possível estudar essas características isoladamente, sem ter que subordinadas os fenômenos à um sistema ou outro.

---

[80] Neste trabalho, seguimos os postulados sobre a língua determinados pela AM, os conceitos da LC para o estudo do processamento do sentido e o estudo de Kewitz et al. (no prelo) para a análise da semanticização do elemento em.
[81] Cf. capítulo *1. Introdução*.

Não negamos, portanto, que o elemento *em* possua propriedades lexicais, gramaticais e discursivas, contudo, nesta pesquisa, em razão do que foi constatado no capítulo *2. Revisão da literatura*, decidimos analisar as propriedades semânticas, ou seja, o processo de semanticização do elemento *em*.

Para essa análise, adotamos os estudos de Kewitz et al. (no prelo). Segundo os autores (op. cit.), o processo da heterossemia atua em duas instâncias, em uma delas, a heterossemia produz o fenômeno no qual uma mesma função semântica atua em diferentes categorias linguísticas. Desta forma, as preposições e os prefixos têm uma mesma função: perspectivar uma cena. Isso explica porque o elemento *em* atua como preposição e como prefixo.

No que tange à outra instância da heterossemia, ela é capaz de gerar a perspectivação, processamento cognitivo que promove os ajustes dos MCI e EI a depender de cada contexto de uso. As diferentes formas de perspectivar uma cena foram organizadas por Kewitz et al. (no prelo) em três funções semântico-cognitivas que explicam os processos de semanticização desempenhados pelas preposições: (1) exprimir o EI envolvido na experiência quando o conceptualizador se aloca como *trajetor* ou *marco* na cena, (2) estabelecer relações dentro de um MCI e (3) estabelecer relações entre MCI.

Por essas três funções, tornou-se imprescindível usar os conceitos desenvolvidos pela LC - que explicam o funcionamento cerebral e processamento cognitivo da linguagem em uso - para elucidar os processos de semanticização do elemento *em.*

Para melhor compreensão dos conceitos, primeiramente, explicou-se os pressupostos que conduzem os estudos das teorias da LC. Foi exposto que para a LC, a cognição não é modular e é formada a partir de atividades sensório-motoras,

por consequência, a linguagem, atividade cognitiva, também não compõem um módulo separado dos demais e é personificada. Além disso, conforme a LC, a linguagem é semanticamente motivada, pois o sentido é o principal fenômeno resultante da leitura que a cognição faz do meio (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987).

O sentido, por ser resultado de uma leitura da realidade, é (1) perspectivo, (2) dinâmico, (3) enciclopédico e (4) construído/motivado pelas palavras em uso (LAKOFF 1990/1987). A organização dos sentidos, ou seja, desse conhecimento é empreendida pelos modelos cognitivos idealizados (MCI). As palavras ativam os MCI e estes, por sua vez, processam o sentido a partir de esquemas imagéticos, metáforas e metonímias (LAKOFF 1990/1987).

Ao serem ativados, os MCI podem apresentar tanto elementos mais prototípicos quanto os radiais de uma certa categoria, por esta razão, a LC prefere a categorização prototípica à clássica, pois aquela promove uma gradiência entre elementos representativos e menos representativos em um *continuum* baseado na semelhança (LAKOFF 1990/1987, SOARES DA SILVA 2006).

Concluímos, a partir dos estudos de Lakoff & Johnson (1985/1980), Johnson (1987), Lakoff (1990/1987) e Dewell (2005), que os EI são esquemas cognitivos dinâmicos, pois são absorvidos e construídos pela cognição humana a partir da interação com a realidade. Por esse motivo podem indicar uma localização espacial – como é o caso do EI CONTÊINER - e também um TRAJETO.

Pela orientação dos estudos, o EI CONTÊINER motiva a criação do sentido prototípico *interioridade/limite* e o EI TRAJETO os sentidos radiais de *direção/objetivo*, *modo*/*maneira*, *transformação* e *causa/consequência* do elemento *em*.

Para ilustrar a questão, usamos alguns exemplos de Neves (2011) e foi possível entrever que a preposição *em* apresenta sentidos relacionados ao EI CONTÊINER e por este motivo, caracterizamos como um fenômeno polissêmico e não de homonímia. Os sentidos apresentados pelo elemento *em* demonstram que “a polissemia não se caracteriza pelo pertencimento de vários significados a uma unidade lexical, e sim pela potencialidade de uma unidade lexical evocar mais de um significado.” (LEMOS DE SOUZA, 2010, p. 56).

No que tange aos processos de metáfora e metonímia, por meio dos estudos de Lakoff & Johnson (1985/1980), Langacker (1993), Soares da Silva (2006) e Tavares da Silva (2011) foi discutido que o primeiro se caracteriza pela relação entre dois domínios que não fazem parte de um mesmo domínio-matriz e o segundo por ser uma relevância cognitiva em que um domínio representa ou transfere sentido dentro de um mesmo domínio-matriz.

4. Metodologia

Este capítulo é dedicado a explicação de como foi feita a coleta de dados nos *corpora* diacrônicos do PHPP II, séculos XVIII e XIX, *seção 4.1 Coleta de dados*, e também dos procedimentos utilizados na análise dos dados coletados, seção *4.2 Procedimentos de análise*.

4.1 Coleta de dados

No capítulo *1. Introdução,* explicamos que o presente trabalho faz parte do *Projeto para História do Português Paulista II* (PHPPII), também denominado *Projeto Caipira II*. Esse projeto disponibiliza *corpora* diacrônicos digitalizados do português paulista a fim de apoiar pesquisas em relação a esta variedade (PROJETO PHPP II).

Os *corpora* do PHPP II estão divididos em três conjuntos: *corpus* mínimo manuscrito, *corpus* mínimo impresso e *corpus* diferencial. A partir dessa subdivisão, os *corpora* estão disponibilizados em um eixo diacrônico horizontal segmentado por metades de séculos. Esse eixo inicia-se na primeira metade do século XVII e finda-se na segunda metade no século XX. Verticalmente, os *corpora* estão arranjados por gêneros textuais, tais como cartas (de vários tipos), testamentos, atas de câmara, notícias, inquéritos orais, memórias históricas, diários de viagens, entre outros.

A seleção de documentos para a coleta de dados baseou-se na concepção de que as preposições, segundo a AM, são palavras que indicam uma localização no espaço (CASTILHO, 2010). Sendo assim, optamos por documentos como *Memórias,*

Relatos históricos e Diários de viagem devido à inerente descrição espacial presente nesses gêneros textuais.[82]

Essa tipologia textual, assim como outras, pode ser específica de alguma localidade e/ou período. É o caso dos gêneros textuais selecionados para a coleta de dados: foram lavrados nos séculos XVIII e XIX, por essa razão, nossos dados datarem desses dois séculos.[83]

Foram selecionados dois documentos de cada século e foi dada preferência aos escritos por brasileiros. No quadro abaixo, listamos os documentos selecionados, apresentando o título o autor do documento, os responsáveis pela edição e o século/ano em que o documento foi lavrado:

Quadro 15: Documentos selecionados para a coleta

Documento e autor	Edição	Século
1. Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente", manuscrito autógrafo da BNL (1775) Autor: Frei Gaspar da Madre de Deus	Edição semidiplomática e filológica Patricia Simone Ferucio Manoel e Revisão Priscilla Uvo Morais (2013)	Segunda metade século XVIII
2. Diario de viagem, que de Villa Bella deMatto-Grosso fis para a Cidade deSaõPaulo pelas ordinarias derrotas de terra, eRios que delle constar no anno de 1788 Autor: Francisco José de Lacerda e Almeida	Edição semidiplomática e filológica Patricia Simone Ferucio Manoel e Revisão Priscilla Uvo Morais (2013)	Segunda metade século XVIII
3. Discripção do Municipio da Villa de Santo Antonio de Apiahy (1881) Autor: Câmara Municipal de Apiahy	Edição semidiplomática do manuscrito Verena Kewitz, Leandro S. Araújo e Eloane Berto (2016a)	Segunda metade século XIX
4. Descrição do município de Xiririca (1881) Autor: José Martins Ribeiro	Edição semidiplomática do manuscrito Verena Kewitz, Leandro S. Araújo e Eloane Berto (2016b)	Segunda metade século XIX

[82] Cf. site do PHPP II: http://phpp.fflch.usp.br.
[83] Para uma descrição detalhada da gênere desse tipo de texto, dentre outros, consultar Simões (2007).

Esses documentos foram editados conforme a norma de edição semidiplomática.[84] A importância para esse tipo de edição para qualquer estudo linguístico está em que todas as características do texto original, especificamente manuscrito, são mantidas, tais como: ortografia, acentuação, paragrafação, pontuação, inserções e correções por parte do escriba, fronteiras entre as palavras, etc. Esses fatores devem ser observados de modo a não impedir a identificação de um processo.[85]

Essa última característica tem especial relevância para nosso estudo pois, até os primeiros acordos ortográficos da língua portuguesa, por volta de 1940 (CASTILHO, 2010), não havia padrão único da escrita, mesmo que se possa entrever certas regularidades e padrões variáveis quanto à tipologia textual e sobretudo ao período.

Nos séculos que englobam os textos que serviram de base para a coleta de dados desta pesquisa – XVIII e XIX – é razoavelmente frequente a junção de preposições, artigos, pronomes e conjunções a nomes e verbos. No entanto, é possível também encontrarmos esses mesmos elementos grafados separadamente, o que pode revelar apenas o movimento mecânico da escrita de levantar ou não a pena do papel, mas também a percepção do escriba quanto à própria linguagem.

Não há como precisar cada caso em cada dado a partir dos dados levantados. Isso poderia nos conduzir a uma análise subjetiva dos dados, por isso optamos por uma análise qualitativa do elemento *em,* visando à função desempenhada – preposição, *chunk* ou prefixo. Os procedimentos de análise dos dados são colocados na seção 4.2 adiante.

---

[84] As normas estão publicadas em Mattos e Silva (2001 Org.).
[85] Esses fatores devem ser observados de modo a não impedir a identificação de um processo como a parassíntese de “emcorporadas” e “entestar”. Cf. seção 5.2.2.

4.2 Procedimento de análise

Organizamos os dados em três grandes conjuntos funcionais - preposição, *chunkings* ou prefixo - sendo que o primeiro conjunto se subdivide em 3 subconjuntos de acordo com as funções semântico-cognitivas desempenhas pelas preposições (KEWITZ et al., no prelo)[86]:

1. **Elemento *em* atuando como preposição**

   1.1 A preposição exprime um EI
   1.2 A preposição estabelece uma relação dentro de MCI
   1.3 A preposição estabelece relações entre MCI

2. **Elemento *em* formando *chunkings***

   2.1 *Chunkings*
   2.2 *Chunks e as palavras*

3. **Elemento *em* como prefixo**[87]

É importante frisar que em razão do caráter dinâmico[88], simultâneo e multilinear dos processos linguísticos (CASTILHO 2010) a divisão acima é metodológica para melhor análise dos dados e não é clássica, mas prototípica (LAKOFF 1990/1987), ou seja, os elementos estão dispostos em um *continuum*, sendo que há representantes radiais - como por exemplo o elemento *em* formando *chunking* - e prototípicos - o elemento *em* atuando como preposição.

---

[86] Para a análise dos *chunkings*, também foram usadas as três funções semântico-cognitivas propostas por Kewitz et al. (no prelo), contudo, por serem formações rotinizadas, repetidas, nós organizamos os dados segundo as expressões que foram encontradas nos documentos.
[87] Fizemos essa divisão durante a coleta dos dados, todavia os prefixos não foram analisados, pois nosso objetivo nesta pesquisa volta-se às preposições, como já explanado, pretendemos pesquisá-los futuramente.
[88] Sentido da AM.

No quadro 16 abaixo são listados os documentos selecionados para a pesquisa e as respectivas siglas, que serão usadas nas referências em cada exemplo no capítulo 5:

Quadro 16: Siglas dos dados

DS	Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente", manuscrito autógrafo da BNL (1775)
DV	Diario de viagem, que de Villa Bella deMatto-Grosso fis para a Cidade deSaõPaulo pelas ordinarias derrotas de terra, eRios que delle constar no anno de 1788
DMA	Discripção do Municipio da Villa de Santo Antonio de Apiahy (1881)
OCA	Ofício que antecede o documento DMA lavrado pela Câmara Municipal de Apiai.
DMX	Descrição do município de Xiririca (1881)
L	Linha (da edição semidiplomática)

A coleta de dados do elemento em foi feita de forma exaustiva nos documentos litados acima, totalizando 188 ocorrências. Optamos por uma análise qualitativa dos dados, pois os documentos selecionados variam não somente em relação aos períodos, mas também em tamanho. Além disso, como exposto na seção anterior, vimos que não há uma nítida divisão entre preposições e prefixos, mas sim um contexto em que é visível a formação de prefixos a partir de preposições, fato que nos encaminhou à categorização prototípica dos dados (LAKOFF 2011, LAKOFF 1990/1987).

Para a análise dos dados, seguimos, dentre outros, os pressupostos da AM (CASTILHO 2010) que determinam (1) a língua como um conjunto de processos e produtos organizados em um multissistema e (2) as preposições como palavras predicadoras que projetam uma localização espacial aos seus escopos (CASTILHO 2009, 2010, 2012).

Dos processos atuantes na língua, escolhemos estudar a semanticização à luz das três funções semântico-cognitivas das preposições propostas por Kewitz et al

(no prelo) - (1) exprimir um EI; (2) focalizar um MCI; e (3) relacionar 2 MCI - e também com base nos conceitos desenvolvidos pela LC que permitem entender o funcionamento da cognição humana a partir do sentido: (1) MCI; (2) EI; (3) metáfora; (4) metonímia; (5) polissemia e (6) categorização prototípica. Abaixo organizamos um quadro síntese com os conceitos e os autores que embasaram nossa análise[89]:

Quadro 17: Processos de semanticização

Funções semântico-cognitivas das preposições	Kewitz et al (no prelo)		
Chunk/chunking	Bybee (2010, p. 34)		
MCI	Lakoff (1990/1987)	Kewitz et al., (no prelo)	
EI	Lakoff & Johnson (1985/1980)	Johnson (1987)	
Metáfora	Lakoff & Johnson (1985/1980)	Lakoff (2006)	
Metonímia	Lakoff (1990/1987)	Langacker (1993)	Soares da Silva (2006)

A fim de reduzir o número de categorias semânticas atribuídas ao elemento *em,* com base no pressuposto de que língua é pancrônica (CASTILHO 2010) e que as preposições são palavras predicadoras, assim como no capítulo *2. Revisão da literatura*, para a análise dos nossos dados usamos como base semântica concreta os sentidos históricos (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955) da preposição *em* reproduzidos abaixo*:*

[89] Em nossa análise, ao nos referirmos aos conceitos, entende-se que nos embasamos nas referências citadas nesse quadro, as quais, por sua vez, também foram discutidas no capítulo *3. Pressupostos teóricos.*

Quadro 18: Síntese dos sentidos latinos e históricos da preposição *em*

In + caso ablativo	In + caso acusativo
Interioridade	Direção/objetivo
Limitar um lugar	Modo/maneira
	Resultado a que se chega (transformação)

Ademais, discutimos também que as preposições são palavras polissêmicas que podem, a depender da função semântico-cognitiva que desempenham no enunciado, ativar diferentes sentidos. Por esta razão, seguimos também o ideal de Oliveira (2009, 2011) de que é importante analisar o contexto do enunciado como um todo para entender o sentido ativado pela preposição *em,* bem como a ideia de que as preposições possuem um sentido mais concreto (locacional e histórico) que por meio de processos cognitivos sofre abstração na língua (ILARI et al., 2015) gerando a polissemia. Para este estudo da categorização dos sentidos das preposições de maneira prototípica, nos baseamos nos seguintes autores, além dos já citados[90]:

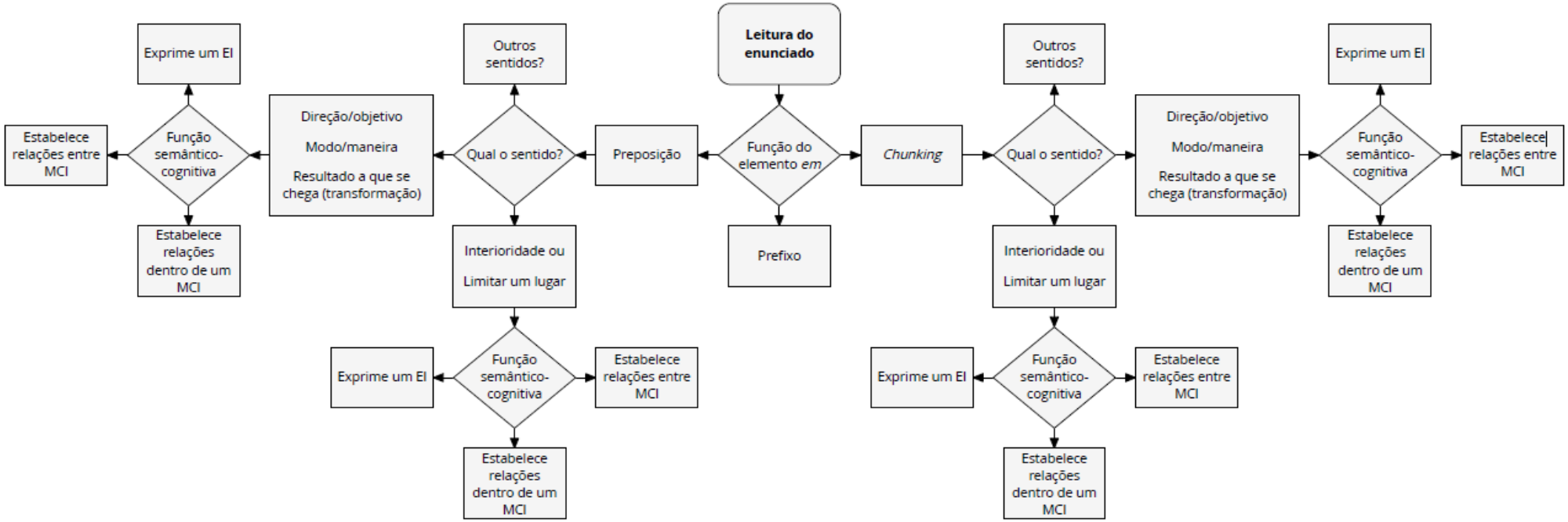
Quadro 19: A polissemia da preposição *em*

Polissemia das preposições	Lakoff (1990/1987)	Soares da Silva (2006)	Oliveira (2009, 2011)	Ilari et al. (2015)
Categorização prototípica	Lakoff (1990/1987)			

Os procedimentos que nós seguimos para a análise dos dados, com base na teoria descrita acima, foram organizados no fluxograma abaixo:

[90] Idem nota 81.

Figura 8: Fluxograma dos procedimentos de análise[91]



[91] Os procedimentos expostos no fluxograma anteriormente apresentado são a base para a compreensão da análise empreendida no Capítulo *5. Análise do processo de semanticização do elemento em* a seguir.

5. Análise

Este capítulo é dedicado à análise do processo de semanticização do elemento *em.* Ele está organizado de acordo com (1) as funções semântico cognitivas desempenhadas pelas preposições e (2) o *continuum* entre preposições e os *chunks*, por este motivo está dividido em duas seções.

A primeira seção *5.1 Elemento em atuando como preposição* está subdividida em conformidade com as três funções semântico cognitivas: *5.1.1 O elemento em exprime o EI CONTÊINER, 5.1.2 O elemento em estabelece relação dentro do MCI* e *5.1.3 O elemento em estabelece relações entre MCI.*

A segunda seção subdivide-se em relação ao processo de formação de *chunks*. Na primeira subseção, *5.2.1 O processo de chunking*, apresentamos casos que representam a formação dos *chunks*, enquanto que, na seção 5*.2.2 Os chunks*, dados em que os *chunks*, inclusive na sincronia, já estão formados.

5.1 Elemento *em* atuando como preposição

Em nossas análises, notamos que o elemento *em* se apresenta em transformação. Por esse motivo, primeiramente discutimos seu processo de semanticização na função prepositiva e, na sequência, na formação de *chunks* (BYBEE 2010, p. 34).[92]

Para a análise de ambas as condições do elemento *em,* usamos as três funções semântico-cognitivas desempenhadas pelas preposições (KEWITZ et al.). Essas três funções também foram usadas para a análise dos *chunks* (BYBEE 2010, p. 34), pois essas formações ainda não possuem status de unidade (LANGACKER 1987) e são caracterizadas como preposições complexas (CASTILHO 2010), ou seja, ainda não possuem um estatuto categorial próprio.

As três funções semântico-cognitivas (KEWITZ et al., no prelo) permitem que os dados sejam ordenados segundo os pressupostos cognitivos da abstração do sentido (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987, GEERAERTS 2006, GEERAERTS & CUYCKENS 2007). Sendo assim eles são apresentados a partir dos mais concretos – elemento *em* exprimi o EI CONTÊINER, primeira função - e seguem até os sentidos mais figurados – elemento em estabelece relações dentro de um MCI e entre MCI, segunda e terceira funções.

É importante ressaltar que a ideia de concreto e figurado são relativas ao real experienciado ativado pelo conceptualizador. Discutimos anteriormente que a metáfora e a metonímia (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980) são processos

---

[92] Como já explanado, por uma questão metodológica, a pesquisa do elemento *em* na função de prefixo será empreendida em um trabalho futuro. Cf. seção *6. Considerações finais e horizontes da pesquisa.*

cognitivos e que, por sua vez, não são as palavras que geram a metáfora ou a metonímia, na verdade, elas representam esses processos cognitivos.

Dessa forma, a ideia de concreto ou figurado está relacionada ao real mais ou menos experienciado pelo conceptualizador, ou seja, ele pode empreender uma compreensão mais experiencial e concreta ou uma menos experiencial e figurada da realidade.

5.1.1 O elemento em exprime o EI CONTÊINER

Abaixo reproduzimos alguns exemplos para observar a primeira função semântico-cognitiva desempenhada pelo elemento *em*:

(153) Donde rezulta por innegavel consequencia, que odominio
epropriedade daCapitania deSaõ Vicente, rezide **em**hùa deduas
Cazas Illustrissimas,
[DS L 411]

(154) advirta-se porem, que emhuma
destas Escripturas, foi parte estipulante omesmo JorgeFerreira;
enoutra seu genro Christovaõ Monteiro, eaprimeira tinha
demais acir cunstancia deser lavrada **em** Cazadomes=
mo Ferreira; por Tabaliaõ, que elle havia criado.
[DS L 1608]

(155) Aprimeira vez que encontro as50legoas dePedro
Lopes, com otitolo deCapitania deSanto Amaro, hé n'ùa Escrip-
turadeterras, que Jorge Ferreira doou, aManoel F[re]z, La
Lavrada **em** sua caza namesmallha aos3. deOutubro
de1547.
[DS L 1639]

(156) eAlmoxarifado desta Capitania deSaõ Vicente, que hé ver=
dade, que em meu poder tenho hum livro velho, que está **no**=
Cartorio desta Prevedoria, que se intitula
[DS L 965]

(157) **No** CartoriodaFazenda
Real deSaõ Paulo, estaõ registadas hùas Escripturas,
[DS L 1098]

(158) Tambem hum manuscripto antigo, que li ám*ui*tos annos, eso-
ponho seconServa ainda **no**Arquivo doMosteiro Benedeti=
[DS L 101]

(159) Sahio
de Lisboa, **em** hu[ã] Esquadra, que armara a Sua custa, eno primeiro
[DS L 40]

(160) Naveguei por este Rio 3 legoas **em** hum batelaõ, emque
[DV L 261]

(161) embarcar-separaLisboa na Cidade daBahia, **eno**primeiro Na-
vio, echegando áCorte,
[DS L 1053]

(162) Pelas 7horas ½ dei principio á minha navegaçaõ partindo do porto da
dita Villa **em** huã Canoa, levando mais na minha Companhia hum batelaõ
[DV L 15]

(163) e usa por Contraveneno daa=
goa ardente que sefas da Cana do asucar, **em**que lhe deita algum sal;
[DV L 478]

Nos exemplos, (153) a (163), o elemento *em* (1) focaliza o escopo via metonímia, ou seja, perspectiviza a cena e (2) projeta lhe o sentido de interioridade, exprimindo assim um sentido mais concreto, ou seja, mais real e que possui uma correspondência mais nítida ao EI CONTÊINER. [93]

Nos exemplos de (153) a (158), o elemento *em* focaliza e projeta aos seus escopos, que por sua vez são edificações - *casa, cartório* e *arquivo* - o sentido de localização no interior de um espaço. Nos exemplos de (159) a (162), o elemento *em* continua exercendo a mesma função e projeta aos escopos, que nesses casos são veículos, o sentido de localização dentro de um determinado ambiente, mesmo que em movimento.

[93] Vale ressaltar que na perspectiva multissistêmica não há uma ordem de processos. Todos ocorrem de forma simultânea, multilinear e dinâmica, por este motivo ressaltamos que essa suposta separação e sequencialidade é puramente metodológica, visto ser impossível uma explicação que não siga a sequencialidade.

No exemplo (163), o elemento *em* permite o entendimento de que o *sal* é integrado, *colocado dentro* da *água ardente* para que ambos sejam usados como um contraveneno. O EI CONTÊINER sanciona tal sentido e nos permite fazer esta interpretação, pois via metáfora, domínios são compreendidos por meio de outros de diferentes matrizes; nesse sentido, a *água ardente* é compreendida como um continente que pode ser dotado de um conteúdo, o *sal*.

Para entender a semanticização do elemento *em* nos exemplos de (153) a (163) foi necessário observar o contexto do enunciado, como proposto por Oliveira (2009, 2011); nessa análise, avaliou-se qual função semântico-cognitiva o elemento *em* desempenhou em cada exemplo e, a partir do sentido do escopo por ele focalizado, determinamos o sentido ativado.

Essa interpretação é importante, pois, pelo fato de as entidades serem reais, o sentido do elemento *em* é também concreto, por isso nos exemplos vistos a preposição *em* exprime o EI CONTÊINER, sentido prototípico dessa preposição. Em outras palavras, os escopos sublinhados são compreendidos como continentes – e na realidade de fato o são – que podem ser dotados de um conteúdo. Saber se o escopo é ou não "real" torna-se imprescindível para a compreensão da função desempenhada pela preposição *em*, tal fato justifica a importância da interpretação do enunciado.

Ademais, independente da taxionomia, as análises acima descritas complementam-se[94] e revelam que de fato qualquer palavra da língua possui uma atuação semântica regrada, contrariando, por exemplo, estudos que se voltaram à

[94] A perspectivização explica porque um sentido é projetado ao escopo e os conceitos da LC explicam o processamento da cognição humana, como metáfora, metonímia e EI; estes, por sua vez, justificam a variação da perspectiva e, por consequência, a variação semântica.

uma lista idiossincrática de sentidos, como se as palavras somassem sentidos ao invés de ativá-los[95] de maneira dinâmica.

5.1.2 O elemento em promove uma relação dentro do MCI

Kewitz et al. (no prelo) separam as funções das preposições de acordo com a perspectivização das cenas[96]. Na seção anterior, constatamos que a preposição *em* exprime o EI CONTÊINER nos exemplos, pois via metonímia ela focalizou os escopos – que na realidade são de fato continentes que podem ser dotados de um conteúdo - e lhes projetou o sentido de estar dentro de um continente.

Nos próximos exemplos ocorre o mesmo processamento, contudo a diferença é que nos exemplos da seção anterior o elemento *em* focaliza e projeta aos seus escopos um sentido concreto de interioridade, exprimindo assim o próprio EI, pois as entidades são reais e permitem uma limitação concreta.

Nos exemplos desta seção, o elemento *em* focaliza via metonímia e projeta um limite personalizado pelo próprio conceptualizador, via metáfora [97] aos seus escopos. Esse limite personalizado é criado por que embora os escopos sejam reais, realisticamente não são continentes, mas podem ser entendidos como continentes.

Isso ocorre porque sentidos figurados são construídos a partir de sentidos mais concretos, ou mais experienciais, que, por sua vez, remetem à configuração

---

[95] Cf.seção *2. Revisão da literatura.*
[96] Cf. seção *3.3 O processo de semanticização*
[97] Cf. seção *3.3 O processo de semanticização.*

corpórea humana (JONHSON 1987, LAKOOF & JOHSON 1985, LAKOFF 1990/1987, GEEAERTS 2006, GEEAERTS & CUYCKENS 2007). Em outras palavras, o sentido de limite é sancionado pelo sentido concreto de interioridade inerente ao EI CONTÊINER.

É importante ressaltar que o sentido de limite pode ser projetado também a entidades abstratas, ou seja, que não existem na realidade, mas são criações da própria cognição humana.

Nos próximos exemplos, iremos observar como o elemento *em* projeta um limite personalizado - criado via metáfora pelo conceptualizador - a entidades concretas focalizadas via metonímia:

5.1.2.1 Em limita o seu escopo: localização no espaço

(164) as 100 legoas aelle doadas **na** Costa do Brazil, foraõ-
motivo de asperderem Seus Herdeiros.
[DS L 13]

(165) O Municipio em geral é coberto de mat=
[p.2] mattas e capoeiras e somente **em** al=
guns lugares, principalmente nas mar=
[DMX L 26]

(166) **No** sul porem, **nos**
altos da Serra Negra há peque=
nas campinas
[DMX L 30]

Nos exemplos (153) a (158) e (160) a (162), os limites são concretos, pois casas e barcos podem ser de fato compreendidos como continentes que se separam do resto por meio de um limite real. A casa tem paredes e o barco possui a própria madeira. Nos exemplos (164) a (166), os escopos são evidentemente reais,

concretos, contudo não são dotados de um limite real. Não há um limite real para os escopos *costa do Brasil*, *alguns lugares*, *sul* ou *alto da serra*. O limite é criado pelo conceptualizador na leitura da realidade e representado linguisticamente pela preposição *em.*

Se pensarmos na ideia de mapa, divisão de países, estados, cidades e bairros, todos os limites são perspectivizados pelos conceptualizadores, eles não existem na realidade, são “linhas imaginárias” criadas pela cognição humana.

O mesmo processo pode ocorrer com outras entidades, como por exemplo, *Costa do Brasil*. Sabe-se que a costa do Brasil é extensa, logo, a que parte da costa o conceptualizador refere-se? A parte observada por ele, cujo limite é criado por ele, e isso é evidenciado na linguagem por meio da preposição *em*.

A metáfora promove a construção de um mapa entre dois domínios que não pertencem a um mesmo domínio matriz, sendo um mais concreto e outro mais figurado. Logo, o sentido de limite - domínio figurado - é sancionado pelo EI CONTÊINER - domínio concreto e mais experiencial - através do processo de metáfora.

A partir disso, o elemento *em* torna-se capaz de projetar um limite abstrato/figurado, ou seja, menos experienciado, aos escopos *Costa do Brasil, porto, alguns lugares, sul e altos da Serra Negra* pois os focalizou via metonímia.

Os escopos dos exemplos (164) a (166) não possuem uma limitação real, diferentemente do que ocorre nos exemplos anteriores (153) a (162), nos quais o limite é real. Nos próximos exemplos, assim como nos anteriores - (164) a (166), o elemento *em* limita outras localizações terrestres que, provavelmente, dizem respeito ao campo de visão do conceptualizador:

(167) He tradiçaõ, q*ue* **nestes**montes ham*uit*o ouro, edizem, q*ue* varias
[DV L 596]

(168) semelhante aos que achaõ-se **nos** matto[s]
[OCA L 33]

(169) que achando-se situada **na** fralda
da serra Geral, é atravessado de nume_
[DMA L 51]

(170) Morro_agu_
do _ e serra de Itapirapoam, ambas situa_
das **na** parte Noroeste do destricto.
[DMA L 83]

(171) Atté ahi o
valle da Ribeira é muito largo
em lugares composto de terreno
[DMX L 44]

(172) porem é certo que **nas**
ramificaçoẽs da Serra Negra
que ainda naõ saõ habitadas
[DMX L 112]

(173) **Na** serra
do mar ou serra Geral as
maiores altitudes talvez naõ
alcancem a 1: 400 metros,
[DMX L 116]

(174) os planaltos **em** ambas as serras
variaõ de 800 até 1: 000 metros
de altura.
[DMX L 120]

Diante dos exemplos anteriores, é relevante ponderar que o elemento *em* sempre limitará algo, mas há casos em que (1) a limitação é concreta, pois o limite de uma determinada entidade é também concreto e real; e há casos em que (2) o conceptualizador cria um limite figurado a uma certa entidade que não possui um limite real, como é o caso da limitação de locais como *angra* e *foz*:

(175) Aos 6 dodito mez, em dia deReys a-
vistou allha grande, e entrou **na** Angra, aque apelidou dos Reys,
[DS L 47]

(176) tendiveis na navegaçaõ dos Rios Cuyabá, Porrudos, e Paraguay,
darei principio a hum circunstanciado diario **na** fos do Rio Taqua=
ry: eagora contentome em dizer, que neste dia dei principio áviagem.
[DV L 11]

Embora *angra* e *foz* sejam regiões de aquíferas, nas quais é possível estar dentro da água literalmente, através da leitura do contexto, observa-se nos exemplos (176) e (176) que o elemento *em* focaliza, através da metonímia, e projeta aos escopos um limite figurado, criado pelo conceptualizador, via metáfora. São entidades concretas, mas que não possuem um limite real. O que na realidade delimita uma *angra* ou uma *foz*? O limite dessas entidades concretas é determinado pela cognição humana. Ele é, portanto, perspectivizado pelo conceptualizador e representado linguisticamente pela preposição *em*.

O mesmo processo ocorre nos exemplos abaixo, em que há localizações em rios. Pela leitura do contexto, o elemento *em* não projeta aos escopos focalizados a noção de interioridade, ou seja, estar dentro do rio, mas estar nos limites, isto é, em uma determinada parte, dessa entidade:

(177) Pelas 8horas ½ entrei **no** Rio Porrudos tendo avistado pelas 7horas huã
[DV L 18]

(178) Entrei **no** Paraguay pelas 7horas da manhaã.
[DV L 21]

(179) guay, e Porrudos, evaõ sair **no** Cuiabá muito assima [desua] [dezemboca=]
dura **no** Porrudos. P*ar*a se Saber orumo geral, q*ue* segui
em cada hum dia, tirarei do ponto da partida para o p*onto* ex*tremo* do pouzo
[DV L 49]

(180) perto onde existe, e **na** Ribeira de Iguap[e]
tem varios _ Sambaquis
[OCA L 30]

O processo de metonímia e perspectivização nos permitem perceber a leitura que o falante faz da realidade (LANGACKER 1993, SOARES da SILVA 2006, p. 137-138) através da língua em uso. Ao focalizar seus escopos e lhes projetar um limite personalizado, percebemos pelo emprego do elemento *em* que são partes dos rios, e não os rios por inteiro, demonstrando assim que o limite é menos experienciado, mas figurado.

Os exemplos seguintes (181) a (187) fomentam nossa discussão, porque o conceptualizador limita partes dos rios a partir do seu campo de visão por meio do elemento *em*:

(181) gando, pois aquali*da*de do terreno baixo, e arenozo, como taõ bem a
pouca altura do Rio **em** varias partes o está prometendo. Pela
[DV L 75]

(182) Alargura do rio tem sido bem irregular pois tem tido **em** p*a*rtes
60, e **em**partes 25 brassas, em*uit*o mais de 60 **nas** inseadas, onde ha ilhas:
[DV L 129-130]

(183) **No** lado direito da dita Ribeira encon_
tra-se a serra do _ Cadeado _ que devide
[DMA L 72]

(184) relativamente baixa **nas** margens
do Ribeira de Iguape e de seus numerosos
[DMA L 45]

(185) Tambem esta serra envia suas ram _
mificaçoẽs ate a beira da Ribeira de
maneira que este rio corre ahi **n´um**
profundo e estreito valle encaixado entre
[DMA L 77]

(186) Agudos **nas** cabe_
ceiras doRio Etá, a Serra da La-
ranja Azeda,
[DMX L 105]

(187) **nas** cabeceiras do
Rio Pedro Cubas e do Ivaporon-
duva, e a Serra do Registro Gran-
de,
[DMX L 106]

Nas ocorrências acima, a noção de estar dentro é praticamente diluída e observa-se apenas a projeção do limite personalizado a uma determinada localidade dos rios. Há também o limite de pessoas:

(188) vina, arranjou 30 Cavalleiros seus
adeptos todos armados de cacete e boas
pistolas e collocando- se **em** meio d'elles
vestido de um palla branco todo en_
feitado de Cruzes dirigiram_se ao ca_
minho da Cidade de Faxina.
[DMA L 1530]

No exemplo acima (188), o conceptualizador limita alguém a um grupo de pessoas – *30 cavalheiros* - pelo uso do elemento *em.*

O sentido de limite, como já dissemos, é sancionado pelo EI CONTÊINER, pois esse é um esquema abstrato que representa a ideia de continente/conteúdo separados por um limite. Logo, todos os escopos até então observados são compreendidos como continentes que, por essa condição, podem ser limitados.

O limite dos escopos pode ser (1) real, mais experienciado, nesse caso tem-se a primeira função das preposições em evidência, pois ela exprime o EI; ou (2) figurado, imagético, perspectivizado pelo conceptualizador. Na segunda opção, nota-se a segunda função das preposições, em que elas estabelecem uma relação dentro de um mesmo MCI, isso quer dizer que elas focalizam via metonímia seu escopo e lhes projetam um sentido figurado, que no caso da preposição *em*, é de limite.

Além de limitar localizações espaciais, que são entidades concretas, o elemento *em* é capaz de limitar entidades que não são reais, as quais, por ocorrência do processo da metáfora, são compreendidas como lugares. Domínios figurados, ou seja, entidades abstratas, imaginadas pela cognição humana, são

compreendidas como locais e, por esse motivo, o elemento *em,* nos próximos exemplos, independente da entidade, irá, assim como nos exemplos anteriores, perspectivizar a cena, focalizando seu escopo via metonímia e por corolário, projetar a ele o sentido de interioridade ou limite. [98]

Os exemplos abaixo ilustram como distritos, porções de terra divididas de forma administrativa por meio de linhas imaginárias, são compreendidas como contêineres em razão da atuação semântico-cognitiva do elemento *em*:

(189) A Villa de Apiahy é situada **na** provin
cia de Saõ Paulo em 25 graus 30 minutos de latitude
Sul e 5 graus 47 minutos longitude
[DMA L 11]

(190) por ser destes Santos odia, emque a ella chegou. [espaço] Aos 20 aportou
na Ilha deSaõ Sebastiaõ, edeu-lhe onome deMartine glorioziSsi=
[DS L 49]

(191) Fosseis naõ se tem achado **neste** mun[i-]
cipio sendo Itapetininga o logar mai[s]
[OCA L 28]

(192) por exemplo **em** Sete Barras,
bairro que tem uma pessima pi_
[DMX L 48]

Através da metáfora, *cidades*, *municípios* e *províncias* são compreendidas pela categoria cognitiva ESPAÇO, isto é, pelo EI CONTÊINER. Um mapa é estabelecido entre esses domínios de distintos domínios matrizes favorecendo a organização e a compreensão dos MCI. Em outros termos, distritos em geral – domínio 1 - são

[98] Em todas as metáforas descritas, as entidades podem ser compreendidas como lugares exatamente pelo uso do elemento *em* cuja semântica prototípica (OLIVEIRA 2009, 2020 CASTILHO 2010 ILARI et al., 2015) e histórica (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986) é a localização/movimentação no espaço.

compreendidos abstratamente como continentes – domínio 2 oriundo do EI CONTÊINER.

Por esse motivo, o elemento *em* perspectiviza os escopos via metonímia e projeta a eles os sentidos de interioridade - (190) a (192) - ou limite - (193).

Segundo a perspectiva de que a língua é personificada (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987), o processamento descrito no parágrafo anterior ocorre com outras entidades abstratas, como *Jurÿ*, pois a categoria cognitiva ESPAÇO é acionada e o EI CONTÊINER sanciona o entendimento desse escopo como um contêiner:

(193) Campos do Capim, foi preso pela po_
licia e remettido para a Cidade de São
Paulo e dealli para a Cadeia da Faxi_
na. Entrou **no** Jurÿ desta Villa cujo defen_
sor ganhou 400:000 pago pelos seus adep_
tos. Por falta de numero de Jurados e algumas
testemunhas naõ foi julgado.
[DMA L 1558]

No exemplo (194), o elemento *em* projeta o sentido de interioridade ao escopo focalizado *Jurÿ*, pois através do processo da metáfora, tal entidade é compreendida como um local.[99]

O mesmo processamento é observado com entidades concretas como *documentos* e *pessoas* e entidades mais abstratas como o *tempo*, *assuntos*/*temas*, *eventos*/*circunstâncias*, *cargos*, *unidades de medida*, *posicionamento*, *trajetos*,

[99] O próprio uso do elemento *em* com essas entidades evidencia que as mesmas são compreendidas a partir da categoria cognitiva ESPAÇO.

discurso etc. Em razão do recurso metafórico, essas entidades são entendidas como lugares, por esse motivo, podem ser limitadas pelo elemento *em*.[100]

O uso do elemento *em* nos exemplos abaixo demonstra como documentos são compreendidos como locais via metáfora, a qual é sancionada pelo EI CONTÊINER:

5.1.2.2 Em limita o seu escopo: documentos são lugares

(194) comomostrarei **nesta**
DiSsertaçaõ, referindo os caminhos por onde a Coroa entrou na=
posse daCapitania deSaõ Vicente,
[DS L 26]

(195) Este embarcou-se p*ar*a aBai[j]a, on=
de conseguio hùa Provisaõ, taõ injusta como favoravel
a Caza deMonsanto. [espaço] **Nela** [provisão] ordenara o Governador
[DS L 275]

(196) possue aCoroa 100 legoas deMartim Affonso, e50 dePedro
Lopes, attendido dacomprafeita ao Marquez, sendo que elle expreSsa-
mente declarou **na**Escriptura, que só vendia 50legoas:
[DS L 401]

(197) Esta terrafoi concedida aEstevão daCosta, por Christovaõ Monteiro
pr*imeir*o
Locotenente deMartim Aff*ons*o **em** Carta asignada, noder-
radeiro dia domez deDez*em*bro de1536,
[DS L 684]

(198) eLogo a Confirmou, porq*ue* q*uan*do esteve no Guatimi ouvira ler **em**
hum livro, que naturalm*ent*e seria CARTos Magno, q*ue* hum homem
[DV L 571]

(199) A falta de tempo tem sido a causa do
[d]esalinho que nota-se **no** presente escrip
[to].
[OCA L 40]

[100] Gostaríamos de frisar que as metáforas encontradas nessa análise não se limitam. A depender da tipologia textual em que o elemento *em* for empregado, elas podem sofrer alteração. Ademais, as metáforas que serão explicadas a seguir são processos cognitivos envolvidos no funcionamento do elemento *em*, os sentidos criado por elas não são atribuídos ao nosso objeto de estudo. Nosso intuito em mostrar essa quantidade de metáforas é salientar que a capacidade cognitiva de criação de sentido - semanticização e polissemia - que é regrada e não aleatória como uma simples soma. Observamos nesses exemplos a articulação empreendida pelo *em* nos enunciados, sem lhe atribuir uma lista de sentidos.

(200) Uma ordem vinda do Doutor Desembar_
gador da Comarca de Itu **na** qual man_
dava a todos os cidadaõs desta Villa pres_
[DMA L 1226]

(201) Leo_se um abaixo assignado
de varios cidadaõs deste municipio **em**
que representaõ o prejuiso que esperimentaõ por
falta de circulaçaõ de moeda metalica.
[DMA L 1430]

Nos exemplos de (194) a (201), o elemento *em* perspecitviza os escopos através da metonímia e projeta a eles a noção de estar dentro dos limites de documentos. Esse processamento ocorre pelo fato de documentos serem entendimentos como lugares via metáfora.

Se compararmos os exemplos apresentados acima com os exemplos da subseção *5.1.2.1 Em limita seu escopo: localização no espaço*, há o mesmo funcionamento do elemento *em,* alterando-se apenas os escopos que são focalizados por ele.

Inclusive, assim como nos exemplos dos rios (181) a (187)[101], nos quais o elemento *em* limita uma certa localização do rio a partir da perspectiva do conceptualizador, há também o desígnio explícito de localização de uma certa parte dentro do documento, como é possível observar no exemplo abaixo:

(202) Achamos resumida a Camara Muni_
cipal da Villa de Santo Antonio de Apiahÿ, co_
mo consta por um livro da dita Camara **em**
cujo principio acha_se uma Real ordem do
Rei Dom José com data de 6 de Novembro de
[DMA L 1174]

[101] Localizações nos rios e em partes dos rios.

Seguindo nesse mesmo direcionamento, pessoas são compreendidas como lugares via metáfora e o elemento *em* as limita pelos processos descritos anteriormente[102]:

5.1.2.3 Em limita o seu escopo: pessoas são lugares

(203) abrio huã porta franca para se intrudozirem os Governadores do R*io*, na regencia dos daCapitania deS*aõ* Vicente, eS*anto* Amaro, pois com opretexto das Minas, se arrogaraõ aexercitar **nelles** [Governadores]
varios actos dejurisdiçaõ, que lhes naõ competia. Depois disso
[DS L 198]

(204) **Nos** Soberanos nao seprezu=
me ignorancia dos seus proprios factos,
[DS L 1017]

(205) Amaro, eItamaracá, ecomo as 10 legoas recahiraõ **no**Donata-
rio deSaõ Vicente, mais seconfirmaraõ os Moradores noerro, deque
toda aCosta possuhia, em vertude daDoaçaõfeita aMartim Affonso
[DS L 1895]

(206) daquelles, q*ue* nem por grassa deixa de falar verdade. Vir=
tude, q*ue* raras vezes seencontra principalm*ent*e **em** homens de
sem*elhant*e profiçaõ.
[DV L 588]

No exemplo (204), funções são atribuídas, ou seja, incorporadas aos limites dos governadores. No exemplo (205), o conceptualizador (o autor do próprio texto) não considera achar dentro dos limites dos soberanos ignorância. Em (206), *10 léguas* são atribuídas aos limites do donatário e por fim, em (207), virtudes são encontradas nos limites figurados/imaginados, dos homens.

[102] Quando nos referirmos à limitação promovida pelo elemento *em,* infere-se a seguinte compreensão: O elemento *em,* pela atuação da heterossemia, perspecitviza e focaliza seu escopo (KEWITZ et al., no prelo) através da metonímia (LAKOFF 1990/1987, LANGACKER 1993, SOARES DA SILVA 2006) e projeta (CASTILHO 2009, 2010, 2012) a ele a noção de estar dentro dos limites de uma certa entidade.

O elemento *em* desempenha o mesmo processamento com entidades mais abstratas como as que seguem abaixo:

5.1.2.4 Em limita o seu escopo: tempo/datas são lugares

(207) fundou oConquistador hûaVilla, aqual deu onome de-
Saõ Vicente, porter aqui chegado **em**22 de Janeiro, edaVilla
[DS L 81]

(208) apelidou Rio deSaõ Vicente, á primeira barra, que vio, eonde deufun-
do **no**dia deste Santo.
[DS L 55]

(209) Porquanto ja **no** anno de1786 tratei com individuaçaõ ader=
rota, que se segue de Villa Bella para o Cuyabá
[DV L 8]

(210) uma temperatura meia de 20 graus. **Em**
alguns dias de inverno ha geada de bas_
[DMA L 189]

(211) ros. Os seus jazigos de ouro que **n'**outro
tempo deraõ lugar a uma exploraçaõ
[DMA L 287]

(212) Caquéra arvore gigantesca (**c**assia em
flor **no** mez de Maio) abundante
[DMA L 378]

(213) Rato pequeno, emigraõ em grande porçaõ
atravessando os rios, segundo a opi_
niaõ a emigraçaõ fazem no tempo
em que florecem as taquaras, e
isto fazem de 30 **em** 30 annos**.**
[DMA L 638]

(214) temperatura maxima foi **em** 18 de
Janeiro de 1878 mostrou 102 º Faren=
[DMX L 284]

(215) Nestedia naveguei som*ent*e 7 ½ leg*oas* por medemorar 5h*oras* ½ em[*de*]=
ter, eesperar,q*ue* surgisse dofundo doRio huã Anta, q*ue* **no** fim de 4h*oras*
apareceo
[DV L 618]

Com base na metáfora tempo é espaço (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980), as datações e horas acima são limitadas pelo elemento *em.*[103] Considerando que o tempo é uma unidade de medida criada pelo homem e é baseada na categoria cognitiva ESPAÇO, infere-se que qualquer outra unidade de medida também é abstrata e criada a partir dessa categoria.

O fato pode ser comprovado a partir dos exemplos abaixo nos quais diferentes medidas são limitadas pelo elemento *em*:

5.1.2.5 Em limita o seu escopo: unidades de medida são lugares

(216) Estimou Fernam Vieira esta occaziaõ,
para sevingar da Condeça, ecomo todo oseo empenho, era que
nas 10 legoas dePedro Lopes, ficassem comprehendidas as
duas Ilhas, deSaõ Vicente eSanto Amaro
[DS L 315]

(217) **Em** 8.½ legoas, q*ue* hoje naveguei, passei 12 Caxoeiras a
[DV L 344]

(218) Oresto destedia2 gastei navegando poresteRio asima, Cuja lar=
gura avalio / atheachar lugar onde possa tomar base para amedir
Trignometicamente / **em** 300 brassas.
[DV L 397]

(219) A Villa de Apiahy é situada na provin_
cia de Saõ Paulo **em** 25 graus 30 minutos de latitude
Sul e 5 graus 47 minutos longitude Oeste do Rio de
[DMA L 12]

(220) O municipio de Apiahy tem
no seu maior cumprimento 20 leguas
[DMA L 18]

---

[103] Em relação a esses exemplos, não constatamos diferenças entre tempo dinâmico/durativo e tempo pontual, como proposto por Ilari et al. (2015) e Oliveira (2009, 2011). Cf. seção *2. Revisão da literatura.* Essa divisão parece estar relacionada ao sentido do escopo, pois *dias* para os autores são considerados como tempo pontual, já *anos* são considerados como tempo durativo; contudo, fazendo uma releitura dessa categorização, um dia também tem uma duração/dinâmica, uma vez que tem 24 horas, assim como um ano possui 365 dias, uma hora, 60 minutos e 1 minuto, sessenta segundos. O tempo, entendido como um espaço metaforizado, pode ser limitado, independente da quantidade e/ou unidade de medida, pelo elemento *em*.

(221) e **na** sua maior largura 15 leguas e
[DMA L 19]

(222) em cima da mencionada serra Geral, situada **n**´uma altura media de 1000 a 1100 metros sobre o nivel do mar, e a par_
[DMA L 43]

(223) Em continuaçaõ diz o seguinte:
Eu sei que essa descoberta é o mais ri_
co que se tem visto concidero **em** mui_
tas arrrobas de ouro
[DMA L 1150]

(224) leguas quadradas. A Villa se acha
situada **em** 24º 31 º 35" latitude e
5º 0 " longitude do Rio de janeiro.
[DMX L 23]

(225) Ribeira, **n'**uma distancia que varia de 2 a 5 leguas, e que na
[DMX L 97]

(226) Este Municipio dista **no** minimo
40 kilometros do mar, é entretan=
[DMX L 125]

(227) Porem em Iporan
ga **n'**uma distancia de cincoenta
e oito e meio kilometros, fiserao=se
observaçoẽs das maximas e mínimas
da temperatura durante alguns an=
nos.
[DMX L 261]

Considerando que um cargo é um posicionamento, e que posicionamentos são baseados na categoria cognitiva de ESPAÇO, cargos são entendidos como lugares via metáfora e podem ser limitados pelo elemento *em*:

(228) Souza, Gonçallo Monteiro, por aotal tempo odito
Senhor, eoSenhor Martim Affonso deSouza, omoço seu
Sobrinho, **em**cujo lugar ora eu governo nesta sua
Capitania,
[DS L 1764]

Mesmo sem uma unidade de medida, trajetos são entendidos como lugares via metáfora e também são limitados pelo elemento *em* como é possível observar nos exemplos abaixo:

5.1.2.6 Em limita o seu escopo: trajetos são lugares

(229) mercio, que navegaõ para Cuyaba, fazendo **nesta** longa derrota as Ob=
servaçoens Astronomicas, e Geographicas, q*ue* necessarias, epossiveis
[DV L 27]

(230) sepoder navegar, vindo por este mottivo a Correr muitos rumos **nesta**
penoza carreira.
[DV L 103]

(231) da serra do Cadeado ou da serra do Ge_
ral e tendo de vencer **no** curso de pou_
cas legoas uma differença de nível
[DMA L 128]

Seguindo na abstração do sentido, nos exemplos seguintes, circunstâncias são compreendidas através da categoria cognitiva de ESPAÇO como lugares via metáfora e, por sua vez, são limitadas pelo elemento *em*:

5.1.2.7 Em limita o seu escopo: eventos/circunstâncias são lugares

(232) Até os homens, mais rudes, ecriados **nas** brenhas penetraõ,
que 50legoas naõ abrangem 150;
[DS L 395]

(233) enoprimeiro Na-
vio, echegando áCorte, informar aSua Magestade doperigo extre-
mozo, **em**que_seacham aCapitania
[DS L 1055]

(234) levando mais **na** minha Companhia hum batelaõ
para haver Cómodo para 26 trabalhadores,
[DV L 15]

(235) 5 palmos de diametro. Tinha o Rio **na** sua maior altura 15 para
16 palmos, eos Signaes das arvores mostravaõ, que as agoas sobiaõ
[DV L 38]

(236) como tem terras p*ar*a plantarem, se heq*ue* dellas necessitaõ, pois peloq*ue*
vi vivem **em** huã Continuada preguissa, einacçaõ. Naõ deixeide
[DV L 642]

(237) Muito trabalho custou fazer uma ób[ra]
naõ perfeitamente acabada pois **nestas** c[ir-]
cumstancias é completamente impossivel, [rasgado]
[OCA L 9]

(238) Rato pequeno, emigraõ em grande porçaõ
atravessando os rios, segundo a opi_
niaõ a emigraçaõ fazem no tempo
em que florecem as taquaras, e
isto fazem de 30 em 30 annos.
[DMA L 638]

(239) Como todo opovo conhecia, q*ue* tem
injusta aposse do Conde, eos Ministros lha haviaõ da-
do temerozos das violencias do Gov*ernad*or G*er*al; **em** este conclu-
indo oseo triennio, eaparecendo, depois delle acabar, hum
Procurador daCondeça, depuzeraõ os Camaristas deS*aõ* Vic*en*te
[DS L 287]

(240) rota, que se segue de Villa Bella para o Cuyabá, eas circunstansias at=
tendiveis **na** navegaçaõ dos Rios Cuyabá, Porrudos, e Paraguay,
[DV L 9]

(241) No fim deste Canal foi a ca=
noa varada por sima dehuns penedos p*ar*a salvar osalto aq*ue* dá prin-
cipio á Caxoeira. **Em**todaesta manobra consumiraõ 6 h*oras* ½
[DV L 178]

(242) Neste pequeno espasso, emq*ue* gastei hum dia descendo gastaõ os
Comersiantes **na**subida 15, e20 dias Com ounico divertim*en*to demata=
[DV L 352]

(243) nho visto gra*nd*es peixes, eo Paraná he hum Capas de os ter, eporq*ue*
nestaviagem pelo Tiete ja sematataraõ dous de 8 palmos cada
[DV L 585]

(244) Comgra*nd*e alegria detodos, **em**que [aparecimento da anta] eu
taõbem tive
p*art*e por ter comq*ue* fazer
omeu banquete do postdiem do Nasim*ent*o do Nosso Redemptor,
[DV L 619]

(245) As doenças ve_
nereas, apesar do muito descuido com
que saõ tratadas e dos meios empiri_
cos enpregados **em** seu tratamento,
[DMA L 210]

(246) naõ se tem achado ate´
hoje fosseis **n'um** estado de conserva_
çaõ que permettise sua classeficaçaõ.
[DMA L 242]

(247) referido logar, achou a onça que
comia o seu Cachorro, matou a e
tirou_lhe o couro, sendo **nesta** expedi_
çaõ que teve a felis sorte de achar
[DMA L 947]

(248) prata, e instanto o escrivaõ ao dito Vigario
na presença do Capitaõ_mor para que re_
cebesse o dito ouro. Respondeo: na presença
[DMA L 1323]

(249) Da Bahia, pendente ainda oletigio; tornou para
S*aõ* Vicente com oempregodeProvedor daFaz*en*da Real.
Na sua auzencia, foi sentenciado o aggravo,
[DS L 304]

(250) to, involveo esta Villa **em** um grande
conflito obrigando a retirar_se para fo_
[DMA L 1475]

(251) Paço da Camara Municipal **em**
sessaõ extraordinaria em 24 de Maio de 1881
[DMA L 2036]

Nos 19 exemplos apresentados acima, é possível observar como o elemento *em* é capaz de limitar entidades, independentemente da sua natureza: concreta ou abstrata. As diversas circunstâncias, tais como: *situação de criação, perigo, companhia, altura do rio, preguiça, obra não acabada, florescer das taquaras, conclusão do triênio, navegação, manobra, viagem, aparecimento da anta, tratamento, estado de conservação, expedição, presença, ausência, conflito e sessão,* são compreendidas como locais pelo processo da metáfora e por isso, podem ser limitadas pelo elemento *em.*

Nesse mesmo encaminhamento, sabendo que a língua é personificada e que esta é uma representação do processamento cognitivo humano (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987), qualquer entidade que envolva o discurso será também assimilada através do processo da metáfora, que é sancionado pelo EI CONTÊINER.

Os tópicos discursivos tratados dentro de um texto, ou seja, os temas são compreendidos como lugares. Os exemplos a seguir ilustram esse funcionamento:

5.1.2.8 Em limita o seu escopo: tópicos discursivos são lugares

(252) Isto porémnaõ obstantesemprefalavaõ **em**Capitania
deSanto Amaro, denotando com este appelido as50.legoas dePedro
[DS L 1875]

(253) eu oconfesso; mas a repito p*ar*a dezenfado, ep*ar*a mostrar, q*ue* he
trabalho perdido oquerer dezabuzar ahomens rusticos, eam*uit*os
sabios afferrados **na**sua oppiniaõ,outeimozos por natureza
[DV L 577]

(254) Ainda **na** hipotheze que as palavras d' ElRey
Rio deSaõ Vicente denotem algumbraço expecial, enaõ si=
[DS L 519]

(255) seguese, que apartilha deveser, pela
Barra daBertioga, ainda **na** hipothezi falsa, que aDoa=
çaõfale da3ª barra
[DS L 863]

(256) **Na**mesma soppoziçaõ es=’
tavaõ todos os moradores desta terra, amaior partedos quaes
[DS L 1038]

No exemplo (252), o conceptualizador limita o tópico sobre o qual está tratando no texto. Reflexões feitas à parte também podem ser limitadas por meio do elemento

em, como é o caso dos exemplos (253) a (256), nos quais hipóteses são limitadas e, por isso, compreendidas via metáfora como locais.

Parece que o conceptualizador (no caso o autor), empreende tal recurso a fim de fato organizar os assuntos. Ele "constrói" lugares e desenvolve suas ideias, para que o leitor seja capaz de perceber onde o autor "está" em suas considerações.

5.1.3 O elemento em estabelece relações entre MCI

A terceira função semântico-cognitiva desempenhada pelas preposições segundo Kewitz et al. (no prelo) é a de relacionar dois MCI via metáfora. Diferentemente do que foi observado nas primeira e segunda funções, nas quais havia a relação dentro de um mesmo MCI, os exemplos que veremos na sequência ilustram como o conceptualizador relaciona dois MCI através do elemento *em,* projetando ao enunciado[104] os sentidos de modo/maneira ou causa/consequência entre eles.

Para determinar esses sentidos, assim como nos exemplos anteriores, foi necessária uma leitura do contexto. Determinamos o sentido de modo/maneira nos exemplos ao questionar "como" uma determinada ação ocorreu. Enquanto que, para determinar o sentido de causa/consequência, foi necessário perguntar "por que" certa ação ocorreu.

[104] Nesses dados não há a focalização de um MCI apenas, a relação metafórica estabelecida entre os MCI influencia na semântica geral do enunciado. Por essa razão, mais uma vez, retomamos a importância da análise do contexto para compreender o funcionamento semântico cognitivo do elemento *em* (OLIVEIRA 2009, 2011).

O sentido de modo/maneira foi considerado neste trabalho como um dos possíveis sentidos históricos reativados no PB.[105] Já o sentido de causa/consequência não é histórico e foi observado em apenas um exemplo[106].

Ao invés de haver uma focalização da localização estática do EI CONTÊINER, como visto nos exemplos anteriores, observa-se nos próprios exemplos uma acepção mais dinâmica das cenas em que a preposição *em* está envolvida e, além disso, há uma correspondência entre dois MCI promovida pela preposição *em* a partir do processo da metáfora.

O EI TRAJETO sanciona os sentidos citados acima projetados pelo elemento *em*, pois envolvem a perspectivização de duas entidades, no caso, dois MCI. Isso ocorre, pois um TRAJETO envolve um início e um fim, duas entidades. Desse processo, há a incidência da metáfora, que é a correspondência entre dois domínios de diferentes domínios matrizes.

Ilustrando, nos exemplos dessa seção, observaremos o modo/maneira (MCI 1) pela qual ocorreu uma ação (MCI 2) ou a causa (MCI 1) e consequência (MCI 2) de certas ações.

Fomentando nossa análise, por corolário do processamento descrito, há exemplos radiais que representam o *continuum* entre os dados mais prototípicos das três funções semântico-cognitivas das preposições. Isso demonstra a impossibilidade de classificarmos discretamente os dados, mas através da prototipicidade.

Iremos começar nossa análise pelos enunciados nos quais o elemento *em* lhes projeta o sentido de modo/maneira, através do processo de metáfora, estabelecendo assim uma relação entre os termos que o antecedem e o sucedem (KEWITZ et al.,

---

[105] Cf. Capítulo *2. Revisão da literatura.*
[106] Exemplo de Bechara (2015): *Há povos que são felizes* ***em*** *não ter mais que um só tirano.*

no prelo). Separamos os dados que ocorrem com verbos dos que ocorrem com nomes[107]:

5.1.3.1 Relação entre MCI: modo/maneira

(257) Sua Magestade; que seponha nobraço doNorte: [espaço] Todos so-
mos testemunhas, deque orio moderno deSaõ Vicente para
àbanda donorte, somente sedevide **em** hum braço, oqual co=
meça junto a os Barreiros, forma aBahia Canai, equ=
ando chega aSantos defrontedaVilla se subdevide **em**
dois Canais: hum segue orumodoNorte, evai dezaugar
pela Bertioga; eoutro caminha aoSul, eacaba naBarra
Grande:
[DS L 841, 843]

(258) occupa uma superficie de 75 leguas qua_
dradas aproximadamente e se acha re_
partida **em** 2 freguesias, a de Apiahy
[DMA L 22]

(259) serra Grande, serra do Taquarussú e ou-
tros divide o municipio de Apiahy **em** 2
partes distinctas que saõ a parte alta
[DMA L 40]

(260) Este Municipio pode repartir=
se **em** 3 zonas, sendo a primeira
[DMX L 36]

(261) tendiveis na navegaçaõ dos Rios Cuyabá, Porrudos, e Paraguay,
darei principio a hum circunstanciado diario na fos do Rio Taqua=
ry: eagora contentome **em** dizer, que neste dia dei principio áviagem.
[DV L 12]

(262) incansavel zelo se tem applicado p*ar*a os fazer perfeitos mi=
litares, athe chegando acuidar **em** mandar fazer p*ar*a elles hum
famozo aquartelamento Couzas para seadmirarem attendendo as
poucas rendas daCapitania que pela boa ordem
[DV L 672]

(263) Ha varias qualidades de
argila e variadas cores com que se
fabrica alguma louça grosseira, e as
mais das vezes enpregadas **em** pintu_
ras de casas.
[DMA L 318]

[107] Serão apresentados nesse primeiro conjunto os que ocorrem com verbos e na sequência os que com nomes:

(264) eque elle sabia mais doque eu oque havia pelos Certoens pelaexpe=
riensia adquerida **no**que tinhavisto, e Com isto deo principio a huã len=
[DV L 562]

(265) Pedem aSua Alteza estes povos, que os tome por=
seus, porquanto Martim Affonso se esquece destaterramuito, ou-
lhemande, que venha **em**pessoa reger<->nos, edefender-nos,
[DS L 1062, 1064]

(266) Cuyabá descarregaõ as canoas ou **em** todo, ou**em**parte Conforme es=
tá o Rio mais, ou menos possante.
[DV L 325]

(267) por virem carregadas gastem mais tempo **em** odescer, doq*ue* a=
quellas, que se recolhem vazias **em**osubir. As ribanseiras jasaõ de
[DV L 614 e 615]

(268) Achei aesta Cid*ade* **em** m*uit*o melhor estado, do emq*ue* estava, q*uan*do
ha18
[DV L 666]

(269) ral e tendo de vencer no curso de pou_
cas legoas uma differença de nivel
de 500 ate´ 800 metros precepitaõ _se das
serras **em** saltos mais ou menos nota_
veis, geralmente accessiveis e por isto
[DMA L 131]

(270) lubridade do territorio onde esta situa_
da a Capella da Ribeira por achar-se
ambos os lugares **em** circunstancias
muito differentes.
[DMA L 180]

(271) A Villa de Apiahÿ acha-se **em** ter_
reno elevado sujeito a ventos fortes
[DMA L 182]

(272) Tangará andam **em** bandos
[DMA L 750]

(273) I*llustrissi*m*o* seforaõ mais avultadas. Naõ devo passar **em** silensio oq*ue*
pertendeo m*uit*o I*llustrissi*m*o* fazer dittoza, efelis aesta Capitania fomen=
[DV L 675]

(274) ainda naõ saõ bem conhecidos. An_
tigamente estes jasigos foraõ explo_
rados **em** grande escalla, hoje
[DMX L 374]

(275) cobra muito Cumprida e delgada acham_
se as veses reunidas **em** grande por_
çoẽs,
[DMA L 788]

(276) mas tambem oproprio Estevaõ Gomes, querendo fabricar hũa fazenda **no**termo deCabofrio p*ar*a si, eoutros companheiros
[DS L 181]

(277) A pedra calcarea para o fa-
brico da cal existe aqui **em**
abundancia e em muitos lu =
gares do muncipio.
[DMX L 458]

Esses 21 exemplos ilustram o funcionamento da metáfora na construção do sentido através da correspondência entre dois domínios de diferentes domínios matrizes. Em outros termos, dois MCI – expressões sublinhadas – associam-se para a construção do sentido por meio do uso do elemento *em*. Observa-se nesses exemplos o elemento *em* em uma função mais de conjunção do que apenas de preposição. O mesmo ocorre com os casos em que o sentido de causa/consequência é acionado, como veremos mais à frente.

Na sequência, apresentamos exemplos nos quais o sentido de modo/maneira é projetado a partir da relação estabelecida entre nomes:

(278) A criaçaõ dos capados **em**
grande escalla naõ engordados exclu_
sivamente com o milho senaõ aprovei_
[DMA L 1957]

(279) Caquéra arvore gigantesca (cassia **em**
flor no mez de Maio) abundante
[DMA L 378]

(280) cum e cavallar, toucinho, milho
em graõ, cangica, madeiras de
[DMX L 784]

(281) e lhe disse_se da parte deste senado que lhe man_
davaõ entregar cento e cincoenta mil reis **em**
ouro, a 1200 a oitava, que saõ 125, que é o
[DMA L 1313]

(282) Este municipio e´mui rico **em** mineraes
[DMA L 281]

(283) o ferro **em**
grande abundancia principalmente no
[DMA L 308]

(284) AnguaguaSsù ouPilaõ
grande **em** português, chamavaõ os Indios á Costa Septrentrional
daIlha deSaõ Vicente
[DS L 767]

(285) descobrio, epor onde se introduzia aArmada; **em**prova
dessa verdade citarei dois Auctores: Jaboataõ Orbe Serafico
[DS L 529]

(286) A ordem **em** que seguem as camadas
e a que comforme as observaçoẽs ate´
hoje feitas o seguinte:
[DMA L 256]

Nos exemplos (278) a (284), observa-se um uso mais preposicional do elemento *em,* pelo fato de os MCI serem nomes e relacionarem entre si pela semântica de modo/maneira. Vemos apenas nos exemplos (285) e (286) a ocorrência da relação entre verbos e nomes. O fato pode indicar um *continnum* em que o elemento *em* pode estar inserido: uso preposicional e uso conjuntivo.[108]

Os dados seguintes são considerados prototípicos, pois o elemento *em,* através da metáfora, relaciona dois MCI e projeta (CASTILHO 2010) ao enunciado o sentido de causa/consequência[109]:

5.1.3.2 Relação entre MCI: causa/consequência

(287) ocazionou oespolio feito aos Senhores daprimeira,
porquanto insurgindo varias duvidas **em** ordem aoRio deSaõ
Vicente marco comum, enoutro tempo omais considerável
[DS L 21]

[108] A literatura prevê essa relação entre preposições e conjunções: cf. Almeida ML (1983).
[109] Esse sentido não é previsto pela história do elemento *em*, contudo, pela relação que é estabelecida entre dois MCI, como já explanado anteriormente, acreditamos que essa semântica também tenha como origem o EI CONTÊINER (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, DEWELL 2005), e, por corolário, o sentido de direção/objetivo.

(288) Omesmo Rey **em** premio dos seos relevantes serviços,
fes-lhe m*ont*a de 80 legoas na Costa doBrazil, por Carta a
[DS L 230]

(289) Digo Trapiche, ou Enge=
nho, porque ás Fabricas defazer asucar chamaõ Trapiches:
Todos os livros antigos; e a ignorancia desta noticia, occa=
zionou aFabula da Alfandega deSaõ Vicente, fundada
emchamarem ainda hoje Trapiche velho aos vestígios
[DS L 731]

(290) antigamente, foraõ completamente aban=
donados, **em** favor da plantaçaõ do ar=
roz que entaõ éra a unica lavoura.
[DMX L 312]

(291) porque para os Francezes hé necessario isso, emuito mais, os-
quaes Francezes vém **em**busca de milhoês de ouro,
[DS L 1064]

Com exceção do exemplo (287), no qual o elemento *em* estabelece uma relação entre o MCI *dúvidas* e o enunciado que o segue, nos demais exemplos, o elemento *em* parece atuar como uma conjunção[110] promovendo a conexão entre orações e estabelecendo entre elas o sentido de causa/consequência.

Seguindo a classificação prototípica (LAKOFF 1990/1987), há também exemplos radiais situados no *continnum* entre os sentidos prototípicos modo/maneira e causa/consequência:

(292) Atal barra por onde seintroduzio
nesta terra chamavaõ os Indios Guainazes Bu[rre]quioca, enós
os Portuguezes Bertioga por curruçaõ dovocabulo. [espaço] **Em**dando
fundologo mandou levantar hum Forte de madeira, prevenindo,
[DS L 57]

(293) neceSsarias para oEngenho, que sefizesse nasuaData. [espaço] **Em-**
comprimento desta condiçaõ con signou Martim Affonso as-
terras
[DS L 1111]

[110] Como já citado anteriormente, parece haver uma relação entre preposições e conjunções assim como há entre preposições e prefixos. Cf. Almeida ML (1983) e capítulo 2 deste trabalho.

(294) Contaõ
as velhas deSaõ Vicente, (ealguns Auctores lhederaõ credito)
que asua barra n'outro tempo fora muito boa, eque porella
entravaõ todos os navios, ehiaõ ancorar noPorto deTum
biarù: [espaço] **Em**prova destapatranha, mostraõ defronte deTum-
biaru naterra firme as ruinas decerto edeficio,
[DS L 716]

(295) tal que foi causa de que a Villa an
dasse errante **em** procura do que con
cideravam a origem de sua riquesa
[DMA L 1935]

Nos exemplos de (292) a (295) há tanto o sentido de explicação da ação – apontando para o sentido de causa/consequência - bem como o de como a ação ocorreu – modo/maneira.

Em (293), a consequência – *mandou levantar um forte* – também pode ser considerada a maneira pela qual o conceptualizador – *deu fundo logo*. A maneira por sua vez, é também a causa. Em (293), novamente a consequência – consignou Martim Afonso – também pode ser a maneira pela qual o conceptualizador deu – *comprimeiro desta condição*. A maneira, é, portanto, também uma causa.

O mesmo procede com os exemplos (294) e (295); as consequências: *mostrão defronte de Tumbiaru* e *a Villa andasse errante* são também as maneiras: *da prova desta patranha* e *procura do que consideravam a origem da riqueza*. Tais maneiras, por sua vez, são as causas das consequências.

É importante observar que uma acepção não exclui a outra, mas se complementam. Ademais, o elemento *em* manteve-se na mesma função semântico-cognitiva de relacionar MCI (KEWITZ et al., no prelo), e mais uma vez ele parece promover a conexão entre orações – com exceção do exemplo (295) - e não apenas entre palavras.

Esse fato fomenta o posicionamento de que o elemento *em* é polissêmico, pois se há um *continuum* entre as semânticas (LAKOFF 1990/1987, SOARES DA SILVA

2006), pode-se inferir que há uma conexão entre os sentidos e não uma soma idiossincrática de acepções, uma vez que houve a transposição de esquemas.

A transposição de esquema gera as variações de sentido pelo funcionamento do DSC (CASTILHO 2010), que, por meio de processos cognitivos - como por exemplo, e influências sociais da língua em uso (op. cit.), perspectiviza as cenas de diferenciadas formas através de um mesmo elemento, no caso o elemento *em* (KEWITZ et al., no prelo).

No próximo exemplo, o elemento *em* também relaciona duas orações ao mesmo tempo em que limita uma condição de uma certa circunstância:

(296) qual outeiro doMudo, quando orodea omar alagando a=
prainha parece ilha separada; más **em** seretirando as aguas,
logo sevé, que hé hùa ponta deSaõVicente.
[DS L 1301]

Nesse exemplo, a causa – *se retirando as águas* – é também uma condição para se ver que há *uma ponta de São Vicente*. Tal entidade, é também a consequência da causa explicitada anteriormente. Nessa mesma perspectiva de classificação, a prototípica, na sequência, apresentamos os casos em que o elemento *em* está formando *chunks* por ocorrência da rotinização de determinadas expressões.

5.2 O elemento *em* e a formação dos *chunks*

Expressões que por rotinização cristalizaram-se na história da língua são denominados como *chunks* (BYBEE 2010 p. 34). Por meio do processo denominado *chunking* (op. cit.), essas formações repetem-se ao longo da história da língua ganhando *status* de unidade (LANGACKER 1987).

Antes da formação dos *chunks* (BYBEE 2010 p. 34) propriamente ditos, vemos que há um processo transitório, no qual as preposições juntam-se a outras palavras formando as locuções prepositivas, segundo a tradição (CUNHA & CINTRA 2013, ROCHA LIMA 2013/1957, BECHARA 2015), ou preposições complexas (CASTILHO, 2010, p. 588). Castilho (op. cit., grifo nosso) as denomina assim, uma vez que essas expressões ainda não possuem "estatuto categorial próprio, [pois] não representam outra classe morfossintática"; em outras palavras, ainda não possuem *status* de unidade nos termos de Langacker (1987).

A heterossemia, ou seja, a distribuição de uma mesma função semântica a diferentes categorias da gramática (KEWITZ et al., no prelo) explica porque o elemento *em*, seja ele preposição ou prefixo, é capaz de atuar em diferentes classes de palavras, até mesmo como conjunção[111]. A repetição das preposições complexas (CASTILHO, 2010) na língua, isto é, a rotinização, pode fazer com que preposições passem a ser grafadas como prefixos e expressões ganhem *status* de unidade (KEWITZ et al., no prelo), como é o caso de *derrepente*, *oque*, *porisso*, *encima*, entre outros.

---

[111] Cf. subseção *5.1.3 O elemento em estabelece relações entre MCI via metáfora* e Almeida ML (1983).

Os exemplos dessa seção ilustram a repetição de expressões no uso da língua e como isso é capaz de formar os *chunks* e também os prefixos a partir de preposições. Fizemos essa organização em termos de protipicidade (LAKOFF 1990/1987) com o intuito de mostrar que a língua é dinâmica e está em constante processo de transformação.

Sendo assim, na subseção *5.2.1 O processo de chunking*, apresentaremos primeiro as preposições complexas (CASTILHO 2010) que demonstram a formação dos *chunks.* Na seção *5.2.2 Os chunks*, discutiremos os casos em que as expressões já possuem *status* de unidade, inclusive no português brasileiro atual.

Para a análise das preposições complexas (CASTILHO 2010), foram usados os mesmos critérios de análise do elemento *em* atuando sozinho como preposição. Nós buscamos, portanto, os sentidos históricos[112] do elemento *em* e qual relação o mesmo estabeleceu: entre MCI, via metáfora, ou dentro de um mesmo MCI, via metonímia.

A seguir, encontra-se a primeira subseção desse capítulo em que os dados representam a formação dos *chunks*:

5.2.1 O processo de chunking

(297) Nela ordenara o Governador Ge-
ral, que oCapitaõ Mor Ouvidor, oCameras, dessemlogo
posse ao Conde, daCapitaniadeS*aõ* Vicente, afirmando
com falsid*ad*e, que atal Capitania pertencia a o Conde **em-**
virtude da Sentença.
[DS L 279]

[112] Nunes (1930), Faria (1958), Maurer Jr. (1951, 1959), Coutinho (1962/1938), Said Ali (1964/1921), Câmara Jr. (1979/1975), Almeida NM (1983), CART et al. (1986)

(298) **Em vertude desta** demarcaçaõ feita pelo Pro
vedor em 6 de Fevereiro de1624, apossaraõ os Camaris=
tas deSaõ Vicente ao Conde,
[DS L 323]

(299) oDonatario,
que se introduzia nas terras, **em vertude de** algùa Sent*ença*,
sempre levava demais algùa coiza pertencente aoseo
contendor,
[DS L 337]

(300) as concede **em vertude da**<sua>Doaçaõ, donde infiro, queDom Joaõ
o3º
[DS L 1346]

(301) pertencia aos Herdeiros dePe-
dro Lopes, **emvirtude daquella** repartiçaõ amigavel,
[DS L 1794]

(302) Martim Affonso havia concedido amaiorparte dellas, e-
istopodiafazer **emvertude da** ordem Regia
[DS L 1801]

(303) Amorte deDona Izabel deLima, ultimadescendente dePedro
Lopes, deu maiores forças ao engano: [espaço] EstaSenhora, nomeou seu
Primo Lopo deSouza, paralhesuceder nas Capitanias deSanto Amaro
Amaro, eItamaracá, ecomo as 10 legoas recahiraõ noDonata-
rio deSaõ Vicente, mais seconfirmaraõ os Moradores noerro, deq*ue*
toda aCosta possuhia, **em vertude da**Doaçaõfeita aMartim Aff*ons*o
[DS L 1897]

Como já explicitado na seção *4.1 Coleta de dados*, não é possível precisar caso a caso se o elemento *em* foi usado como preposição ou como prefixo. Contudo, os exemplos acima, (297) a (303), demonstram o funcionamento do processo de *chunking* e da heterossemia, pois (1) há a repetição das expressões – *em virtude de* - e (2) o elemento *em* ainda mantém suas funções, mas no *continuum* entre preposição e prefixo.

Nos exemplos (297) a (303), a expressão como um todo - *em virtude de* - mantém uma relação de causa/consequência entre duas orações, que foram sublinhadas. Temos assim um uso mais conjuntivo do que prepositivo, fato, como já

vimos previsto pela literatura e também na análise dos dados deste trabalho.[113] Vemos nos exemplos que seguem a repetição da expressão *em nome de*:

(304) Obedecerao todos, eo Procurador
naVilla Capital, deSaõ Vicente a os 11 deJaneiro d'1625,
em nome deseo constituinte, se apossou das terras pro-
prias, e alheas;
[DS L 281]

(305) Aff*onso* **em nome** deElRey NossoS*enhor*, epor vert=
tude dehua Carta Patente, cujo tres lado nela
[DS L 789]

(306) varios requerimentos, que **emnomedos** Povos mandavaõ
fazer, aoSoberano enella entre varios artigos vemoseguinte:
[DS L 1058]

(307) Como,pois, naõ havia quem defendesse aos Herdeiros de-
PedroLopes, nem Officiaes deJustiça, que **em seu nome** governaSse
aosmoradores rezidentes nas10.legoas, Martim Affonso deSouza,
[DS L 1870]

Nesses exemplos, notamos que apenas em (304) o elemento *em* estabelece entre o verbo e o escopo da expressão um sentido de causa/consequência.[114] Nos demais casos, observamos o sentido de conformidade, na qual há a incidência da metáfora em que nomes de pessoas não lugares pelos quais ações, tais como mandar (306) ou governar (307), são permitidas em conformidade ao "posicionamento", isto é, desse lugar metaforizado. No exemplo (305) observamos que Affonso governa dentro do nome de Deus, de acordo com Deus. A seguir, exemplos em que a expressão *no caso* é repetida:

(308) Concederei sequizerem que os Pilotos tinhaõ co-
nhecimento da Costa: Até **nesse cazo** naõ sedeve prezumir,
que o ingresso foi pela3ª. barra;
[DS L 583]

[113] Cf. Almeida ML (1983) e subseção *5.1.3 O elemento em estabelece relações entre MCI*.
[114] Nos exemplos (305), (307) e (308), nota-se mais uma vez um uso mais conjuntivo do que preposicional da expressão, pois ela estabelece uma relação entre nomes e verbos.

(309) q*ue* oReyDoador,
reconhecia aod*it*o Martim Aff*ons*o por Senhor daterra aonde
aFortaleza sehavia levantar? **Nocazo** de elle ter reparti-
do as duas Cap*itani*as pela barradeS*aõ* Vicente, ficariaõ as terras
deMartim Aff*ons*o distantes daBertioga,
[DS L 1008]

(310) aoditoMartim Affonso Senhor daIlha, sem
estalhepertencer: quefaria **nesta cazo** outro qualquer vassallo;
deinferior qualidade?
[DS L 1028]

(311) Aspalavras eoutro sim arquem diferença **nestecazo**, emos=
tra, que reputava diversas as Doaçoês, eCapitanias; omesmo
[DS L 1488]

A expressão *no caso* introduz reflexões ao discurso, as quais são limitadas pelo elemento *em*. O conceptualizador perspectiviza um local figurado, via metáfora, e a partir dele hipóteses são criadas[115].

Nesses exemplos, a expressão *no caso* e as respectivas variações criam, com exceção do exemplo (311), uma situação, ou seja, uma circunstância hipotética cujo objetivo é fundamentar a tese do autor (Frei Gaspar da Madre de Deus). Por esse motivo, há a incidência da metáfora circunstâncias são lugares.

No exemplo (311), como é possível observar, o autor não cria uma hipótese, mas argumenta que as palavras fazem diferença no caso que está sendo analisado. A seguir há outros exemplos com essa mesma expressão:

(312) Naõ existe lepra que possa assegurar-se
adequerida neste territorio, **no** mesmo **ca**_
so tisicas e escrofulas.
[DMA L 202]

(313) Subordinados a estas camma_
das achaõ-se grandes jazigos de ferro
cuja origem ignea, **em** muitos **casos**
naõ admitte duvida,
[DMA L 277]

[115] Observamos que esses exemplos são próximos aos analisados na subseção *5.1.2.8 O elemento em limita seu escopo: tópicos discursivos são lugares.*

(314) A naturesa d'este combustivel eseu
vallor commercial, ainda naõ estaõ
conhecidos. Estas amostras natu=
ralmente saõ deterioradas pelas a_
guas e naõ podem servir para
ensaios. **Em** todo **o caso** de=
ve este combustivel servir para
fundir vidro,
[DMX L 500]

Nos exemplos (312) a (314), a expressão *no caso* também promove a criação de uma circunstância - *a existência da lepra, a origem das jazidas de ferro e a utilidade do combustível* - ou seja, um local figurado, imaginado, no discurso proferido pelo conceptualizador.

Esses exemplos diferem-se dos anteriores, pois no meio da expressão observamos o uso pronomes – *mesmo* e *todo* – e adjetivo – *muito*. Esse fato demonstra que a expressão está em processo de formação de um *chunk*, ou seja, *chunking*. Na sequência, observa-se ocorrências da expressão *na verdade*:

(315) depuzeraõ os Camaristas deSaõ Vicente
oCapitam Mor, eOuvidor nomeado peloConde, aos 30 de=
Novembro de1622, restituiraõ áCondeça naõ somente as ter-
ras, que **naverdade** lhepertenciaõ, mas tambem algumas de-
Pedro Lopes, que costumavaõ reconhecer por Senhores,
[DS L 292]

(316) Nemhùa palavra regularaõ se pela
divizaõ doProcurador Fernam Vieira Tavares, ecom as50.
legoas, que **naverdade** pertenciaõ ao Marquez vendedor, empoSsa=
raõ aCoroa das Ilhas deSaõ Vicente, eSanto Amaro,
[DS L 369]

Nos exemplos (315) e (316), é possível perceber que o conceptualizador limita o tópico discursivo *na verdade*, contribuindo para sua credibilidade argumentativa, revelando, por meio dessa metonímia, seu julgamento pessoal a respeito do assunto

(LANGACKER 1993; SOARES DA SILVA, 2006, p. 137-138). Abaixo seguem exemplos com a expressão *em geral*:

O Municipio **em geral** é coberto de mat= mattas e capoeiras e somente em al=
guns lugares, principalmente nas mar=
gens dos Rios existem alguns gram=
mados artificiaes para creaçaõ de
gado vacum.
[DMX L 25]

(317) Da famillia dos hymeno-
pteros, temos muitas qualidades de ves
pas outras tantas de formigas escluin-
do a sahuva que naõ temos, e naõ
menos de maliponas, aqui **em ge_**
ral conhecidas por Abelhas, que
[DMX L 689]

(318) O terreno desta Comarca é **em geral** mui-
to montanhoso, sobre tudo a parte bai_
[DMA L 49]

Nos exemplos (317) a (319), o conceptualizador perspectiviza (KEWITZ et al., no prelo) uma determinada região de forma generalizada a partir do uso da expressão *em geral*.

Há uma focalização do termo que antecede a expressão *em geral,* respectivamente, *o município, aqui* e *o terreno desta comarca*. O limite projetado pela expressão não se restringe a uma parte dos locais referidos anteriormente, do contrário, o limite é projetado a todo o local focalizado pela metonímia. Os próximos exemplos apresentam a expressão *em cima de*:

(319) porque aCosta Austral, q*ue* se segue adiante do Cairussu;
etambem os Sertoês detodas as 100 legoas **em sima das=**
Serras conServaraõ mais algum tempo onome de Capitania
[DS L 217]

(320) partes distinctas que saõ a parte alta
em cima da mencionada serra Geral, si-
[DMA L 42]

(321) com as interiores dogolfo; eainda que serepartem por

inumaraveis aqueductos, hu
ns mais largos, outros me-
nos espaçozos, nunca seseparaõ, formando **emtorno**
das Ilhas**,** emanges, hum corpo fluido, homogeneo, por-
[DS L 482]

Nos exemplos (320) a (322)[116], vemos que preposições complexas (CASTILHO 2010) que determinam uma localização espacial, por ocorrência da heterossemia, também perspectivizam, via metonímia, os seus escopos e lhes projetam o sentido de limite, como vimos na atuação isolada do elemento *em.* Esse mesmo processo ocorre com expressões que indicam tempo:

(322) toda a superioridade, *que*antes só
rezedia nos Governadores Geraes doEstado; odahi **emdiante,**
já sem rebuço, esó compretexto doServ*iç*o deElRey arroga-
raõ asi os Generaes doRio deJaneiro, quazi toda a jurisdi=
ção dos Donatarios, eultimamente naõ satisfeitos comter de-
zapossado, os herdeiros deMartim Affonso das suas terras
doNorte até aBarra deGuaratiba
[DS L 203]

(323) **Hoje em dia**
a navegaçaõ e feita por 2 vapo=
res pertencentes a companhia
[DMX L 131]

Nos exemplos (323) e (324), a expressão também parece promover a metáfora tempo é lugar e, por ocorrência da heterossemia, perspectiviza, via metonímia, os escopos e lhes projeta o sentido de limite temporal no qual uma determinada ação - escopo sublinhado - ocorre.

Seguindo a classificação prototípica, abaixo apresentamos exemplos nos quais as expressões já apresentam *status* de unidade; em outros termos, há *chunks* que se formaram em razão da repetição ao longo da história da língua.

[116] Embora essas expressões não apresentem o aspecto da rotinização, ou seja, repetição, é possível observar, pela inerente visão sincrônica dos dados, que elas já possuem um certo *status* de unidade.

5.2.2 Os chunks e as palavras

Apresentamos nesta seção exemplos que embora ainda demonstrem o processo de formação de *chunks* tal fato ocorre na diacronia, pois na sincronia, as formações já são consideradas como palavras e não mais como expressões.

A seguir, há a exposição, nesta ordem, de exemplos do processo de formação dos *chunks* que formaram as seguintes palavras: *enquanto, enfim e entestar.* Ademais, eles fomentam também que, por ocorrência da heterossemia, o elemento *em* pode ser usado como preposição ou como prefixo:

I. Enquanto

(324) pes: [espaço] Aconducta domesmoPedro Lopes, **emquanto** vi=
veohé optima confirmaçaõ, deque conhecia aMartim Affonso
[DS L 1090]

(325) deGuaibe, nem se houvio onome Capitania deSanto Amaro,
em quanto viveoPedro Lopes. [espaço] As sesmarias mais anti=
gas todas falaõ na Ilha com onomede Guaibe posto pelos
[DS L 1625]

(326) **Enquanto** senaõ criou aVilla deSantos, otermode
deS*aõ* Vicente comprehendia toda aCosta povoa-
da, eos Sertoẽs correspondentes, más quando oPorto deSan-
[DS L 1858]

(327) o Santissimo Sacramento, e crianças por
baptisar, vendo nós esta empiedade man_
damos prometter cento e cincoenta mil
reis de congrúa por anno **em quanto** Sua
[p.39] Magestade naõ fizer congrúa, mandou
o Illustrissimo Senhor Governador do Bispado Paulo
de Sousa Rocha que desse cento e cincoen_
ta oitavas de ouro, oque aceitamos por
necessidade **em quanto** for Vigario nesta
Villa o Reverendissimo Jose Manuel de
Santa Thereza de Jezus.
[DMA L 1364 e 1369]

(328) turalmente muito variado. **Em**
quanto as margens da Ribeira possu_
em um clima quasi intertropical
[DMX L 243]

II. Enfim

(329) amadodoRey
pelo ter servido, quando eraPrincipe, **emfim** sugeito, em-
quem comcorria a circunstancia deser Primo muito estimado
deDom Antonio deAttaide primeiro Conde daCastanheira,
eválido doRey.
[DS L 895]

(330) cepecastigar aPedroLopes, tomando para áCoroa asterras
desteDonatario pelo mao governo de outro. [espaço] **Emfim** o
requerimento dos Povos convence, que elles se reputavaõSoldados
deMartim Affonso, eque naõ reconheciaõ porSenhor aPedroLo=
[DS L 1987]

(331) findaõ naBarra daBertioga; porque os mo
radores daCosta naõ estaõ porisso, equerem que acabem muito an=
tes de lá chegarem: [espaço] **Emfim** quando naõ sejacerta, ao-
menos sehé duvidoza arepartiçaõ pelabarra daBertioga,
[DS L 1131]

(332) Vicente, edepois deSantos. Teve hùa Neta Cazada
com Joaõ Adorno, hum dos Capitaẽs daArmada, aquem oPadre
Vasconcellos chamaFidalgo Genovez **emfim** todos orespei-
tavaõ muito por sua qualidade, emuito mais pela aliança com
[DS L 1419]

III. Entestar [117]

(333) , da Ilha deSaõ Vicente, a onde chamaõ Anguaguassu, a-
, qual terra subirá pela serra acima, ate o cume edahi em
, beiçará: [espaço] edahi virá **emtestar** com orio adiante, que está da
, banda doNorte porelle abaixo ate iguar porterra, ooutro
, rio, quetem hum outeiro, edahitornará dentro ahumPinhal,
[DS L 796]

(334) , que está naborda doCampo, edahi virá pelo caminho; que vem
, daPiratinimga a **intestar** com aSerra, que sechamaMoro-
[DS L 800]

(335) , ve, edahi dentro dope daSerra deTrocarai, evirá dentro por-
, este rio a **intestar** com aIlha Carimaquara, e entaõ pelo Rio
[DS L 802]

(336) , deSaõ Vicente, tornará a intestar, com adita Serra deTapuibetera,
, onde começou apartir.
[DS L 803]

(337) Se sefizer hùa vestoria geral digo ju
decial, haSse deconhecer, comtoda a certeza, que oRio deSaõ Vicente
por onde aCarta manda ir, até **intestar** com aSerra deTapui-
betera
[DS L 807]

---

[117] O termo significa *confrontar*.

É importante ressaltar que o conceito da heterossemia prevê o convívio entre a preposição e o prefixo *em*. Logo, não há a concepção de que um elemento era inicialmente preposição e passou a ser um prefixo, mas que o elemento *em*, por ocorrência da heterossemia, pode funcionar como preposição ou como prefixo.

Esses exemplos, (325) a (338), ilustram a atuação da heterossemia, pois, pela própria grafia, como nos dados do *emfim*, *emtestar* ou *em quanto,* o conceptualizador parece não diferenciar a preposição do prefixo. Contudo, uma análise qualitativa desses dados revela que esses *chunks* (na diacronia, pois na sincronia já são palavras), já possuíam um status de unidade, pois há um uso conjuntivo (*enquanto* e *enfim*).

Nos exemplos do conjunto III, *entestar*, o elemento *em* parece fazer parte não de um processo de prefixação, mas de parassíntese, uma vez que *testar* formaria outro verbo com outra significação e *entesta* seria uma conjugação do verbo entestar formado pelo processo de parassíntese: *en- + testa + -ar*. [118]. Os dados foram apresentados, pois embasam o conceito de heterossemia, demonstrando que o elemento *em* pode atuar em categorias diferentes.

Esses dados são evidências de que há uma relação entre preposições e prefixos, a qual, por sua vez, já teve início no latim, como vimos no capítulo *2. Revisão da literatura*, e perpetuou-se no PB.

Finalizando esta subseção, abaixo apresentamos mais construções que, sincronicamente, já possuem *status* de unidade; contudo, percebe-se em documentos antigos o processo de formação dessas unidades, *chunkings*, visto haver fronteira entre as palavras:

---

[118] A discussão ultrapassaria nossos objetivos neste trabalho, por esse motivo nos limitamos a esta breve explicação que pode ser retomada em estudos futuros cujo objeto venha a ser somente o prefixo *en-*.

(338) Aoutra (capitania) com punha-se de50legoas: as primeiras10,
ficaõ entre osRios Juqueriquere, eSaõ Vicente, **em cravadas**
quazi nomeio dasterras dodito Martim Affonso; como tenho
[DS L 242]

(339) Todas as100 legoas deMartim Affonso achaõ-se agora
em corporadas na Coroa, eseos herdeiros nadapoSsuem:
, da Ilha deSaõ Vicente, a onde chamaõ Anguaguassu, a-
[DS L 394]

(340) que pelo **em barasso** das Caxoeiras, esaltos naõ podem subir. O
[DV L 355]

Mesmo que essas construções - *em cravadas, em corporadas* e *em barasso* - não tenham se repetido no documento, elas demonstram, pela separação do elemento *em*, que (1) as preposições e os prefixos possuem uma relação na língua e que o falante (ou autor em nosso caso), (2) não consegue, por esse motivo, estabelecer graficamente uma rígida separação entre esses elementos. Pelo próprio exemplo é possível notar que funcionalmente essas construções já são palavras, respectivamente, dois particípios e um substantivo.

No exemplo (340) parece também ter ocorrido o processo de parassíntese, assim como nos dados de *entestar* vistos anteriormente. A palavra *emcorpo* seria a conjugação do verbo *emcorporar* formado por parassíntese e *corporada* não possui existência na língua.[119]

No caso de *em cravadas*, a palavra *encravo* também seria a conjugação do verbo *encravar* e *cravada* o particípio do verbo *cravar*. Tal fato demonstra, portanto, que nesse caso não houve parassíntese e sim prefixação.

No exemplo (341), a palavra *baraço*, do árabe, significa “corda, cordel” (CUNHA, 2013/1982). O elemento *em* nesse caso atua como prefixo unindo-se ao substantivo *baraço.* Dessa forma, o verbo *embaraçar* parece não ser resultado de

[119] Conforme dados do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

um processo de parassíntese, mas sim de um verbo formado a partir de um substantivo.

Essa breve reflexão aqui exposta tem como intuito fechar a nossa discussão a respeito das preposições e prefixos elaborada no início deste trabalho no capítulo *2. Revisão da literatura*. Como explanado, já no latim as preposições passaram a ser usadas como prefixos; e estes, por sua vez, não foram estudados tanto quanto as preposições o foram.

Neste trabalho, decidimos estudar o elemento *em* atuando como preposição a fim de investigar suas funções semântico-cognitivas, contudo, não ignoramos o fato de esse mesmo elemento ter uma atuação como prefixo, formando, como vimos, pelos processos da heterossemia e da rotinização, os *chunks*. Diante do que foi exposto, ressaltamos a importância da investigação dos prefixos em estudos futuros.

5.3 Considerações sobre o capítulo

Através de uma classificação prototípica dos dados (LAKOFF 1990/1987), nessa seção nós apresentamos o funcionamento do elemento *em* (1) prepositivo e (2) na formação de *chunks* (BYBEE 2010 p. 34), ou seja, sob o *status* de preposição complexa (CASTILHO, 2010).

Para essa análise, usamos os pressupostos de Kewitz et al. (no prelo) em relação à atuação semântico-cognitiva das preposições e os sentidos históricos[120] (NUNES 1930, FARIA 1958, MAURER Jr. 1951, 1959, COUTINHO 1962/1938, SAID

[120] Seguimos o que foi feito por Ilari et al. (2015). Os autores utilizam os sentidos históricos para a análise da polissemia das preposições.

ALI 1964/1921, CÂMARA Jr. 1979/1975, ALMEIDA NM 1983, CART et al. 1986/1955) desse elemento organizados e sintetizados no capítulo *2. Revisão da literatura*.

Munidos de uma concepção multissistêmica, e, portanto, pancrônica da linguagem, nos foi possível, através desses critérios de análise, observar o processo de semanticização do elemento *em,* sem ter que usar para tal a semântica composicional (CHIERCHIA, 2003).

Em nossa análise, nós ponderamos por observar o contexto, em conformidade com a visão de ARAUJO (2009, 2011), mas com o intuito de buscar padrões gerais do funcionamento semântico do elemento *em.* Desse panorama, nós conseguimos organizar os dados funcionalmente (KEWITZ et al., no prelo) e analisá-los por meio dos sentidos históricos, diminuindo consideravelmente a quantidade de categorias que, anteriormente, em outras pesquisas, foram atribuídas ao nosso objeto de estudo.[121]

Dos nossos objetivos iniciais, através dessa análise, constatamos que de fato as preposições, inclusive as complexas (CASTILHO 2010), são capazes de desempenhar as três funções semântico cognitivas propostas por Kewitz et al. (no prelo) a partir de Lakoff (1990/1987), que são: (1) exprimir um EI, (2) estabelecer relações dentro de um MCI e (3) entre MCI; ademais, reparamos que de fato há uma relação entre os sentidos históricos do elemento *em* e a função que ele desempenha:

[121] Cf. seção *2. Revisão da literatura*.

Quadro 20: Relações entre os sentidos e as funções sintático e semânticas

	Sentidos históricos	**Funções semântico-cognitivas da preposição *em***
In + caso ablativo	Interioridade Limitar um lugar	Exprimir um EI
		Estabelecer relações dentro de um MCI
In + caso acusativo	Direção/objetivo Modo/maneira Resultado a que se chega (transformação)	Estabelecer relações entre MCI

Observamos que pela transposição dos EI CONTÊINER e TRAJETO é gerada a polissemia da preposição *em.* Indo contra à grande quantidade de sentidos atribuídas ao elemento *em*, como visto no capítulo *2. Revisão da literatura*, demonstramos pela relação entre os sentidos históricos e as funções semântico cognitivas das preposições que “a polissemia não se caracteriza pelo pertencimento de vários significados a uma unidade lexical, e sim pela potencialidade de uma unidade lexical evocar mais de um significado.” (LEMOS DE SOUZA, 2010, p. 56).

Além disso, ao investigar os sentidos de modo/maneira, causa/consequência e até o processo de *chunking* – em especial as expressões *em virtude de* e *em nome de*, notamos um uso mais conjuntivo do elemento *em* do que prepositivo. Nossas observações foram breves, contudo, ao consultarmos a literatura (ALMEIDA ML 1983), observou-se que tal relação é possível; embora não seja nosso objetivo, deixamos essa breve reflexão para ser desenvolvida em estudos futuros, podendo até mesmo relacioná-la com o estudo da relação entre preposições e prefixos.

Por fim, abrimos essa subseção falando sobre a classificação prototípica, ciclicamente, encerremos-na retomando a questão. Para não haver exclusões na classificação dos sentidos polissêmicos do elemento *em,* nós preferimos a classificação prototípica, em detrimento à clássica e discreta, pois esta,

inevitavelmente, não é capaz de cobrir dados radiais (LAKOFF 1990/1987) que estão em caráter transitório e, como visto nessa análise, o elemento *em,* por influência da própria heterossemia, seja na primeira ou segunda instância, está sempre em caráter transitório, pois não soma sentidos, mas os projeta e ativa nos variados contextos, através do funcionamento do DSC (CASTILHO 2010).

6. Considerações finais e horizontes da pesquisa

No capítulo *2. Revisão da literatura*, discutimos os estudos do latim, históricos, normativos, descritivos e também cognitivos direcionados ao elemento *em,* seja preposição ou prefixo. A partir dos sentidos oriundos do latim e das gramáticas do PB, empreendemos uma releitura dos exemplos da preposição *em* concedidos pelos estudos normativos, descritivos e cognitivos.

Do exercício descrito acima, além de conseguirmos reduzir a quantidade de categorias semânticas que os estudos haviam concedido à preposição *em*, também nos foi possível perceber uma regularidade em seu funcionamento semântico. Ora a preposição focalizada seu escopo, ora estabelecia relação entre as palavras que a antecedia e a sucedia.

Optamos na ocasião pelo estudo do elemento *em* atuando como preposição em razão da regularidade funcional e semântica observada, contudo, não deixamos de tecer considerações sobre os prefixos.[122]

Para os estudos dos processos de semanticização do elemento *em,* sob um prisma funcional, adotamos, como já feito por outros autores (KEWITZ et al. no prelo, ILARI et al. 2015), “um programa de pesquisa que se caracteriza pela aproximação entre uma teoria e uma abordagem” (KEWITZ et al., no prelo), respectivamente, a LC e a AM.

Embora a AM permita este diálogo teórico, uma ressalva é importante ser feita em relação a esta aproximação. A AM, ao considerar a língua como um multissistema, define a como um conjunto de processos e produtos organizados em

[122] À frente retomamos a discussão.

um multissistema comandado pelo dispositivo sociocognitivo, rompendo com (1) a hierarquia entre léxico, gramática, semântica, discurso; (2) a centralização dos sistemas; e (3) o ideal unilinear dos sistemas e categorias linguísticas (CASTILHO, no prelo).

Sob essa perspectiva teórica, nos foi permitido nesse trabalho (1) dialogar com a LC, conjunto de teorias que, como vimos, embora recente, já desenvolveu diversos estudos voltados ao funcionamento da cognição humana e processamento do sentido (LAKOFF & JOHNSON 1985/1980, JOHNSON 1987, LAKOFF 1990/1987), (2) recorrer a fontes históricas do sentido, a fim de utilizá-los como guia em nossa análise[123] e (3) explicar como a heterossemia em uma instância promove diferentes perspectivas de uma cena e em outra permite que esse processo ocorra em diferentes categorias linguísticas (KEWITZ et al., no prelo).

Em outras palavras, ainda que todos estudos apresentados e discutidos nesse trabalho pertençam a diferentes perspectivas teóricas, por enfatizarem diferentes categorias da língua, cada uma contribuiu para o estudo do elemento *em* uma vez que a Abordagem Multissistêmica (CASTILHO 2010) integra todos os **processos** e categorias que envolvem a criação e transformação das línguas naturais. Como já explicitamos, a AM inova no sentido de estudar a língua sob a perspectiva dos sistemas complexos entendendo-a como um multissistema, ou seja, ela não é uma nova teoria, mas uma outra abordagem da língua.

Reduzimos a quantidade de categorias semânticas a partir de três funções semântico-cognitivas desempenhadas pelas preposições com base nos sentidos históricos delas. Na nossa análise, também foi importante analisar o contexto de uso do elemento *em* (OLIVEIRA 2009, 2011), para, por exemplo, distinguir as funções

[123] Cf. Capítulo 2. *Revisão da literatura.*

semântico-cognitivas desempenhadas pelas preposições (KEWITZ et al., no prelo). Todavia não usamos a semântica composicional[124] para estabelecer o sentido do elemento *em*, mas a função que estabelece entre os termos do contexto do dado.

Através desse estudo, comprovamos que de fato a heterossemia, por um lado, permite que as preposições, no caso o elemento *em,* perspectivizem de maneiras diferentes uma mesma cena, podendo, portanto, (1) exprimir um EI, (2) estabelecer relações dentro de um mesmo MCI ou (3) entre MCI (LAKOFF 1990/1987, KEWITZ et al., no prelo).

A partir dessas funções, estabelecemos uma classificação prototípica das ocorrências do elemento *em* (LAKOFF 1990/1987), observando assim sua potencialidade polissêmica (Ilari et al. 2015) sem excluir representantes radiais. O interessante dessa classificação foi provar que a língua é pancrônica e dinâmica[125].

Observou-se também que em alguns casos, em especial, quando o elemento em estabelece relações entre MCI e ativa os sentidos de modo/maneira e causa/consequência no enunciado, ele pode ter um uso mais conjuntivo do que preposicional. O fenômeno foi visto com as expressões *em virtude de* e *em nome de*.

No capítulo 2, destinado à revisão da literatura, embora nosso estudo esteja direcionado ao elemento *em* enquanto preposição, em relação ao prefixo *en-*, e demais variações gráficas e fonéticas, a revisão das gramaticas latinas nos mostrou que havia dois prefixos *in-* latinos. Um que correspondia a preposição latina *in* e outro que, mesmo que a grafia fosse a mesma, a semântica era de negação e era usado apenas como prefixo.

---

[124] Cf. Chierchia (2003).
[125] No sentido da Abordagem Multissitêmica, isto é, que está em constante transformação e não é estática.

Na revisão das gramáticas históricas do português, e também normativos, notou-se que o prefixo latino *in-* cuja origem era também a preposição latina *in*, transformou-se, no português, no prefixo *en-*, que pode ser grafado e fonetizado como: *en-, em-, e-* e como *in-*.

Por outro lado, o prefixo latino *in-* cuja semântica é de negação manteve-se, no português, com o mesmo o sentido e a grafia/fonética sofreu poucas alterações: *in-, im- ou i-.*

Complementando, o estudo dos *chunks* ilustrou que a heterossemia permite que um mesmo elemento possa atuar em diferentes classes de palavras, ou seja, em outras categorias linguísticas (KEWITZ et al., no prelo). Embora uma expressão possa ganhar *status* de unidade por ocorrência da rotinização (LANGACKER 1987), como vimos, há casos em que as "preposições complexas" formadas pelo *em* mantém as funções da preposição *em*, e também os sentidos correspondentes.[126]

Essa parte da análise contribuiu para fomentar nossas primeiras reflexões em relação ao estudo dos pares de preposição-prefixo. Na revisão da literatura consideramos a possibilidade de os prefixos serem originados das preposições, processamento que já teve início na língua latina e, por ocorrência do *chunking* (KEWITZ et al., no prelo), também é observado na língua vernácula. Essa constatação abre possibilidades para pesquisas sobre os prefixos no português.

[126] Por meio da análise, percebemos que há um caminho para o estudo das preposições complexas as quais pareciam não "ter um estatuto categorial próprio" (CASTILHO, 2010, p. 588). Analisá-las pela sua funcionalidade semântico-cognitiva em uma classificação prototípica parece mais interessante, pois elas precisam de um estudo que não as defina como uma classe fechada de palavras (ILARI et al., 2015), mas que a todo momento podem ganhar novos integrantes, ou seja, também está em constante transformação.

Referências Bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. VOLP – **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.** Editora Global. São Paulo: 2009.

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. **Preposições, advérbios e conjunções: um estudo de reanálise.** 1983. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina: curso único e completo.** 19. ed. São Paulo: Saraiva, 1983.

ALVES, Ieda Maria. Derivação prefixal. In: RODRIGUES, Angela; ALVES, Ieda Maria (Org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil:** a construção morfológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2015. p. 17-56. Vol VI.

AMIOT, Dany. **L'antériorité temporelle dans la prefixation en français.** Villeneuve D'ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1997.

_____. Préfixes ou prépositions? Les cas de sur(-), sans(-), contre(- et les autres. In: **Lexique**, 16, Villeneuve D'ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2004, p. 67 - 83.

BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical.** São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares.** Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. 6, n. , p.11-26, dez. 2010.

BECHARA, Evanildo, **Moderna Gramática Portuguesa.** 38 ed. ver. ampli. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1961 [1933].

BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

BYBEE, Joan. Language, Usage and Cognition. Londres: Cambridge University Press, 2010.

CANÇADO, Márcia. **Argumentos: complementos e adjuntos.** Alfa, São Paulo, v. 1, n. 53, p.35-59, 2009. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1676>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CART, Adrier. et al. **Gramática latina.** Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: EDUSP, 1986. Primeira edição (1955)

CASTILHO, Ataliba de. (Org.), **História do Português Paulista**. Série Estudos. Vol. I. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____. (no prelo) Capítulo 1: O que se entende por língua e por gramática, In: **Nova gramática do português brasileiro.** 2ª edição. Ms.

_____ . Princípio de projeção. In: A.P.Sedrins; A.T. Castilho; M.A. Sibaldo; R.B. de Lima. (Org.). **Princípio de Projeção.** 1a. ed. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2012, v. , p. 29-64.

CÂMARA JR, Joaquim Matoso. **História e estrutura da Língua Portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. Primeira edição (1975)

_____. **Princípios de Linguística Geral.** 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

CHIERCHIA, Genaro. **Semântica.** Campinas: UNICAMP, 2003. Tradução Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari.

COUTINHO, Ismael de Lima. 1900 – 1965. **Pontos de Gramática Histórica.** 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962. Primeira edição (1938)

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4.ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexicon 2013. Primeira edição (1982)

CUNHA & CINTRA, Celso. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DEWELL, Robert. Dynamic patterns of CONTAINMENT. In: HAMPE, Beate; GRADY, Joseph E. (Ed.). **From perception to meaning : image schemas in cognitive linguistics.** New York/Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 369-394. (Cognitive linguistics research; vol. 29).

EYSENCK, Michael W.; KEANE, Mark T. **Cognitive Psychology.** 5. ed. New York: Psychology Press, 2010.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, Dirk (Org.). **Cognitive Linguistics: Basic Readings.** Berlin: Mouton de Gruyter Berlin, 2006. (Cognitive linguistics research). V. 34.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Org.). The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics. New York: Oxford University Press, 2007.

GIBBS JR., Raymond W.; COLSTON, Herbert L.. Image Schema. In: GEERAERTS, Dirk (Org.). **Cognitive Linguistics: Basic Readings.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. Cap. 7. p. 239-266. (Cognitive linguistics research). v. 34.

GRADY, Joseph E.. Metaphor. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Org.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics.** New York: Oxford University Press, 2007. Cap. 8. p. 188-213.

HAMPE, Beate; GRADY, Joseph E. (Ed.). **From perception to meaning : image schemas in cognitive linguistics.** New York/Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. (Cognitive linguistics research; vol. 29)

ILARI, Rodolfo et al. A preposição. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português culto falado no Brasil:** Volume IV: palavras de classe fechada. São Paulo: Contexto, 2015. p. 163-310.

ILARI, Rodolfo. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil:** Volume IV: palavras de classe fechada. São Paulo: Contexto, 2015.

JOHSON, Mark. **The body in the mind : the bodily basis of meaning, imagination, and reason.** 2. ed. Chicago: University Of Chicago Press, 1987.

KATZ, Jerrold J.; FODOR, Jerry A. **The structure of a semantic theory.** Language, 1983, 39.

KEWITZ, Verena. **Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no português brasileiro (séculos XIX e XX).** 2007. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KEWITZ, Verena; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; LEMOS DE SOUZA, Janderson; GONÇALVES, CARTos A. As preposições: aspectos históricos e usos atuais. In Castilho / Lopes (Orgs., no prelo) **Mudança gramatical no Português Brasileiro.** Volume III - Tomo 2: Mudança gramatical na perspectiva funcionalista-cognitivista. A sair em 2016.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Les métaphores dans la vie quotidienne.** Paris: Éd. de Minuit, 1985. Traduit de l'américain par Michel Defornel avec la collaboration de Jean-Jacques Lecercle. Original inglês (1980)

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor.** Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things:** What categories reveal about the mind. Chicago: University Of Chicago Press, 1990. Original inglês (1987)

_____. Conceptual metaphor. In: GEERAERTS, Dirk (Org.). **Cognitive Linguistics: Basic Readings.** Berlin: Mouton de Gruyter Berlin, 2006. Cap. 6. p. 185-238. (Cognitive linguistics research). v. 34.

LANGACKER, Ronald W.. **Reference-point constructions**. In: NEWMAN, John (Org.). **Cognitive Linguistics.** Berlin: Walter de Gruyter, v. 4, n. 1, p. 1-38, 1993.

_____. Sequencial and summary scanning: a reply. In **Cognitive Linguístics**, vol. 19-14, p. 571 - 584, 2008.

LEMOS DE SOUZA, Janderson Luiz. **A distribuição semântica dos substantivos deverbais em -ção e -mento no português do Brasil: uma abordagem cognitiva.** 2010. 155 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Letras, Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LICHTENBERK, Frantisek. **Semantic Change and Heterosemy in Grammaticalization**. Language. 67 (3): 475-509, 1991.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). **Para a história do português brasileiro: primeiros estudos.** São Paulo: Humanitas, v. 2, p. 539-549, 2001.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. **A unidade da Romênia Ocidental.** São Paulo: Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo N. 126, 1951. (Filologia Românica; n. 2).

_____. Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar.** 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MIOTO, CARTos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; Lopes, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo manual de sintaxe.** 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional.** 1997.

_____. **Gramática de usos do português.** 2 ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NUNES, Susana Margarida da Costa. **Prefixação de origem preposicional na língua portuguesa.** 2011. 343 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Línguas e Literaturas Modernas, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17895/3/Susana Nunes - Prefixação de Origem Preposicional na Língua Portuguesa.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

OLIVEIRA, Aparecida de Araújo. **Relações semântico-cognitivas no uso da preposição 'em' no português do Brasil.** 2009. 317 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8T9NRJ>. Acesso em: 15 out. 2016.

_____, **Mapeamentos metafóricos a partir do esquema imagético de contentor: o caso de em**. Rio de Janeiro: Revista da Abralin, v. 10, n. 2, Não é um mês valido! 2011. P. 43-65. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32059>. Acesso em: 15 out. 2016.

PEREIRA, Eduardo CARTos. **Gramática Expositiva.** 113 ed. São Paulo, Nacional, 1958.

PEREIRA DA SILVA, Lucas. **A produção de cartas da administração privada: análise de hábitos de escrita nos séculos XVIII e XIX na capitania de São Paulo.** 2015. 35 f. Monografia apresentada à conclusão da pesquisa - Ensinar com pesquisa da Pró-reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PERINI, Mário A., **Gramática descritiva do português.** 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

_____. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEIRSMAN & GEERAERTS, Yves and Dirk. **Metonymy as a prototypical category**. 2006 Disponível em: < https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/199322/3/Peirsman_Geeraerts_2006final_metonymy_prototypical_category.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2016.

PROJETO PHPP II, Disponível em: <http://phpp.fflch.usp.br/>. Acesso em: 20 jul. 2015.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Serões Gramaticais ou nova gramática portugueza.** Salvador: Catilina, 1919.

ROCHA LIMA, CARTos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 51. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SAID ALI, Manuel. G**ramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa.** 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasilia, 1964. Primeira edição (1921)

SILVA NETO, Serafim. **História da Língua Portuguesa.** 6. ed. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1992.

SIMÕES, José da Silva. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro.** 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-04102007-140928. Acesso em: 2016-04-09.

SOARES DA SILVA, Augusto. **A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística**, *Revista Portuguesa de Humanidades*, 1: 59 - 101, 1997.

SOARES DA SILVA, Augusto. **O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição.** ed. 1, 1 vol.. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics: concept structuring systems**. Cambridge: The MIT Press, 2000. v. 1.

TAVARES DA SILVA, João CARTos. **O papel da metonímia nas formações X-eiro(a).** In: III Semana Acadêmica de Letras do Instituto Multidisciplinar, 2011, Rio de Janeiro. Programa e caderno de resumos da III Semana Acadêmica de Letras do Instituto Multidisciplinar. Nova Iguaçu: Imprensa Universitária UFRRJ, 2011. p. 64-65.

VANDELOISE, Claude. **Methodology and analyses of the preposition** In: Cognitive Linguistics, Berlin, v. 5, n. 2, p. 157-184, 1994.

_____. **Spatial prepositions: a case study from French.** Tradução: Anna R. K. Bosch. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. Original francês.

Referências dos *corpora*

KEWITZ, Verena; ARAÚJO Leandro S.; BERTO, Eloane. (Eds) **Edição semidiplomática do Manuscrito "Descripção do Municipio de Xiririca" (1881).** São Paulo: FFLCH/USP, 2016a. Disponível em: http://phpp.fflch.usp.br/corpus. Acesso em: 20 jul. 2016.

KEWITZ, Verena; ARAÚJO Leandro S.; BERTO, Eloane. (Eds) **Edição semidiplomática do Manuscrito "Discripção do Municipio da Villa de Santo Antonio de Apiahy" (1881).** São Paulo: FFLCH/USP, 2016b. Disponível em: http://phpp.fflch.usp.br/corpus. Acesso em: 20 jul. 2016.

MANOEL, Patricia Simone Ferucio; MORAIS, Priscilla Uvo. (Eds) **Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem: Fr. Gaspar da Madre de Deus:** Dissertação sobre as Capitanias de Santo Amaro e São Vicente. São Paulo: Usp, 2013. Disponível em: <http://phpp.fflch.usp.br/sites/phpp.fflch.usp.br/files/SIMÕES-MANOEL-MORAIS (2013, Eds.) ANTT PB COD AVULSOS 3-9 Frei Gaspar_Dissertação_1780_0.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MANOEL, Patricia Simone Ferucio; MORAIS, Priscilla Uvo. (Eds) **Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem: Francisco José de Lacerda e Almeida:** "Diario de viagem, que de Villa Bella deMatto-Grosso fis para a Cidade deSaõPaulo pelas ordinarias derrotas de terra, eRios que delle constar no anno de 1788. São Paulo: Usp, 2013. Disponível em: <http://phpp.fflch.usp.br/sites/phpp.fflch.usp.br/files/SIMÕES-MANOEL-MORAIS (2013, Eds.) BNL PBA 642 1788_Francisco José de Lacerda e Almeida.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.